DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROCESSOS SOCIOEDUCATIVOS E PRÁTICAS ESCOLARES

MAYRA FERNANDA SILVA DE SOUZA

ENTRE A OPORTUNIDADE E A SEGREGAÇÃO: estudo sobre o projeto profissional dos adolescentes do terceiro ano do Ensino Médio de Bambuí/MG

São João Del-Rei
Fevereiro de 2014

MAYRA FERNANDA SILVA DE SOUZA

ENTRE A OPORTUNIDADE E A SEGREGAÇÃO: estudo sobre o projeto profissional dos adolescentes do terceiro ano do Ensino Médio de Bambuí/MG

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de São João Del-Rei, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Professor Doutor Gilberto Aparecido Damiano

UFSJ
São João Del-Rei
Fevereiro de 2014

MAYRA FERNANDA SILVA DE SOUZA

ENTRE A OPORTUNIDADE E A SEGREGAÇÃO: estudo sobre o projeto profissional dos adolescentes do terceiro ano do Ensino Médio de Bambuí/MG

BANCA EXAMINADORA:

_____

Professor Doutor Gilberto Aparecido Damiano (Orientador)

_____

Professora Doutora Márcia Stengel

_____

Professora Doutora Lúcia Helena Pena Pereira

_____

UFSJ
São João Del-Rei
Fevereiro de 2014

DEDICATÓRIA

Ao meu esposo Éverton, pelo apoio e respeito, e a Laura, minha querida, pela inspiração e motivação para finalizar este ciclo.

AGRADECIMENTO

É uma grande alegria chegar ao término desta dissertação e poder agradecer, com profunda sinceridade, a tantas pessoas especiais que, de alguma forma, direta ou indireta, me ajudaram a realizar este sonho.

A Deus, que me abençoou e me fortaleceu durante esta caminhada de dois anos.

Ao meu orientador, o Professor Doutor Gilberto Aparecido Damiano, pela liberdade, persistência, paciência e ensinamentos que foram fundamentais para a concretização desta dissertação.

À CAPES, pelo apoio institucional, financiamento e disponibilidade para a confecção desta dissertação.

Às professoras que compuseram a Banca de Qualificação: Márcia Stengel e Lúcia Helena Pena Pereira, pelas valiosas sugestões, críticas sinceras dadas a esta pesquisa e pela leveza que trouxeram às discussões.

Aos adolescentes que, através de sua disponibilidade e interesse, fizeram possível este trabalho.

Aos meus pais, Edson e Tânia, e meus irmãos, Paula e Santiago, por contribuírem, de diversas formas, com o meu desenvolvimento pessoal e profissional.

Aos colegas com quem convivi nesse processo, em especial Flávia, Marcos, Max, Joyce e Ana Clara, pelo encorajamento nas horas de desânimo e pela preciosa companhia nos divertidos almoços.

Aos meus amigos que são exemplos de dedicação e perseverança: Daniela e Mardem, motivadores do meu desejo em fazer o Mestrado. Nunca esquecerei o quanto me ajudaram nesse processo.

Aos demais amigos e amigas que participaram dessa minha jornada na UFSJ, em especial: Hugo, Izabela, Lívia e Larissa.

Aos professores do Programa de Mestrado em Educação da UFSJ, que contribuíram para a minha formação acadêmica.

O Pequeno Burguês

Felicidade!
Passei no vestibular
Mas a faculdade
É particular
Particular!
Ela é particular
Particular!
Ela é particular...
Livros tão caros
Tanta taxa pra pagar
Meu dinheiro muito raro
Alguém teve que emprestar
O meu dinheiro
Alguém teve que emprestar
O meu dinheiro
Alguém teve que emprestar...

Martinho da Vila

RESUMO

A fase da adolescência é marcada por inúmeras transformações, sendo de natureza biopsicossocial. Essa fase do desenvolvimento também é assinalada por várias escolhas que são particularmente importantes. Uma delas é quando os adolescentes começam a "determinar" o que querem para o seu projeto profissional, sendo a profissão uma das primeiras determinações. Nesse sentido, a presente pesquisa investigou quais são os projetos profissionais dos adolescentes matriculados no terceiro ano do Ensino Médio de duas escolas do município de Bambuí/MG: a Escola Estadual João Batista de Carvalho e a Cooperativa de Ensino de Bambuí – Rede Pitágoras. Para contemplar esse objetivo, foram identificados: o perfil socioeconômico desses estudantes; os fatores que interferem na construção do projeto profissional; e a expectativa familiar, na perspectiva dos próprios adolescentes. Em virtude desse percurso, considerou-se importante desenvolver teoricamente os conceitos de adolescência, identidade, identidade ocupacional, projeto profissional e expectativa familiar. O arcabouço metodológico se dividiu em duas fases, a primeira composta pelo levantamento bibliográfico sobre os conceitos norteadores e a segunda pela pesquisa de campo (aplicação do questionário), e procedido, por fim, pela análise dos conhecimentos advindos de todo o processo. Foram aplicados em 61 adolescentes de ambos os sexos, entre 16 e 20 anos um questionário semiestruturado com 25 questões. Os dados obtidos foram discriminados em gráficos e as respostas dos adolescentes de cada escola foram comparadas. O resultado das análises mostrou pontos divergentes entre os estudantes de ambas as escolas, como por exemplo: o padrão de vida de cada grupo de alunos, especificamente a diferença de renda entre as famílias da escola particular e da pública, dos cursos e universidades que cada grupo de alunos escolheu, a forma como os adolescentes de ambas as instituições percebem suas escolas e respectivamente sua função, principalmente em relação aos seus projetos profissionais. Enfim, as análises dos resultados demonstraram sim, uma discrepância na margem de possibilidades e oportunidades entre os alunos da escola pública com os alunos da escola particular.

Palavras-chave: Adolescente. Identidade. Identidade ocupacional. Projeto profissional. Expectativa familiar.

ABSTRACT

The stage of adolescence is marked by many changes, some of biopsychosocial nature. This phase of development is also marked by several choices that are particularly important. One is when teens begin to “determine” what they want for their professional project, the profession being one of the first determinations. In this sense, this research investigated what are the professional projects of adolescents enrolled in the third year of high school of two schools from Bambuí/MG: the State School João Batista de Carvalho and Education's Cooperative of Bambuí – Pythagoras Network. To contemplate this objective, the socioeconomic profile of these students was identified, the factors that interfere with the construction project life expectancy and family, from the perspective of adolescents themselves. Because this route, considered theoretically important to develop the concepts of adolescence, identity, occupational identity, professional project and family expectations. The methodological framework was divided into two phases: the first consisting in the bibliographical survey of the guiding concepts and the second by field survey (the questionnaire), and proceeded, lastly, by analysis of the knowledge derived of the entire process. A semi-structured questionnaire with 25 questions in 61 teens were applied to both sexes, between 16 and 20 years. The data were broken down into charts and adolescents' responses were compared to each school. The results of the analysis showed divergent points between the students from both schools, for example, the standard of living of each group of students, particularly the income gap between families in private schools and public, courses and universities that each group of students chose, the way adolescents of both institutions perceive their schools respectively and their function, especially in relation to their professional projects. Lastly, the analyzes of the results showed rather a discrepancy in the range of possibilities and opportunities for public school students with students from private school.

Keywords: Adolescent. Identity. Occupational identity. Professional project. Family expectancy.

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1– Distribuição da amostra pela idade..... 38
GRÁFICO 2 – Comparativo da distribuição da amostra por gênero..... 39
GRÁFICO 3 – Comparativo da renda familiar da Esc. Particular x Esc. Pública..... 40
GRÁFICO 4 – Comparativo da escolaridade dos pais dos participantes..... 41
GRÁFICO 5 – Comparativo da escolaridade das mães dos participantes..... 42
GRÁFICO 6 – Comparativo da profissão das mães dos participantes..... 43
GRÁFICO 7 – Comparativo da profissão dos pais dos participantes..... 45
GRÁFICO 8 – Comparativo em relação às pessoas que moram com participantes..... 46
GRÁFICO 9 – Comparativo em relação ao número de irmãos..... 47
GRÁFICO 10 – Comparativo em relação ao número de pessoas com que residem..... 48
GRÁFICO 11 – Comparativo do número de pessoas que trabalham na casa..... 49
GRÁFICO 12 – Comparativo em relação ao trabalho durante o Ensino Médio..... 50
GRÁFICO 13 – Comparativo sobre o que os alunos farão ao terminar o Ens. Médio..... 51
GRÁFICO 14 – Comparativo dos elementos considerados importantes para construção projeto de vida..... 54
GRÁFICO 15 – Comparativo dos desafios para a realização do projeto de vida..... 55
GRÁFICO 16 – Comparativo das expectativas das famílias dos estudantes em relação futuro..... 56
GRÁFICO 17 – Comparativo das opções de carreiras profissional dos estudantes..... 58
GRÁFICO 18 – Comparativo das profissões que os pais gostariam que os estudantes seguissem 59
GRÁFICO 19 – Comparativo das universidades apontadas pelos estudantes..... 61
GRÁFICO 20– Comparativo dos objetivos que os estudantes ainda pretendem conquistar..... 62
GRÁFICO 21 – Comparativo das mudanças na trajetória escolar dos estudantes..... 63
GRÁFICO 22 – Comparativo das condições que os adolescentes se veem daqui a 10 anos..... 65
GRÁFICO 23 – Comparativo dos elementos que compões o projeto de vida dos adolescentes 66
GRÁFICO 24 – Comparativo dos motivadores para a construção do projeto de vida..... 67
GRÁFICO 25 – Comparativo dos fatores de importância para a construção do projeto de vida..... 68
GRÁFICO 26 – Comparativo sobre a ajuda das escolas na construção do projeto de vida..... 70
GRÁFICO 27 – Comparativo sobre situação em relação ao trabalho durante o Ensino Médio X pretensões ao término do Ensino Médio..... 71
GRÁFICO 28 – Comparativo sobre escolaridade dos pais X renda familiar..... 73
GRÁFICO 29 – Comparativo sobre escolaridade das mães X renda familiar..... 74
GRÁFICO 30 – Comparativo sobre números de pessoas que moram na residência do estudante X número de pessoas que trabalham..... 76
GRÁFICO 31 – Comparativo sobre as expectativas da família X como o aluno se imagina daqui 10 anos..... 83

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 10

CAPÍTULO 1 FASE DA ADOLESCÊNCIA: Algumas contribuições teóricas.....14
1.1 Considerações sobre a fase da adolescência em diferentes perspectivas teóricas.....14
1.2 Identidade e identidade ocupacional do adolescente.....21

CAPÍTULO 2 PROJETO PROFISSIONAL E SUA DIMENSÃO SOCIAL 27
2.1 Projeto profissional: conceitos propostos 27
2.2 Expectativa familiar e sua relação com a construção do projeto profissional do adolescente 32

CAPÍTULO 3 APRESENTAÇÃO E DESCRIÇÃO DA INVESTIGAÇÃO.....38
3.1 Achados da pesquisa: apresentação, descrição e análise dos dados obtidos no questionário.....38
3.2 Apreciações dos dados: cruzamentos e análise interpretativa.....70

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....84

REFERÊNCIAS 92

APÊNDICES 94

INTRODUÇÃO

O que ser quando crescer? Afinal, quando somos convocados a crescer? No adolescer da vida? Na fase em que estamos terminando o 3º ano do Ensino Médio? Essas são perguntas/respostas que acometem a todos, principalmente na adolescência.

Para pensar num contexto de futuro, é preciso que o jovem pense no que pretende se tornar, no que pretende desempenhar na vida, ou seja, pensar no que irá se tornar como pessoa e mesmo como se realizará profissionalmente. Além disso, é necessário refletir também sobre as possibilidades de como viver, os lugares aos quais irá e com quais pessoas se relacionará. E, principalmente, é refletir sobre o quanto a existência será importante para sociedade e para aqueles que são próximos.

Mas, como assim? Existem intensidades de importância de existência? Não são todos iguais perante o Estado? Não é isso que afirma o Artigo 5º da Constituição Brasileira (1988)?: "Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza [...]". Mas, na realidade, isso não acontece, e existem, sim, graus de importância para a sociedade. Um forte exemplo são as profissões de peso que a sociedade determina. Um médico, por exemplo, é investido de uma importância social muito maior do que a de um professor. Um dos fatores que comprovam tal fato é a diferença salarial entre eles.

É nessa perspectiva do "ser" no mundo e nas suas possibilidades de se relacionar e se realizar profissionalmente que a presente pesquisa apresenta um estudo sobre o projeto profissional dos adolescentes matriculados no terceiro ano do Ensino Médio em duas escolas do município de Bambuí/MG: a Escola Estadual João Batista de Carvalho (EEJBC) e a Cooperativa de Ensino de Bambuí – Rede Pitágoras (CEBRP). Além disso, esta pesquisa se deteve em investigar sobre a expectativa familiar e o perfil socioeconômico desses estudantes, pensando nesses aspectos sob dois eixos: a oportunidade e a segregação.

Mas, por que o foco no adolescente? Poderia ser qualquer pessoa, pois entende-se que o projeto profissional é algo que é construído durante toda a existência, mesmo quando criança. Por exemplo, quando ainda não se tem recursos simbólicos necessários para refletir, planejar e concretizar um projeto profissional, há expectativas do par parental (ou do responsável) de quem será, de como será e o que fará da própria vida.

Soares (1991) ressalta isso quando aponta que a escolha de uma profissão existe desde que se nasce, pois os pais, desde que veem o filho pela primeira vez, ficam imaginando como será seu futuro, quais sonhos poderá realizar e que filho deverá ser.

Mas, enfim, a escolha pela adolescência e não por outra fase do ciclo da vida se dá principalmente porque nessa fase o processo de escolha ocorre de maneira mais livre do que na infância. Mesmo que seja fundamental a expectativa familiar sobre o futuro profissional do filho, na adolescência existe uma relação de independência muito maior que na infância, e é essa independência que, apesar do conflito de "nem ser criança e nem adulto" que atravessa essa fase, permitirá ao adolescente uma determinada autonomia para construção do seu projeto profissional. Já na fase adulta, é comum que esse processo de construção do projeto profissional já tenha ocorrido, com a efetivação da profissão escolhida e desempenhada.

Ainda nesse contexto, ao se "questionar" sobre o seu projeto profissional, o adolescente reflete sobre suas possibilidades de escolhas que, inevitavelmente, estão relacionadas ao perfil socioeconômico familiar pois, como será demonstrado no decorrer desta pesquisa, as possibilidades nem sempre são iguais para todos, e essa diferença levará o adolescente a entender os limites existentes no seu projeto profissional.

Soares (1991) afirma que a realidade é, por si só, um limite. Não se pode tudo ao mesmo tempo e, quando se quer, pode-se, no entanto, dentro de situações concretas, reais e limitadas. A autora afirma, ainda, que "o homem poderá escolher dentro de um leque de opções que lhe são oferecidas pela sua situação de vida, considerando desde a sua classe social, o tipo de família que tem e também a época histórica e cultural do sujeito" (p. 17).

A motivação para a realização desta pesquisa se deve, sobretudo, ao fato de que, atualmente, as mudanças sociais ocorrem de forma rápida, exigindo das pessoas respostas na mesma proporção. Tais mudanças se dão em vários contextos da sociedade e interferem diretamente na vida do ser humano, na sua família e, consequentemente, na construção do projeto profissional. Ainda na minha graduação em Psicologia, participei de um projeto de extensão de orientação profissional itinerante, o qual me desencadeou o desejo de investigar o projeto profissional do adolescente e entender um pouco dessa dinâmica da escolha mediante a comparação de alunos que têm condições socioeconômicas diferentes.

O tema "projeto profissional do adolescente" é significativo e relevante pois, pensar nos projetos profissionais desses sujeitos implica pensar também nos futuros cidadãos que estarão à frente da sociedade, realizando atividades laborais e, de alguma forma, contribuindo com a sociedade.

Para identificar os projetos profissionais dos adolescentes matriculados nas duas escolas selecionadas, foi desenvolvida uma pesquisa de campo por meio de aplicação de questionários semiestruturados, que tinham como foco as seguintes questões: Quais são os projetos profissionais dos adolescentes matriculados no terceiro ano do Ensino Médio de Bambuí/MG?; Qual(is) o(s) significado(s) que esses adolescentes atribuem ao projeto profissional?; Que motivações e interesses levam os adolescentes a pensar sobre o seu projeto profissional?; Como a expectativa familiar interfere na escolha desse projeto profissional?; Como isso tem sido vivenciado por esses adolescentes?

Esses questionamentos foram realizados com a proposta de contemplar o seguinte objetivo: pesquisar quais são os projetos profissionais dos adolescentes concluintes do terceiro ano do Ensino Médio do município de Bambuí/MG sob dois eixos: oportunidade e segregação, e compreender quais são os principais desafios constatados frente ao processo de construção do projeto profissional, dentre eles a questão do perfil socioeconômico e a expectativa familiar, sob a percepção do próprio adolescente.

Para a concretização desta pesquisa, foram elaboradas duas etapas. A primeira etapa correspondeu ao levantamento bibliográfico em dissertações, teses, livros, revistas e artigos que tratam dos conceitos norteadores. De acordo com Martins (2002), a pesquisa bibliográfica é utilizada para conhecer teorias científicas já existentes, com a proposta de recolher, selecionar, analisar e interpretar as contribuições teóricas sobre determinados assuntos. A segunda etapa foi sustentada pela pesquisa de campo em duas escolas do município de Bambuí/MG, a primeira de ordem pública e a segunda privada, respectivamente, Escola Estadual João Batista de Carvalho e Cooperativa de Ensino de Bambuí – Rede Pitágoras.

A Cooperativa de Ensino de Bambuí – Rede Pitágoras atende aproximadamente 285 alunos, desde o maternal até o terceiro ano do Ensino Médio. Essa é a única escola da cidade que atende alunos do terceiro ano do Ensino Médio de forma particular. Ela se localiza na Praça Antônio Carlos, número 369, no centro da cidade de Bambuí/MG. A Escola Estadual João Batista de Carvalho recebe aproximadamente 1.200 alunos. Essa escola atende desde o sexto ano do Ensino Fundamental até o terceiro ano do Ensino Médio. Ela possui cinco turmas de terceiro ano do Ensino Médio, que se dividem nos períodos matutino, vespertino e noturno. Ela também se localiza na Praça Antônio Carlos, número 48, no centro de Bambuí/MG.

O público alvo desta pesquisa é composto por alunos de uma turma do período da manhã do terceiro ano do Ensino Médio de cada escola selecionada. Participaram do estudo

61 estudantes. Desse total, 38 alunos são provenientes de escola pública e 23 de escola particular. A idade dos adolescentes variou de 16 a 20 anos.

Como instrumento metodológico, foi utilizado um questionário semiestruturado com 25 questões (APÊNDICE A). Como indica Roesch (1999, p. 142), o questionário é um instrumento de coleta de dados que busca mensurar alguma coisa. Para tanto, requer esforço intelectual anterior de planejamento, com base na conceituação do problema de pesquisa e do plano da pesquisa, e algumas entrevistas exploratórias preliminares.

A análise dos dados foi organizada, principalmente, a partir do conteúdo das respostas dos sujeitos pesquisados. Entretanto, como é interesse compreender a variação dos projetos profissionais elencados pelos adolescentes pesquisados, em algumas questões também se efetuou uma análise quantitativa. Enfim, esse foi todo o percurso utilizado para a efetivação da pesquisa.

Para a abordagem da proposta, esta dissertação foi construída a partir de três capítulos, que tratam as seguintes temáticas:

O primeiro capítulo apresenta uma contextualização sobre a fase da adolescência sob diferentes perspectivas teóricas, integrando os conceitos de identidade e identidade ocupacional.

O segundo capítulo aborda o projeto profissional e sua dimensão social, contemplando, também, a expectativa familiar sobre o projeto profissional do adolescente e os impasses na construção do mesmo.

O terceiro capítulo é um demonstrativo dos resultados obtidos no decorrer da pesquisa, a partir de gráficos e análise interpretativa. A discussão construída a partir desses dados e informações possibilitou a elaboração das considerações finais sobre o projeto profissional dos adolescentes concluintes do terceiro ano do Ensino Médio.

CAPÍTULO 1 FASE DA ADOLESCÊNCIA: algumas contribuições teóricas

Nesta primeira etapa textual, procurei discutir aspectos sobre a fase da adolescência com diferentes discursos. Debrucei sobre alguns estudos produzidos a respeito dessa fase, de forma a produzir um conhecimento que dê suporte para a construção de uma concepção do ser adolescente.

1.1 Considerações sobre a fase da adolescência em diferentes perspectivas teóricas

O ciclo vital do ser humano é constituído por sequências complexas de períodos de relativa tranquilidade e períodos de grandes mudanças, frequentemente acompanhados de crises. O período de mudanças e crises denominado adolescência é a mais turbulenta das fases, diz Carvajal (2001). Segundo esse autor, a fase da adolescência é um processo complexo de transformações e suas manifestações comportamentais variam de forma dramática, dependendo do modelo de comportamento de cada cultura.

Literalmente, adolescência (do latim *ad*: a, para a + *olescere*: forma incoativa de *olere*, crescer) significa a condição ou o processo de crescimento. O termo se aplica, especificamente, ao período da vida compreendido entre a puberdade e o desenvolvimento completo do corpo, cujos limites se fixam, geralmente, entre os 13 e os 23 anos, podendo se estender, em casos raros, até os 27 anos (ABERASTURY, 1991).

Segundo Castanho (1988), é na puberdade que ocorre a entrada da adolescência, sendo esta um processo psicológico e social. A autora considera que o fenômeno da puberdade é universal e que todo ser humano atravessa esse processo de forma semelhante, ou seja, as pessoas em geral passam pelas fases de maturação, crescimento e desenvolvimento biológico, diferentemente da adolescência que, por ser um processo psicológico, marcado por critérios sociais e culturais, terá a definição, duração e nomeação de acordo com cada cultura, pois cada sociedade estabelece sua forma de ser adolescente.

Osório (1989, p. 11) “[...] teoriza que nem sempre o início da adolescência coincide com o da puberdade. Tanto pode precedê-la como sucedê-la. E, se o advento da puberdade tem a assinalá-lo evidências físicas bem definidas, o mesmo não ocorre com a adolescência”.

Stengel (2003), por sua vez, afirma que a transição da infância para a adolescência é marcada pela puberdade, um ato da natureza, e pela adolescência, um ato cultural. Ou seja, a puberdade ocorre universalmente e a adolescência já é determinada pelas instituições sociais, pelo grupo social e pelos processos psicológicos. Além disso, a autora relata que uma das formas de percebermos a adolescência é entendendo o seu processo sócio-histórico específico.

Percebo, até aqui, que os quatro autores mencionados pronunciam a adolescência como sendo algo complexo, sendo que a puberdade é um ato físico, ocorre com todos, mas o fenômeno da adolescência é algo cultural, vai depender muito da sociedade, das circunstâncias e de diversos contextos. O ponto pelo qual divergem entre si é que a puberdade é o marco inicial ou não da entrada da adolescência. Stengel e Castanho concordam que as mudanças físicas marcadas pela puberdade geram, sim, uma nova colocação para o ser, uma nova postura para outra etapa, sendo ela a adolescência. Osório já não compartilha dessa teoria, propondo que puberdade pode acontecer ou não no período da adolescência, antecipando ou tardando a sua entrada.

Cabe questionar, que se Osório não compartilha da teoria da puberdade na adolescência, há que ver que ele considera que sempre, em qualquer sociedade e tempo histórico, haverá adolescência. Particularmente, considero que a puberdade vai demarcar sim, a entrada na adolescência.

Continuando com Osório (1989), para ele, a fase da adolescência consiste em um:

> Momento crucial do desenvolvimento do indivíduo, aquele que marca não só aquisição da imagem corporal definitiva, como também a estruturação da personalidade. É uma idade não só com características biológicas próprias, mas com uma psicologia e até mesmo uma sociologia peculiar. Não é sem razão que se afirma que todas as grandes mudanças culturais da história da humanidade ocorrem no limiar entre a adolescência e idade adulta (p. 10).

Ainda segundo o autor, um fator importante que ocorre na fase da adolescência é a ampliação dos laços sociais e das identificações com grupos, na tentativa de emergir traços singulares que vão diferenciar o adolescente do grupo familiar. Por isso, é comum perceber os adolescentes em “tribos”, “grupos” ou “gangues”, compartilhando ideais, ideias, convicções, diferenças, valores, possibilidade, etc., para que o reconhecimento das particularidades seja efetivo.

Aberastury (1991), uma autora clássica da adolescência, realça que o crescimento e as modificações do corpo, comuns na puberdade, impõem ao adolescente uma mudança de papel

frente à sociedade, e quando essa mudança não ocorre, a sociedade exige que o adolescente assuma esse novo papel.

No entanto, essa exigência é recebida como uma invasão, principalmente à sua personalidade. Ainda que não queira, é exigida do adolescente uma postura de adulto, e essa exigência, geralmente, o conduz a manter-se nas suas atitudes infantis, como uma defesa.

Dessa forma, limitar o início da adolescência e o processo como um todo é uma tarefa singularmente complexa. Não há como entender a adolescência separando os aspectos biológicos, psicológicos, sociais e culturais. Eles são indissociáveis, e é justamente o conjunto de suas características que confere unidade ao fenômeno da adolescência.

Aberastury e Knobel (1991) afirmam que existem três tipos de lutos que o adolescente perpassa no decorrer desse período. Eles alegam que, para passar pela fase da adolescência, é preciso superá-los, sendo eles:

> 1) Luto pelo corpo infantil perdido, base biológica da adolescência, que se impõe ao indivíduo que não poucas vezes tem que sentir suas mudanças como algo externo, frente ao qual se encontra como espectador impotente do que ocorre no seu próprio organismo; 2) luto pelo papel e identidade infantis, que o obriga a uma renúncia da dependência e a uma aceitação de responsabilidade que muitas vezes desconhece; 3) luto pelos pais da infância, os quais persistentemente tenta reter na sua personalidade, procurando o refúgio e a proteção que eles significam, situação que se complica pela própria atitude dos pais, que também têm que aceitar o seu envelhecimento e o fato de que seus filhos já não são crianças, mas adultos, ou estão em vias de sê-lo (p. 10).

Aberastury (1991) acrescenta, ainda, que, no momento em que ocorre a aceitação simultânea de seus aspectos de criança e de adulto é que o adolescente começará a aceitar as mudanças de seu corpo, surgindo, assim, a sua nova identidade. Ou seja, quando acontecer a maturidade biológica associada à maturidade afetiva e intelectual, a entrada no mundo adulto estará mais viável para o adolescente.

Mas, antes de um aprofundamento nessa "nova identidade" mencionada por Aberastury, é importante fazer referência às crises e às etapas que também fazem parte da adolescência e que foram descritas por Carvajal (2001).

Esse autor propôs três etapas distintas para o que ele chama de "a aventura de uma metamorfose", acreditando que o adolescente vai se transformar em função de cada uma dessas etapas, mostrando, assim, que o período da adolescência não é linear e nem estático, podendo haver alterações em diferentes aspectos dessa experiência. As etapas decorrem da seguinte forma:

> 1) Puberal: caracterizada fundamentalmente por um rompimento maciço com os fenômenos infantis e um isolamento do mundo externo em geral. 2) Nuclear: que tem por representação central a primazia grupal. 3) Juvenil: na qual ocorre a transição do modelo essencialmente adolescente para um comportamento similar ao do adulto (CARAVAJAL, 2001, p. 71).

As crises demarcadas pelo autor são: crise sexual, crise de identidade e crise de autoridade. Mas, antes de compreender cada crise, é importante ressaltar por que o autor se refere à palavra crise. Ele afirma que "na adolescência há uma mudança em ebulição, há algo que está em processo, em situação de ruptura, de caos, de transformação abrupta, aguda, quase cega, com frequência angustiante, dolorosa e enormemente móvel, e esta visão pode ser classificada nesses três tipos de crise apresentados" (p. 72). Seguem, agora, as definições de cada crise:

> 1) A primeira é a de identidade, ocorre quando o adolescente se sente na necessidade de ser ele mesmo, de forma que consiga romper a dependência infantil e conseguir a auto-sustentação própria do ser maduro. 2) A crise de autoridade é caracterizada pelo momento em que o adolescente enfrenta tudo aquilo que signifique norma ou imposição de modelos. 3) A crise sexual consiste no aparecimento de um novo modelo psicológico para o manejo dos impulsos libidinais em eclosão (CARVAJAL, 2001, p. 103).

Na perspectiva de Knobel (1991), o adolescente passa por desequilíbrios e instabilidades extremas, traduzidos em uma entidade semipatólogica que o autor denominou "síndrome normal da adolescência", a qual é perturbada e perturbadora para o mundo adulto, mas necessária para o adolescente, pois vai ser nesse processo que este irá estabelecer sua identidade. O autor sintetiza as características pelas quais identifica a "síndrome da adolescência normal". Essas dez condutas mencionadas costumam ser observadas nos adolescentes em função da elaboração dos lutos. A saber:

> 1) Busca de si mesmo e da identidade; 2) tendência grupal; 3) necessidade de intelectualizar e fantasiar; 4) crises religiosas, que podem ir desde o ateísmo mais intransigente até o misticismo mais fervoroso; 5) deslocalização temporal, onde o pensamento adquire as características de pensamento primário; 6) evolução sexual manifesta, que vai do autoerotismo até a heterossexualidade genital adulta; 7) atitude social reivindicatória com tendências anti ou associais de diversas intensidades; 8) contradições sucessivas em todas as manifestações da conduta, dominada pela ação, que constitui a forma de expressão conceitual mais típica desde período da vida;

> 9) uma separação progressiva dos pais; e 10) constantes flutuações do humor e do estado de ânimo (p. 29).

Osório (1989) teoriza que o adolescente perpassa por uma série complementar de perdas e aquisições, totalizando em três tipos: a perda da bissexualidade infantil e a correspondente aquisição da sexualidade adulta, a perda do pressuposto de dependência infantil e a aquisição da autonomia adulta e, também, a perda da comunicação ou linguagem infantil para adquirir uma comunicação ou linguagem adulta.

Já Carvajal (2001) apresenta a adolescência como sendo um processo de metamorfose, pois o adolescente se recolhe em seu casulo, como uma crisálida em absoluta transformação, diferente da larva da infância e da borboleta da vida adulta.

Para atravessar essa metamorfose, é preciso que o adolescente enfrente o mundo dos adultos, para o qual não está totalmente preparado. É preciso se desprender do seu mundo infantil, do corpo infantil e também dos pais infantis, ou seja, é preciso sair dessa zona de conforto e de comodidade, abrindo mão dessa relação de dependência com os pais para que, assim, o adolescente consiga buscar sua própria identidade.

Osório, Knobel, Aberastury e Carvajal, apesar de terem suas próprias teorias e concepções particulares sobre o fenômeno da adolescência, realçam as perdas e desprendimentos que os adolescentes precisam superar, para, assim, entrarem no universo adulto e serem aceitos nele. Destacam, principalmente, a renúncia ao universo infantil e suas características, formando uma nova identidade, não mais a de criança, agora próxima de ser adulto.

Além disso, o desligar-se desse universo infantil, citado por Carvajal, tem uma relação intrínseca com os ditos apresentados por Aberastury e Knobel, pois ambas as formulações teóricas destacam um novo modo de se posicionar, um abrir mão de um corpo e de um mundo que já não é mais seu. O processo do adolescer é crítico, modulado por contradições, conflitos e inconstâncias.

Calligaris (2000) aponta que, em nossa cultura, a passagem para a vida adulta é um verdadeiro enigma, e marca uma sofrida privação de reconhecimento e independência, misteriosamente idealizada pelos outros, sendo também um tempo de transição cuja duração é misteriosa.

Além disso, o autor aborda a adolescência dizendo que a cultura impõe ao adolescente uma moratória, ou seja, na infância a educação ocorre em vários contextos, desde o familiar até o escolar. Mas, quando na adolescência, esse sujeito pode emergir e demonstrar tudo o que

aprendeu, e a sociedade vai dizer que ele ainda não esta pronto, e que ainda vai ser tornar um adulto responsável. É nesse processo de estar e não estar apto, e entre a infância e a fase adulta é que o adolescente vai encarar a moratória.

Calligaris (2000) aborda seis aspetos sobre o adolescente que permeia sua idéia de moratória, sendo:

> 1. Que teve tempo de assimilar os valores mais banais e mais bem compartilhados na comunidade (por exemplo, no nosso caso: destaque pelo sucesso financeiro/social e amoroso/sexual). 2. Cujo corpo chegou à maturação necessária para que ele possa efetiva e eficazmente se consagrar às tarefas que lhes são apontadas por esses valores, competindo de igual para igual com todo mundo. 3. Para quem, nesse exato momento, a comunidade impõe uma moratória. 4. Cujos sentimentos e comportamentos são obviamente reativos, de rebeldia a uma moratória injusta. 5. Que tem o inexplicável dever de ser feliz, pois vive uma época da vida idealizada por todos. 6. Que não sabe quando e como vai poder sair de sua adolescência (CALLIGARIS, 2000, p.15. e p. 21).

O autor ainda levanta o seguinte questionamento:

> Será que a adolescência não foi provocada, impondo a moratória e suscitando a rebeldia, justamente para que encenasse o sonho de liberdade individual e de desobediência que é próprio de nossa cultura? Será que a adolescência não veio a existir para o uso da contemplação preocupada, mas complacente, dos adultos? (CALLIGARIS, 2000, p. 59)

De acordo com Dayrell (2003), os adolescentes encontram por si mesmos um modo próprio de serem, com seus estilos, expressões e significados. Nessa fase – relata o autor – existe uma valorização sobre o "vir a ser" desses adolescentes, de seus projetos profissionais, esquecendo-se e pouco se valendo de seu presente, de suas expressões e de suas questões existenciais.

Ainda segundo o autor, existe a ideia de um tempo da liberdade, que tem relação com a ideia de moratória de Calligaris, ou seja, é como se fosse um tempo de experimentação, de erros, marcados por irresponsabilidades, sensações sobre o modo de ser juvenil. "Essas imagens convivem com outra: a juventude vista como um momento de crise, uma fase difícil, dominada por conflitos com a auto-estima e/ou com a personalidade" (p. 2).

Dayrell (2003) constata, também, que essa supervalorização sobre o "vir a ser" do adolescente compromete a compreensão e percepção de outros fatores do tempo presente, acabando, de certa forma, por reduzir a fase da adolescência a uma crise marcada por conflitos, limitando seu espaço, processo e elaboração. O que o autor provoca é uma crítica

desse ser adolescente que, de alguma forma, corta a beleza da subjetividade. Ele afirma o seguinte:

> A adolescência não pode ser entendida como um tempo que termina como a fase da crise ou de trânsito entre a infância e a vida adulta, entendida como a última meta da maturidade. Mas representa o momento do início da juventude, um momento cujo núcleo central é constituído de mudanças do corpo, dos afetos, das referências sociais e relacionais. Um momento no qual se vive de forma mais intensa um conjunto de transformações que vão estar presentes, de algum modo, ao longo da vida (DAYRELL, 2003, p. 3).

O que o autor propõe é pensar nesses adolescentes não somente como sujeitos limitados a comportamentos juvenis, mas, sim, como sujeitos que são capazes de refletir, de ter suas próprias opiniões, posições e atos, e que a fase da adolescência é um processo amplo, em que o adolescente constitui novas perspectivas, vivenciando situações particulares que, de alguma forma, assinalam subjetivamente sua vida.

Refletindo sobre tudo o que foi dito até agora, sobre a fase e o ser adolescente, pode-se constatar e, de certa forma, até afirmar que existem diferentes atravessamentos, aspectos, contextos, situações que, de alguma forma, vão modificar a adolescência. Dentre eles, pode-se citar: classe social, gênero, identidade, cultura familiar e social, etc. Enfim, são vários componentes que podem completar, influenciar e até mesmo, em alguns casos, limitar esse processo da fase e do ser adolescente.

Portanto, é possível dizer que, mesmo que os autores citados tenham suas particularidades conceituais sobre a fase da adolescência, todos concordam entre si que essa fase do ciclo vital é a mais complexa, por ser permeada de transformações no contexto biológico, psicológico e social.

Para tanto, fica a concepção de que a adolescência é um marco cultural delimitado de acordo com a característica de cada contexto. Já a modificação física ocorre em qualquer cultura, por ser um marco biológico, porém, com a ressalva de poder, também esse marco físico, ser um marco para as modificações psicológicas e sociais do sujeito. É importante considerar também que, numa mesma cultura, os adolescentes vão vivenciar sua adolescência de forma particular, com elementos subjetivos, dependendo de suas condutas e manifestações.

Portanto, definir a adolescência não implica somente no delimitar cronológico de uma idade a outra. Essa fase, acima de tudo, recebe influências não só do tempo, mas de vários outros contextos e circunstâncias.

Cabe compreender, então, que a adolescência não é uma etapa estruturada e estática, mas, sim, um processo em permanente desenvolvimento. É nessa perspectiva que se pode acreditar que o fenômeno da adolescência se efetiva. No mais, entender a fase da adolescência é poder compreender seus comportamentos, sentimentos, emoções, afetos, dificuldades, diferenças e limitações.

Esse adolescer da vida implica uma pluralidade de experiências, uma diversidade de questões que vão ser vivenciadas subjetivamente. E cada adolescente vai lidar com esse processo individualmente, apesar de, muitas vezes, se agruparem. Além disso, já não se pode mais pensar a adolescência como algo universalizado, no qual tudo é vivenciado por todos do mesmo modo e ao mesmo tempo. O contexto atual mostra o contrário, uma inquietude, uma mudança dinâmica constante, pela qual os horizontes adolescentes vão sempre apresentar vários caminhos, com suas inúmeras ramificações.

Portanto, não há como o adolescente ser preenchido por competências, habilidades e comportamentos estruturados e fixos, como sendo um resultado de um produto final. Assim, a adolescência atual é marcada por inúmeras possibilidades e uma expansão do que se é e do que ainda se pode vir a ser. O adolescente é um ser presente, capaz de provocar mudanças na realidade e nas relações.

1.2 Identidade e identidade ocupacional do adolescente

O percurso da busca pela identidade, como já dito anteriormente, é atravessado por diferentes conflitos. Diante desse atravessamento, o adolescente recorre às situações que se apresentam como mais favoráveis naquele momento. Um exemplo dessa situação mais favorável é a uniformidade, por meio dos grupos, que proporcionam segurança e estima pessoal ao adolescente (ABERASTURY, 1981).

Mas, antes de se esmiuçar esse processo pela elaboração da identidade, é importante conceituá-la. Para Carvajal (2001, p.104), “[...] a identidade é a vivência ou sensação que nós, seres humanos, temos de ser nós mesmos, assim como tudo o que nos permite ser distintos aos olhos dos outros”.

Simplificadamente, Osório (1989) teoriza que a identidade é a consciência que o indivíduo tem de si mesmo como um “ser no mundo”. Acrescenta, ainda, que o sentimento de

identidade é função de um equilíbrio dinâmico entre os questionamentos: "o que eu penso que sou; o que os outros pensam que sou; e o que eu penso que os outros pensam que sou". Ou seja:

> [...] a identidade é o conhecimento por parte de cada indivíduo da condição de ser uma unidade pessoal ou entidade separada e distinta dos outros, permitindo-lhe reconhecer-se o mesmo a cada instante de sua evolução ontológica e correspondendo, no plano social, à resultante de todas as identificações prévias feitas até o momento considerado. O conceito operativo de identidade está formulado a partir das noções dos vínculos de integração espacial, temporal e social do sentimento de identidade (p. 14).

Para Knobel (1991), a identidade é característica de cada momento evolutivo. No entanto, é na adolescência que se vai buscar incessantemente qual identidade adulta seguir, o que provoca estados de extrema angústia nos adolescentes.

Por sua vez, Stengel (2003) aponta que a identidade só pode ser construída em referência a um mundo no qual o sujeito está objetivamente localizado e a partir da interação social. Para compreender melhor essa interação social, a autora identifica dois modos de socialização, caracterizada em nível primário e secundário, sendo distinguidos do seguinte modo:

> A socialização primária é a primeira socialização que o indivíduo experimenta na infância. Os pais, ou os seus representantes, têm aí um papel fundamental, pois introduzirão a criança na cultura. Os pais servem como modelo para a criança, transmitindo-lhe valores e conceitos que ele utilizará para estruturar sua própria vida. Já a socialização secundária introduzirá um indivíduo já socializado em novos setores do mundo objetivo de sua sociedade (p. 25).

Assim, a identidade vai ser construída por meio do social e dentro do espaço no qual o sujeito está inserido. Então, o adolescente vai ter que lidar com as modificações sociais, psicológicas e físicas próprias da fase da adolescência e em paralelo ele vai precisar construir uma nova identidade para se posicionar no mundo adulto, uma "identidade diferente" de quando era criança, tentando, ao máximo, obter uma identidade adulta.

Stengel (2003) ainda complementa revelando que:

> Ao longo do processo de socialização, o individuo adquire valores e atitudes que podem ter proximidade, isto é, estar em continuidade, em confronto ou descontinuidade. Em sociedades complexas como a nossa, o indivíduo recebe vários conjuntos de valores e regras – mapas, que podem ser muito diferentes

> entre si, gerando confronto e produzindo contradições. Essas contradições, que poderão existir não somente entre a socialização primária e a secundária como também entre as diversas formas da socialização secundária, devem-se às descontinuidades presentes no processo socializatório (p. 26).

Um dos elementos para a construção da identidade do indivíduo é o processo de identificação, que consiste num processo psicológico pelo qual o indivíduo assimila um aspecto e um atributo do outro (LAPLANCHE; PONTALIS apud STENGEL, 2003, p. 29).

Com relação à identificação, Stengel (2003) esclarece que "[...] é uma operação pela qual o indivíduo se constitui e que acontece pela tomada do valor do modelo. Para que alguém seja eleito como um modelo, deve ter pelo menos uma característica considerada como superior ou especial" (p. 29). Ou seja, esse modelo pode envolver ou não as figuras parentais ou até sujeitos que estão fora do convívio cotidiano do adolescente.

Já Knobel (1991) afirma que "[...] o processo de identificação que se foi desenvolvendo na infância mediante a incorporação de imagens parentais boas e más é o que permitirá uma melhor elaboração das situações mutáveis que se tornam difíceis durante o período adolescente da vida" (p. 35). Isso é revelado desde o nascimento até a velhice, dada a interação com diferentes e diversas pessoas, absorvendo e capturando significados da sociedade a que se pertence.

Ciampa (1987) propõe que não é possível dissociar o estudo da identidade do indivíduo do da sociedade, pois "é do contexto histórico e social em que o homem vive que decorrem suas determinações e, consequentemente, emergem as possibilidades ou impossibilidades, os modos e as alternativas de identidade" (p. 72). Além disso, "[...] o humano é sempre uma porta abrindo-se em mais saídas. O humano é vir-a-ser humano. Identidade humana é vida! Tudo o que impede vida impede que tenhamos uma identidade humana" (p. 36). Então, pode-se concluir que:

> [...] só se é alguém por meio das relações sociais. E que o indivíduo isolado é uma abstração. E que a identidade vai se concretizar na atividade social. E que o mundo, criação humana, é o lugar do homem. E que uma identidade que não se realiza na relação com o próximo é fictícia, é abstrata, é falsa (CIAMPA, 1987, p. 86).

Esses pontos abordados são expressivos ao se investigar a respeito da história dos adolescentes, quando se busca conhecer o que cada um tem de particular, como é sua rotina, sua vida, seus modelos e identificações. Por meio disso, pode-se concluir que esses jovens sujeitos estão em processo de modificação constante, num artifício que está em constante

movimento, e a sua identidade também estará em processo de transformação e edifica-se ao longo dos ciclos vitais.

Pode-se dizer, então, que a identidade é algo construído durante toda a existência humana, mas é na adolescência que ela aparece de forma marcante, por ser um momento de transição no qual o indivíduo passa por inúmeras descobertas sobre o mundo adulto.

Portanto, a identidade não se configura como algo estável e fixo. Pelo contrário, ela se movimenta em cada ciclo vital humano. Além disso, o meio social vai ser um elemento fundamental para construção da identidade, pois é a partir dele que o adolescente poderá fazer suas identificações. Assim, a identidade é algo aprendido no convívio com o outro. Ainda que o sujeito tenha algo singular, sua identidade é revelada por meio dos grupos de convívio, como, por exemplo, a família, os amigos, colegas da escola, enfim, por atitudes, manifestações e no próprio contexto escolar.

Enfim, a partir dessa breve construção teórica, foi possível entender a identidade do adolescente e perceber como ela se revela. Para complementar esse arcabouço teórico, cabe iniciar outra construção para o entendimento da identidade ocupacional do adolescente, que é outro ponto fundamental da pesquisa. Afinal, é a partir dessa identidade ocupacional que os adolescentes embasam sua escolha profissional, que é um marco especial no seu projeto profissional.

Almeida e Pinho (2008) destacam que a construção da identidade ocupacional está diretamente vinculada à identidade pessoal, sendo que ambas incluem as identificações feitas pelo indivíduo ao longo da vida. Para construir a identidade ocupacional, o indivíduo baseia-se em sua percepção dos papéis profissionais com os quais tem contato, destacando-se aqueles das figuras significativas, como, por exemplo, os pais.

Bohoslavsky (1977) concorda com Almeida e Pinho, e diz que:

> A identidade ocupacional é um aspecto da identidade do sujeito, parte de um sistema mais amplo que compreende, é determinada e determinante na relação com toda a personalidade. Portanto, os problemas vocacionais terão que ser entendidos como problemas de personalidade determinados por falhas, obstáculos ou erros das pessoas, no alcance da identidade ocupacional. A identidade ocupacional é a autopercepção, ao longo do tempo, em termos de papéis ocupacionais. Chamaremos ocupação o conjunto de expectativa do papel. Com isto, destacamos o caráter estrutural, relacional, do nosso problema, porque a ocupação não é algo definido "de dentro", nem "de fora", mas de sua interação (p. 55).

Ele acrescenta ainda que identidade ocupacional não é algo fixo e definitivo, mas, sim, como "um processo submetido às mesmas leis e dificuldades daquele que conduz a conquista da identidade pessoal. Essa afirmativa elimina a idéia de que a vocação é algo definido, um chamado ou um destino preestabelecido que se deve descobrir" (p. 55).

Para Castanho (1988, p. 14), "a identidade ocupacional vai crescendo, se desenvolvendo e tende a ser um dos aspectos mais importantes da identidade pessoal, com o desempenho da profissão". Portanto, quando o indivíduo não tem uma ocupação que é uma das coisas mais valorizadas pela sociedade contemporânea, sente-se incompleto, como se estivesse faltando uma parte de si, algo que não desenvolveu.

Percebe-se, diante de todas as colocações citadas, que a identidade ocupacional é construída na relação com os outros, recebendo a todo o momento as influências do meio humano. É justamente por isso que a identidade ocupacional, assim como a identidade pessoal, deve ser entendida como a contínua interação entre fatores internos e externos ao sujeito.

Pode-se dizer, também, que, como apontado pelos autores mencionados, identidade ocupacional está diretamente relacionada à identidade pessoal, pois o papel profissional que o adolescente desenvolverá no futuro terá como base os sentidos e significados construídos por ele mesmo. Caso contrário, a hipótese é de que esse papel profissional seja desempenhado com frustração, angústia e conflito.

Dessa forma, afirma Soares (2002) que:

> [...] escolher o que se quer no futuro implica reconhecer aquilo que fomos, as coisas importantes acontecidas em nossa vida que podem estar interferindo no momento presente. É preciso fazer uma integração do tempo dentro de nós. O futuro se organiza dentro de nós como uma sucessão histórica, na qual estamos sempre fazendo e cumprindo projetos anteriores (p. 23).

Castanho (1988) aponta, também, que, quando o jovem ou a jovem adolescente pensa numa determinada ocupação, não imagina apenas o título que ela dá, mas também no tipo de atividade exercida, no ambiente físico do trabalho e no contexto social e econômico que cerca as pessoas que exercem tal profissão. Isso define "quem ser" no futuro e que, quando resolve eleger uma profissão, começa uma caminhada rumo à independência, levando consigo responsabilidades, obrigações e privilégios de ser agora dono da própria vida.

Completando essa colocação de Castanho e dos demais autores, pode-se dizer que o adolescente que está frente à escolha da profissão não se limita a pensar só em quem ele vai

ser, mas também em como ele vai fazer para chegar até essa profissão, como a família, os amigos e a escola podem contribuir nesse processo, como vai ser enquanto profissional, onde e como irá atuar, com quem e como vai conviver e que ganhos (de várias ordens) ele obterá com sua escolha.

Almeida e Pinho (2008) afirmam que:

> [...] quando um adolescente se depara com a escolha de uma profissão, não estão apenas em jogo seus interesses e aptidões, mas também a maneira como ele vê o mundo, como ele próprio se vê, as informações que possui acerca das profissões, as influências externas advindas do meio social, dos pares e, principalmente, da família (p. 1).

Torna-se, portanto, evidente que definir o futuro profissional não é somente definir o que fazer, quem ser e quem não ser. É algo muito maior, que tem suas características gerais, mas é enfeitado por aspectos subjetivos, que vão ser vivenciados diferentemente por cada sujeito.

Além disso, quando o adolescente sente a necessidade de ocupar um novo lugar no seu seio familiar e na sociedade, é o momento pelo qual a sua identidade está voltada não mais para seu universo infantil, mas, sim, para o universo adulto. Uma das preocupações desse contexto é a inserção no mundo do trabalho, por meio da profissão.

Assim, o adolescente, com um novo corpo, novos pais e outros objetivos, tem que escolher sua futura profissão. Sabendo que essa escolha é geradora de perda e de abandono, tornam-se comum, portanto, sentimentos de ansiedade e insegurança no adolescente. Trata-se de um período de ligação entre o que se era no passado e o que será no futuro.

Portanto, vai ser na adolescência que a identidade ocupacional terá mais espaço, fator importante para que os adolescentes construam uma perspectiva futura para suas vidas e tracem seu papel e sua função na sociedade.

A identidade ocupacional, portanto, irá se constituir como um processo diretamente vinculado à construção da identidade pessoal, sendo que os papéis profissionais serão construídos com base no que é significativo ao sujeito e nas influências que o mesmo recebeu durante sua vida.

CAPÍTULO 2 PROJETO PROFISSIONAL E SUA DIMENSÃO SOCIAL

Neste capítulo, será ressaltado o projeto profissional e como a expectativa familiar interfere na construção desse projeto.

2.1 Projeto profissional: conceitos propostos

Quando o universo infantil vai se distanciando para dar entrada ao universo adulto, o indivíduo passa por um processo de construção de uma nova perspectiva de vida, a qual, de alguma forma, é cobrada pela sociedade em geral. Mas, quando essa cobrança acontece? Quais impactos ocorrem na vida do sujeito em decorrência dessa cobrança e exigência social?

Pode-se pensar, a partir disso, que a construção de uma nova perspectiva de vida, por meio de um projeto profissional, acontece quando a relação de total dependência, tal como ocorria na infância, passa a não mais acontecer. Nesse momento, a sociedade vai exigir do adolescente, no começo de sua independência, a construção do seu projeto de vida, que tem como parte central o projeto profissional, que se dá geralmente pela escolha da profissão. A partir dessa escolha, o meio social saberá qual lugar esse sujeito vai ocupar dentro da sociedade.

Segundo Castanho (1988), o projeto de vida é um preparo daquilo que o sujeito vai realizar durante sua existência, sendo, em geral, construído no final da adolescência, quando a maioria dos jovens já pode avaliar o que quer e quais são as possibilidades de realização de seus planos.

Soares (2002), por sua vez, acredita que o projeto de vida integra a subjetividade e a objetividade e também sintetiza, num mesmo todo, o futuro previsto e o passado recordado. É um momento de síntese que exige muito do eu: autoconhecimento, tranquilidade e segurança.

O projeto de vida vai estar atrelado a uma série de variáveis. Na sua estrutura, sofrerá influência das expectativas que os pais e parentes têm sobre o adolescente, das suas próprias concepções a respeito de si mesmo e dos outros e, também, das oportunidades e acidentes que encontrará pela frente (CASTANHO, 1988, p. 23).

Portanto, pode-se afirmar que o projeto de vida é dinâmico e que pode ser modificado conforme circunstâncias e oportunidades. Além disso, é um processo que poderá sofrer

influências do passado, do presente, da família, de pessoas próximas, da escola, dos amigos, do contexto socioeconômico e outros.

Mas, como anteriormente constatado, a escolha profissional é o cerne do projeto de vida, e é uma das decisões mais importantes que os adolescentes têm que tomar nesse período da vida.

O ato de escolher, escolher a profissão, às vezes, parece muito simples, fazendo acreditar que basta procurar por aquilo que se gosta de fazer. Mas, na realidade, escolher muitas vezes é doloroso e complexo.

Segundo Soares (1991), a prova disso está na quantidade de pessoas que desistem de seus cursos, abandonam bons empregos e mudam de cursos várias vezes. Para algumas pessoas, a escolha é mera causalidade. Aparece determinado emprego, ela aceita e depois descobre gostar daquilo que faz. Outras passam a vida inteira procurando aquele trabalho maravilhoso ou aquela profissão que lhes trará toda a felicidade do mundo.

Quando se está escolhendo, apesar de ser um ato individual e muitas vezes solitário, envolve-se uma série de pessoas que, direta ou indiretamente, sofrerão as consequências dessa escolha. Um forte exemplo é o grupo familiar. Portanto, toda escolha, por mais pessoal que seja, tem sempre um componente social.

É importante destacar, também, que a escolha não se dá de uma hora para outra. Ela não é um fato isolado na vida do adolescente. Ela faz parte de um processo que exige um determinado amadurecimento pessoal. Mas, quando escolher? Qual o melhor momento para fazer uma escolha?

O momento da escolha é quando se pode olhar para trás e para frente ao mesmo tempo, decidindo o caminho a seguir. Sempre se fazem escolhas, com mais ou menos autonomia, com mais ou menos consciência, com mais ou menos condições, mas sempre se está optando por algo.

Segundo Castanho (1988, p. 32), “o momento da escolha profissional é extremamente conturbado, pois o jovem, que está se definindo em termos de profissão, também está se definindo em termos políticos, religiosos, sexuais e, ainda, tentando se emancipar dos pais – vindo a ocupar um lugar de adulto dentro da família”.

Para Dias (1995), o momento da escolha de uma profissão é de crise, pois é um período onde muitas mudanças se processam num curto espaço de tempo, no qual, muitas vezes, um estudante escolhe não porque já se sente preparado para fazê-lo mas, porque, por exemplo, o prazo para inscrição no vestibular o pressiona.

Quando um jovem se depara com a escolha de uma profissão, aparecem vários obstáculos, limitações e influências externas das mais variadas, principalmente a influência do contexto familiar. De maneira implícita ou explícita, sutil ou manipuladora, a família e suas representações interferem, sim, no processo de construção do projeto profissional dos adolescentes (ALMEIDA e PINHO, 2008).

Escolher uma atividade laboral é escolher a forma pela qual se quer participar do mundo em que se habita, onde vive-se e com o qual se relaciona. Escolher, portanto, implica em deixar de lado aquilo que não foi escolhido e arcar, de alguma forma, com as consequências da escolha feita.

Castanho (1988) aponta que escolher uma carreira significa deixar de optar por outras possibilidades, e esse é um dos fatores mais difíceis: a renúncia àquilo que não foi escolhido. Portanto, a escolha de uma profissão implica em reconhecer o que se quer no futuro, o que se foi, o que se é e as coisas importantes acontecidas durante a vida. E, ao se dar conta da complexidade do mundo do trabalho e das inúmeras profissões que existem, é comum que o adolescente se sinta inseguro e indeciso frente ao futuro, sem saber qual caminho seguir.

Dependendo das condições socioeconômicas, o adolescente terá determinadas oportunidades de trabalho e não terá outras. Enfrentará alguns preconceitos enquanto outros adolescentes de outras classes enfrentarão outros tipos de preconceitos. As oportunidades não são as mesmas para todos, e a educação baseada no "querer é poder" é falsa e faz com que o adolescente, ao se deparar com as limitações de seu contexto, sua condição socioeconômica, por exemplo, não as considere como tais, mas sim, como uma limitação pessoal (CASTANHO, 1988).

"Além disso, escolher uma profissão é muito maior que escolher o que vai fazer na maior parte do tempo e dos dias. É também responder a uma série de desejos e fantasias que não são só do indivíduo, mas também das pessoas mais significativas para ele" (SOARES, 1991, p. 45).

Castanho (1988) concorda com Soares, pois afirma que, quando o adolescente pensa numa determinada profissão, não imagina apenas o título que ela oferece, mas também o tipo de atividade exercida, no ambiente físico do trabalho e no contexto social e econômico que cerca as pessoas que exercem tal profissão.

Ela ressalta, também, que, quando alguém procura uma profissão, busca algo que o faça feliz. Talvez, não diga isso de maneira tão simples e empregue outro termo: "quero me realizar".

Diante da colocação de Castanho (1988), acredito que nem sempre o sujeito procura uma profissão que o faça feliz ou que a felicidade faça parte dessa escolha. Em geral, creio que sim, mas existem determinantes que impedem que a felicidade venha em primeiro lugar. Penso ser subjetivo, histórico e social o que cada sujeito procura quando vai à busca de uma profissão. Não significa também que a felicidade não faça parte desse processo em algum momento mas, nem sempre, vem em primeiro lugar para determinadas pessoas.

Quando falamos em escolha profissional, estamos falando também de trabalho. Atualmente, o trabalho é o que, principalmente, nos garante a sobrevivência. É a partir dele que adquirimos dinheiro para obter com mais "conforto" alimento, saúde, lazer, etc. Não estou dizendo que o futuro de uma pessoa dependa somente de sua opção profissional, mas acredito que a essa seja uma das principais garantias de vida.

O trabalho passa ser tão importante para as pessoas que, quando a profissão ocupa o lugar de destaque na vida do sujeito, ele passa a canalizar muita energia para se dedicar ao seu meio de ganhar a vida, o que o leva, cada vez mais, a integrar-se com seu trabalho, como se este fosse parte de si, diz Castanho (1988).

Para Soares (1991), o processo de escolha profissional é atravessado por três momentos distintos e acontece antes mesmo da adolescência. De acordo com ela, essas fases são:

> 1) A fase da fantasia, que compreende várias situações: de 4 a 6 anos, quando a criança responde à pergunta: "o que é que vai ser quando crescer?", geralmente baseada em suas satisfações intrínsecas e passageiras, isto é, a desejos e necessidades momentâneas. De 7 a 9 anos, as escolhas já são baseadas no êxito que as carreiras oferecem, e de 10 a 12 anos as escolhas começam a se basear num realismo, sentidas como de sua responsabilidade [...]. 2) Na fase das tentativas, que se desenvolvem de 12 a 17 anos, o adolescente baseia suas escolhas primeiramente em suas capacidades e finalmente nos seus valores, mesmo tendo informações insuficientes sobre si mesmo e sobre o mundo do trabalho. Valores são as normas, princípios ou padrões sociais aceitos ou mantidos por indivíduos, classe ou sociedade. Na fase das tentativas, o jovem começa a reconhecer os valores de sua família e meio social, assumindo-os e experimentando-os como seus. Prestígio, status social, dinheiro são valores transmitidos por nossa sociedade que são levados em conta no projeto de sua vida [...]. 3) A fase realista ocorre entre 17 e 21 anos, implicando a escolha de uma profissão, de um curso superior, e caracteriza-se por alguns momentos distintos. Inicialmente você deve ter um conhecimento mais detalhado, se possível, de todas as profissões para começar a distinguir as que você quer ou das quais gosta. Essa é fase da exploração. Na próxima fase você se compromete com o objetivo que escolheu. A fase seguinte ocorre quando você começa a tomar as primeiras iniciativas que o levarão a concretizar a

> escolha feita, por exemplo, a busca dos locais que oferecem o curso escolhido, a inscrição para o vestibular (p. 21).

Soares cita, nessa última fase, a escolha de um curso superior. No entanto, a realidade não se apresenta sempre desta forma. Nem todos os alunos, para efetivarem sua escolha profissional, precisam escolher um curso superior. Alguns podem optar por cursos técnicos, outros podem ter seu próprio negócio ou realizarem outras atividades que proporcionem realização pessoal e profissional. Portanto, a não escolha por um curso superior não banalizará o projeto profissional.

Além disso, precisamos levar em consideração os alunos que estão fora da sala de aula, que, muitas vezes, não têm acesso ao ensino básico e que, possivelmente, não vão passar por um curso superior.

Acredito, também, que o curso superior não é a única saída para satisfação profissional e pessoal. É importante buscar outras formas de trabalho que mais se relacionem com os interesses e possibilidades do sujeito e que o fará se sentir mais realizado.

Ainda no que se refere à escolha de uma profissão, compreendo que é algo complexo, pois é atravessada por componentes sociais, pessoais e familiares. Cada pessoa vai ter que lidar com suas limitações e possibilidades para fazer realizar e tornar efetiva sua escolha. Enfatizo que as dificuldades com a escolha da profissão surgem principalmente na adolescência, momento de questionamentos, busca de uma identidade adulta e de crises. Vivenciar esse processo pode ser angustiante não só para o sujeito, mas também para toda sua família.

Mas, para facilitar esse processo, é importante que o adolescente compreenda e conheça essas particularidades, tendo, assim, mais controle sobre suas escolhas. Além disso, não podemos deixar de levar em consideração que o adolescente está passando por uma fase de transição em que seus interesses de crianças ainda são realçados paralelamente com decisões adultas que precisa tomar. Essa transição marca momentos de frustração, medo, insegurança e tensão, o que dificulta ainda mais o processo de escolha.

Portanto, a identidade ocupacional do adolescente será formada via as diferentes relações estabelecidas no decorrer de sua vida e por meio dos sistemas sociais que está inserido, a exemplo de sua família. Esse percurso ocupacional tem suas marcas a partir das relações estabelecidas com esses sistemas, que, de alguma forma, são suas principais referências.

Enfim, o projeto profissional é parte integrante na vida do adolescente e é algo

esperado, sonhado e cobrado pela família e pela própria sociedade. É o que passaremos a entender no próximo eixo teórico, como a expectativa e o investimento familiar perpassam o processo de escolha profissional do adolescente.

2.2 Expectativa familiar e sua relação com a construção do projeto profissional do adolescente

Muitos são os fatores que interferem na escolha profissional do adolescente, desde a subjetividade do sujeito até as crenças políticas, religiosas, a cultura de valores, a condição socioeconômica da pessoa e do local em que ela esta inserida e o grupo familiar. Acredito que, entre todos os fatores que interferem na escolha profissional, a família é uma das principais influências desse processo e que tem o poder de facilitar ou dificultar a escolha profissional do adolescente, tornando esse momento mais pesado do que ele já é ou trazendo mais leveza para esse processo.

Mas, antes de discorrermos sobre a expectativa familiar e sua relação com o projeto profissional do adolescente, acredito ser importante discutirmos um pouco sobre a função da família. De acordo com Soares (2002), a família é "a célula social responsável pela transmissão da ideologia dominante, dos valores morais, dos pensamentos e da cultura. Ela é o elo intermediário entre o social e o indivíduo" (p. 53).

Segundo Dias (1992), a introdução do indivíduo no conjunto da sociedade se faz por intermédio da família, que se encarrega de sua socialização. A socialização é, assim, o processo através do qual esse indivíduo incorpora os padrões sociais de sua cultura e aprende a se comportar e a conviver com as demais pessoas. Ou seja, uma das funções familiares é a socialização do indivíduo, para que este possa construir sua identidade a partir de suas relações estabelecidas.

Em sintonia com as idéias de Dias e Soares, entendo que o mundo nos é apresentado pela família e que a forma pela qual a família dá significado as coisas da vida tem haver com o modo de ver, perceber e relacionar do filho. Pois, como já pontuamos, antes mesmo de nascer, a criança tem um lugar social e na vida psíquica dos seus familiares. A família é um dos principais grupos de referencia para o adolescente, e seus valores, crenças, comportamentos e atitudes serão bases significativas na orientação de vida do adolescente.

Mas, afinal, quando nos referimos ao termo família, estamos falando de quem? Pai, mãe e filho? Avó, avô e neto? Tios e sobrinhos? Pais adotivos? Pais por identificação? Enfim, a configuração atual da instituição familiar é múltipla e variada, diferentemente da família nuclear que conhecemos. Para tanto, trabalharei nesta pesquisa com o seguinte conceito de família: "um conjunto de pessoas que se relacionam por terem identificação, parentesco ou que tenha um laço consanguíneo.

Mas, por que a expectativa familiar é um elemento fundamental no projeto profissional do adolescente? Para responder a esse questionamento, recorro a Castanho (1988), que diz o seguinte: o desejo da família ou do grupo social mais próximo é fundamental, pois é no grupo familiar que as pessoas se desenvolvem, aprendem a se relacionar e formam suas personalidades.

Para Almeida e Pinho (2008), a família é fundamental, porque, ao nascer, o sujeito já carrega consigo uma série de expectativas da família, que ele deverá (ou não) cumprir ao longo da vida. "Os pais depositam seus sonhos nos projetos que fazem para o futuro do filho, e este se desenvolve dentro desse contexto, muitas vezes, ouvindo que deve seguir a profissão do pai e/ou do avô, ou ouvindo que determinada profissão não é apropriada para o seu sexo" (p. 1).

Outro exemplo da influência da família na vida do adolescente ocorre quando os pais não conseguiram realizar seus sonhos durante sua adolescência ou tiveram que deixar de lutar por eles por algum motivo, e o filho tem que ser aquilo que o pai ou a mãe não conseguiram ser, pois lhe é transmitido o valor positivo daquele ideal não conquistado.

Soares (1991) ressalta que "a satisfação ou frustração dos pais em suas profissões influem na visão que o filho terá do mundo do trabalho. Afinal, a experiência dos pais é a primeira com a qual os filhos entram em contato" (p. 44).

Outra análise importante realizada por Soares (1991) é que o período de decisão dos filhos coincide com a fase de meia idade dos pais, época em que eles também se encontram questionando suas vidas, suas escolhas, suas profissões, aquilo que conseguiram realizar e as frustrações de seus projetos.

Além disso, quando a família valoriza ou reprime determinados comportamentos da criança, ela está operando na realidade de mundo desse pequeno sujeito, determinando em partes sua percepção sobre as coisas.

Soares (2002) confirma isso quando afirma que:

> Desde o nascimento, a pessoa é acompanhada pelos desejos e fantasias de seus pais e familiares em relação a ela e ao seu futuro. Cada filho recebe uma carga de expectativa de seus pais, devendo cumpri-la ao longo de sua vida. A necessidade de cumprir ou não os desejos dos pais varia de uma pessoa a outra e também de acordo com o grupo social do qual faz parte (p.75).

Dias (1995) afirma que, quando a família é rígida, cobra-se uma réplica uns dos outros e não assimila contradições e diferenças, acaba por obstruir o crescimento de todos, desconsiderando que o adolescente, para crescer e se desenvolver, precisa dar conta de sua identidade pessoal.

O exemplo citado por Dias é um demonstrativo de uma influência negativa na vida do adolescente e para seu projeto profissional, pois impossibilita uma reflexão crítica da própria vida e do que se quer para ela.

Mas nem sempre a influência é percebida pelo adolescente. Stengel (2003) diz um pouco sobre isso quando revela que:

> A influência da família nem sempre é reconhecida pelo jovem, sendo, em diversas situações, negada. Alguns acreditam que não sofrem esse tipo de influência ou, quando muito, sofrem apenas circunstancialmente. As circunstâncias são de modo geral quando há concordância entre jovem e a família (p. 140).

Soares (2001) concorda com Stengel quando diz que o jovem escolhe uma profissão muitas vezes sem conhecer a influência recebida pelo meio familiar, e que a rede de relações que se forma em cada família, incluindo os avós, bisavós, tios, primos, está presente de uma maneira ou de outra nas diferentes escolhas que fazemos na vida.

Diante do exposto por Stengel e Soares, percebo que as escolhas dos filhos, mesmo sendo um ato pessoal, carrega em si as marcas da história da família, e que a família pode influenciar de várias maneiras, sutilmente, a ponto de o adolescente nem perceber, invasiva sufocando e camuflando o desejo do adolescente, chantageando-o emocionalmente. Enfim, alguns adolescentes vão perceber e sentir mais essa influencia familiar e outros não. Ainda podem receber essa influencia, mas não elaborá-la de forma negativa e positiva para si e nem para o seu projeto profissional.

Dias (1995) complementa os dizeres das autoras, assinalando que, quando adolescente procura escolher uma profissão, este está às voltas com as visões e as pressões da família. Isso é vivenciado pelo adolescente tanto concretamente quanto internamente. E, muitas vezes, isso pode se tornar um sintoma de grupo – expressão de ansiedade e conflitos compartilhados.

Entendo, diante disso, que se faz importante que o adolescente fique atento às possíveis influências do seu grupo familiar, sejam elas explícitas ou implícitas. A partir dessa conscientização, o adolescente poderá lidar melhor com a situação, tornando-a a mais positiva possível e, ainda, estabelecendo a si mesmo, os seus próprios desejos em relação à sua escolha profissional.

Calligaris (2000) aponta que o adolescente, diante do impasse da expectativa familiar, lança-se numa interrogação de quanto tempo sua adolescência durará. Ou seja, ele tenta descobrir qual pré-requisito precisa cumprir para conquistar um reconhecimento entre os "grandes". Esse reconhecimento entre os "grandes" ocorre, na maioria das vezes, quando o adolescente já se coloca diante da sua escolha profissional.

A escolha da possível carreira se torna difícil, pois se escolhe o estilo de vida que será adotado a partir da opção feita. Assume-se, em geral, um papel ativo e maduro, de mudanças pessoais, buscando a independência e a separação dos pais. Quando a família consegue assumir e atuar em uma relação construtiva com o adolescente, oferecendo liberdade, diálogo e espaço, o adolescente consegue progredir e assumir com mais facilidade seu projeto profissional. Pois, muitas vezes, a família é considerada um refúgio, no qual o adolescente pode buscar força, apoio para lidar com situações difíceis, esperança e muitos outros fatos.

Essa relação entre pais e filhos adolescentes significa também uma ruptura com a posição infantil de ser objeto de posse dos pais e, com isso, diz Stengel (2011), "a relação entre o adolescente e seus pais passa a ser pautada por uma ignorância, a dos pais, por não compreenderem seu filho, e deste, por não entender seus pais. Surge, então, um silêncio na família" (p. 02).

A autora ressalta, ainda, que os pais da infância, que muitas vezes eram considerados super pais, ou melhor, super heróis, passam a ocupar um espaço diferente e estranho na relação com o filho. E, por outro lado, esses pais não mais reconhecem seus filhos, pois aqueles traços infantis desaparecem, dando espaço para um novo corpo. E isso provoca no seio familiar uma solidão e possível agressividade, ocupando, às vezes, o silêncio.

Por mais esse aspecto apresentado, percebo que, para passar por esse processo de escolha da profissão, seja necessário desprendimento e esforço por parte dos pais, filhos e até mesmo da escola, para que, em conjunto, promovam aspectos positivos, como o livre-arbítrio e a autonomia. Dessa forma, a situação é vivenciada de maneira mais sadia para ambos os lados, contribuindo para o amadurecimento e para a formação da identidade profissional do adolescente.

Soares (2001) afirma que os determinantes familiares na escolha da profissão são mais que familiares, "são reflexo de toda uma sociedade que organiza a vida dos seus indivíduos para manter-se como está, com o mínimo possível de mudanças sociais, procurando manter a dicotomia indivíduo – sociedade. Como a família faz a ponte com a sociedade, ela não pode ser vista fora dessa dimensão".

A autora acrescenta que os pais constroem projetos para seus filhos, propondo metas a serem alcançadas e objetivos de vida. Isso seria uma forma dos pais de investir nos sonhos que eles não puderam realizar. Ela afirma, ainda, que, no projeto dos pais, encontra-se presente a forma como o pai e a mãe se relacionaram com as expectativas de seus próprios pais.

A afirmação de Soares nos remete a outra coisa, contraditória por sinal. Ao mesmo tempo em que os pais, nessa fase, cobram a independência dos filhos, mais autonomia e mais maturidade, eles mesmos, algumas vezes, não oferecem esse espaço, principalmente no que diz respeito à sua escolha profissional. Prova disso é quando fazem ou, até mesmo, impõem determinadas profissões para seus filhos.

Soares (2001) apresenta outra questão importante sobre a influência da família, que é quando a mesma busca uma ascensão social por intermédio do filho e da profissão escolhida por ele.

Diante dessa responsabilidade que o filho carrega – responsabilidade pela ascensão da família – ele se vê em conflito, pois não sabe se realiza o que a família espera e deseja ou se segue a profissão com que tem mais afinidade.

Soares (2001) ainda ressalta que a expectativa dos pais em relação ao futuro dos filhos vai além da escolha profissional, dando-se em todas as áreas da realização humana. A autora acrescenta, ainda, que os membros da família:

> Esperam não só que os filhos sigam uma profissão de nível superior, de status social definido, mas também formem uma família, conquistem um bom emprego e assim sejam felizes! Essa é uma dimensão de felicidade esperada pelos pais para seus filhos, não percebendo que, se ela é válida para os pais até o momento, não necessariamente é a proposta de vida de seus filhos numa sociedade em que os valores estão se modificando rapidamente e são bem diferentes dos de alguns anos atrás. [...] Na maioria das vezes, o jovem concorda com os pais sobre aonde quer chegar, mas o caminho, o tipo de casamento, de profissão e de formação (se é na universidade ou não) não coincidem necessariamente (p. 78).

Mais uma vez, podemos concluir que o universo familiar pode levar ou não o adolescente a escolher um caminho que não quer seguir e nem viver. Pela necessidade de agradar, sentir-se amado ou, até mesmo, por medo, o adolescente age de modo contrário aos seus sonhos e expectativas.

Soares (2001) cita o exemplo de que, quando o jovem se apresenta indeciso, alguns pais dizem frases do tipo: "se não sabes o que quer, faça medicina...; Se não sabe o que quer faça odontologia ou enfermagem...". Nesse contexto, fica evidente a projeção dos pais, nos filhos, de seus sonhos não realizados e o quanto não estão preparados para a escolha do adolescente.

Com relação à reação dos pais frente à escolha dos filhos, a autora afirma o seguinte:

> O momento de decisão dos filhos leva os pais a regirem de forma oposta àquela como foram tratados no momento da sua escolha. Alguns, para não influenciarem, não dizem nada, deixando os filhos mais inseguros ainda, pois essa liberdade dada pelos pais muitas vezes é sentida pelo jovem como falta de atenção, carinho, e amor. [...] Outras vezes, os familiares, no desejo de ajudar, acabam por deixar o jovem cada vez mais indeciso. A opinião dos pais é muito importante para o jovem, afinal são pessoas em quem ele sempre acreditou, principalmente durante sua infância. O jovem sabe que os pais querem o melhor para ele, mas isso pode acabar por confundi-lo e limitá-lo ainda mais, em vez de abrir-lhe caminhos para pensar. (SOARES, 2001, p. 81)

A partir dessas reflexões, pode-se dizer que o debate sobre a expectativa da família frente à construção do projeto profissional do adolescente nos permite uma maior compreensão sobre esse ser, sobre suas dificuldades, medos e limitações diante da expectativa de seus pais e de seus próprios desejos.

Passamos a entender, também, o porquê de vários comportamentos, e mesmo o porquê deles acontecerem. Também podemos entender que, na infância, a família é o grupo de referência para a criança, que, na adolescência, há uma necessidade de se identificar com outros grupos sociais, e que a busca pela independência se torna conflituosa, pois é na família que, geralmente, ocorrem os maiores afetos, emoções e sentimentos.

Por isso e muito mais, a família ainda é um dispositivo de peso e de influência na vida do adolescente, mas diferente de como era na infância. Porém, quando ainda não conseguem se projetar como pais de adolescente, os pais podem ser invasivos, impositivos e deterministas na vida e no projeto profissional de seus filhos. Portanto, a expectativa familiar pode ser tanto positiva quanto negativa para a vida do adolescente e para seu projeto profissional. Os efeitos dessa expectativa o tempo é que vai revelar na vida subjetiva de cada um desses sujeitos.

CAPÍTULO 3 APRESENTAÇÃO E DESCRIÇÃO DA INVESTIGAÇÃO

Nesta parte da pesquisa, apresento os gráficos sobre as perguntas do questionário - com vinte e cinco questões intercaladas de perguntas abertas e fechadas, nessas perguntas buscou-se compreender aspectos relativos ao projeto profissional, o perfil socioeconômico e a expectativa familiar sob a ótica do próprio adolescente e a descrição e as análises comparativas. Cabe mencionar novamente, que os alunos selecionados para este estudo fazem parte de uma turma do período da manhã do terceiro ano do Ensino Médio de cada escola selecionada – Escola Estadual João Batista de Carvalho (Pública) e Cooperativa de Ensino – Rede Pitágoras (Particular) do município de [1]Bambuí/MG.

3.1 Achados da pesquisa: apresentação, descrição e análise dos dados obtidos no questionário

A amostra da pesquisa foi composta por 61 (n=61) alunos do terceiro ano do Ensino Médio, matriculados em duas escolas (uma particular e uma pública estadual) da cidade de Bambuí-MG. Do total da amostra, ou seja, 61 alunos, 23 eram pertencentes à escola particular e os 38 restantes pertenciam à escola pública. Na comparação das amostras estratificadas pela distribuição da idade dos participantes, verifica-se que a frequência de participantes com 17 anos de idade na escola pública é maior do que na escola particular, apontando 94,74% e 82,61%, respectivamente. É importante ressaltar que o esperado é que os alunos dessa faixa etária (dos 17 para os 18 anos) estejam no terceiro ano do Ensino Médio, o que significa adequação da faixa etária.

[1] De acordo com o censo realizado pelo IBGE em 2010, sua população é de 22.709 habitantes. O município tem uma área total de 1453,99 km² e fica a 270 km de distância de Belo Horizonte. O município se localiza no centro-oeste mineiro, próximo à Serra da Canastra, onde nasce o Rio São Francisco. Os acessos rodoviários a Bambuí se dão por meio das rodovias MG-050, BR-354 e BR-262. A principal produção mineral de Bambuí é a extração de caolim, e a agrícola é o café, arroz, milho e soja. Bambuí possui um Instituto Federal de Minas Gerais. Localizado na Fazenda Varginha, o IFMG Campus Bambuí é referência para toda a região na área educacional e tecnológica, agregando valores para o desenvolvimento de profissionais de nível técnico e superior, para as áreas de administração, turismo, informática, indústrias alimentícias e agropecuárias. Disponível em: http://www.bambui.mg.gov.br/.

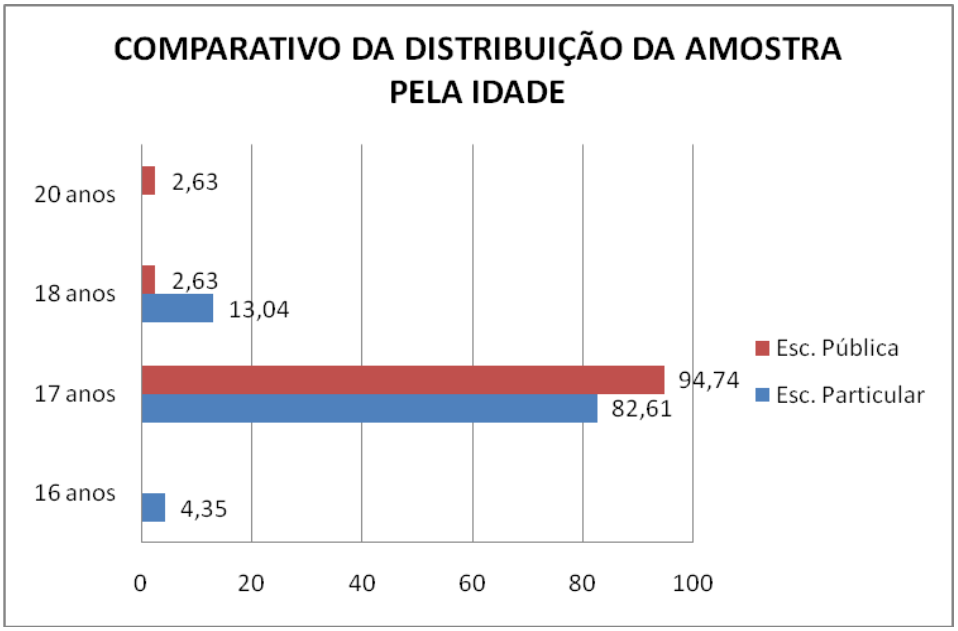

GRÁFICO 1 – Distribuição da amostra pela idade

Em relação à distribuição da amostra quanto ao gênero, 36,07% são do sexo masculino e 63,93% do sexo feminino. Comparando-se a distribuição das amostras estratificadas quanto ao gênero, verifica-se que se mantém a maior frequência do sexo feminino em relação ao masculino.

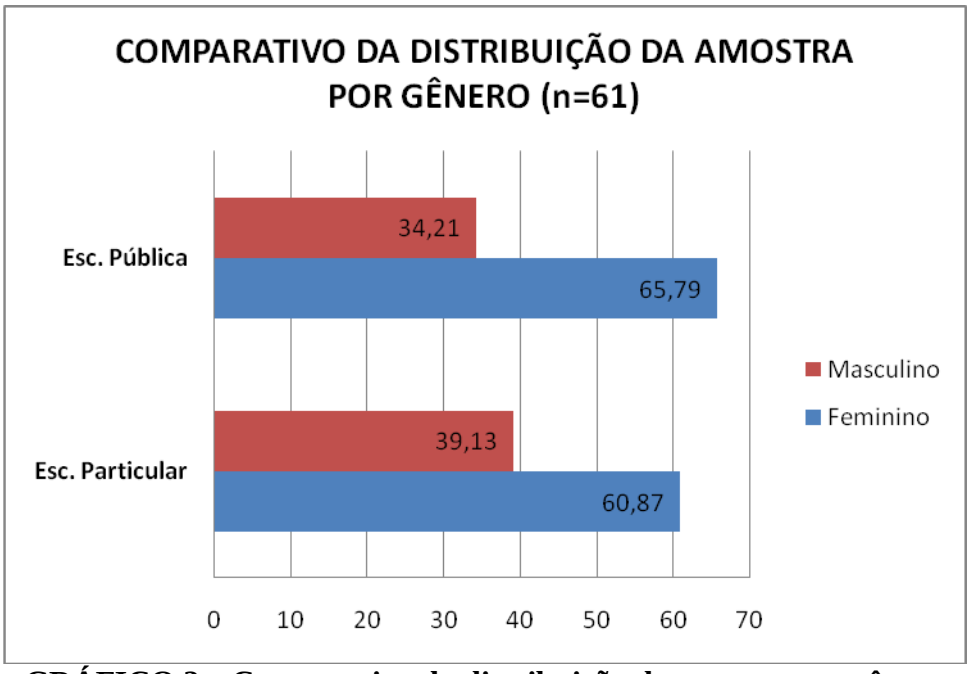

GRÁFICO 2 – Comparativo da distribuição da amostra por gênero

Considerando a renda familiar e para efeitos de comparação, a amostra foi estratificada de acordo com o tipo de escola, particular e pública. Verifica-se que os participantes matriculados na escola particular têm maior renda familiar, sendo que 34,78% têm renda de cinco a seis salários mínimos e os demais 65,22% têm renda familiar maior que sete salários mínimos. Na escola pública, a renda familiar aparece mais distribuída entre as faixas apresentadas, sendo que as maiores frequências ocorrem nas faixas de três a quatro salários mínimos e de um a dois salários mínimos: 39,47% e 28,95%, respectivamente. Nas faixas com maior renda, de cinco a seis salários mínimos, e maior que sete salários mínimos, encontram-se 18,42% e 10,53% das famílias, respectivamente. Há, ainda, 2,63% que declararam renda familiar de até um salário mínimo.

De modo geral, os pais não revelam totalmente a renda da família para seus filhos mas, de acordo com o padrão de vida que levam, tem-se uma noção clara das possibilidades financeiras da família. Ressalto que, considerando o valor da mensalidade da escola (aproximadamente um salário mínimo), uma família com renda familiar menor que três salários mínimos teria que comprometer o próprio sustento para manter as mensalidades ou, ainda, se privar de muitas coisas para dar conta dessa despesa.

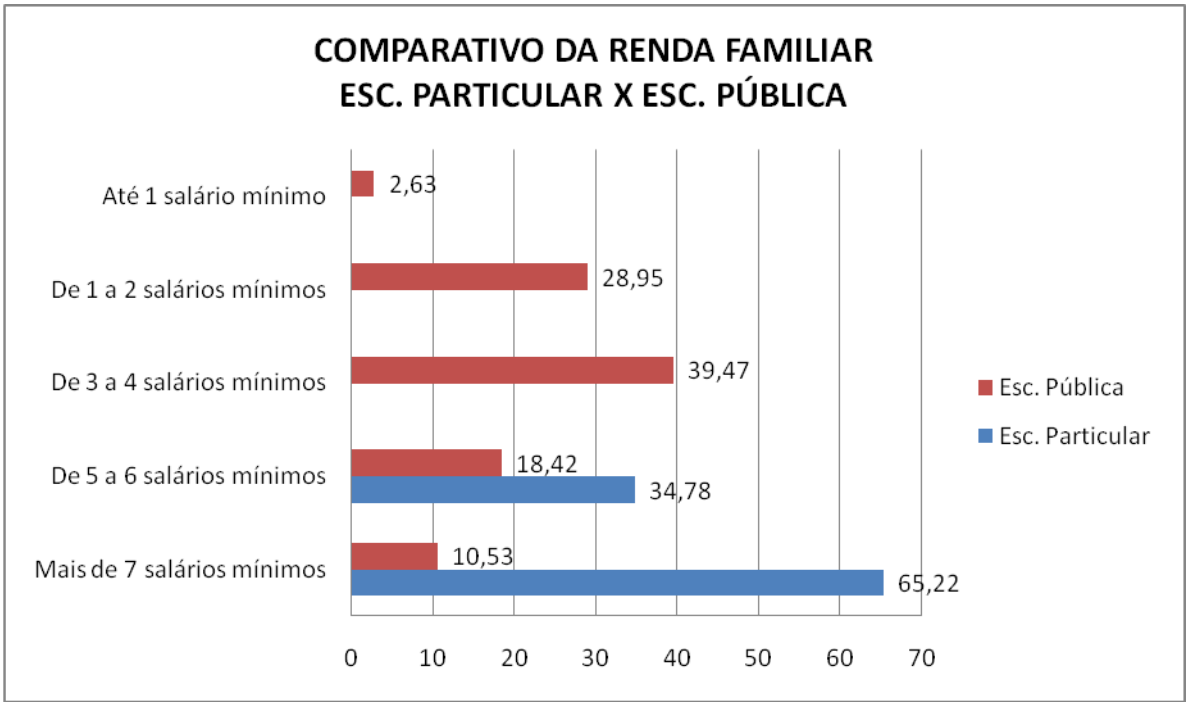

GRÁFICO 3 – Comparativo da renda familiar da Esc. Particular x Esc. Pública

Ao analisar as amostras estratificadas, considerando a escolaridade dos pais de alunos da escola particular em comparação com a escolaridade dos pais de alunos da escola pública, e, da mesma forma, com as mães, verifica-se que entre os pais de alunos de escola particular há maior nível de escolaridade. Os dados apontam que 39,13% dos alunos de escola particular têm pais pós-graduados enquanto, no ensino público, não há ocorrência de pós-graduação entre os pais de alunos. Considerando o Ensino Superior completo, 30,43% dos pais de ensino privado têm Ensino Superior completo enquanto, entre os pais de ensino público, a porcentagem é de 13,16%. No nível de menor ensino apontado, da 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental, encontram-se 23,68% dos pais de alunos de escola pública enquanto, para os pais de ensino privado, não há ocorrência nessa faixa.

Os resultados nos mostram que o contato dos pais dos estudantes da escola privada com o Ensino Superior é maior do que o dos pais dos alunos da escola pública, o que revela um fato social de que os alunos filhos de pais que cursaram o Ensino Superior sofrem maior influência dos mesmos para trilhar o mesmo caminho ou até mesmo um caminho melhor e mais promissor. Isso não significa que os pais da escola pública não busquem a ascensão de seus filhos. Ademais, o Ensino Superior nem sempre é a primeira opção, havendo ainda os cursos técnicos, profissionalizantes e o trabalho autônomo. Isso poderá ser exemplificado no gráfico que mostra o que os alunos pretendem fazer quando terminarem o Ensino Médio.

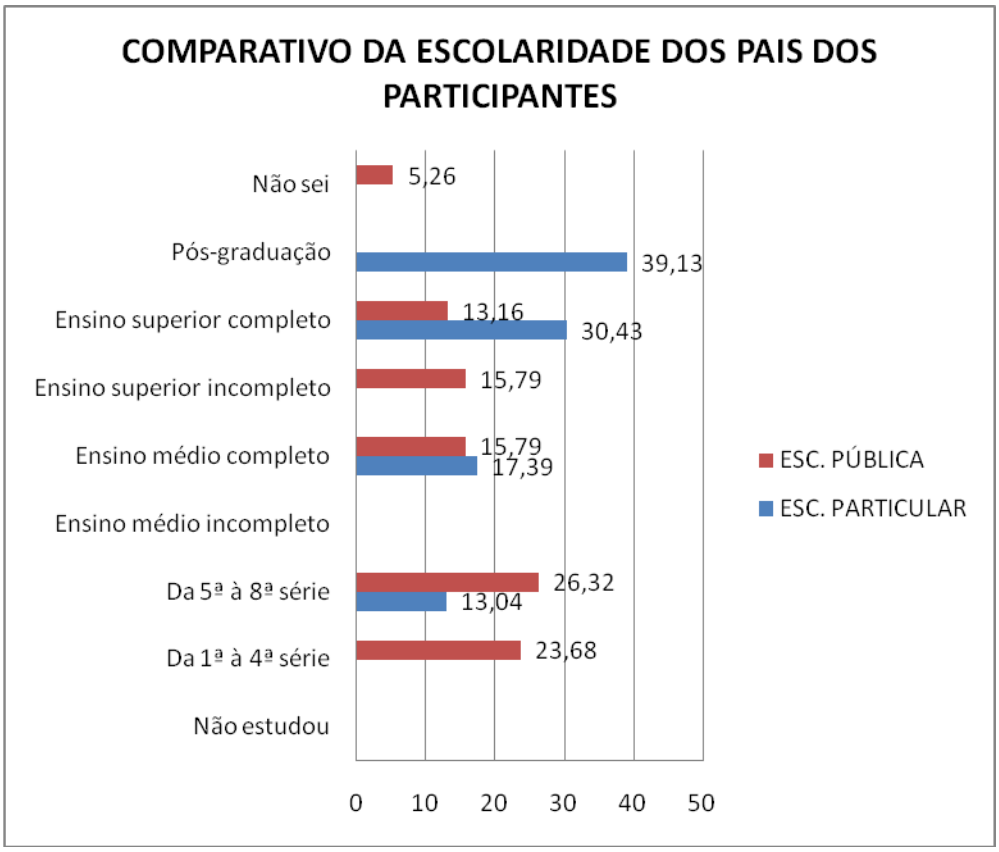

GRÁFICO 4 – Comparativo da escolaridade dos pais dos participantes

Com relação à escolaridade das mães de alunos da escola particular e da escola pública, as comparações das amostras estratificadas revelam que, entre aquelas que têm filhos matriculados em escola particular, o nível de escolaridade é maior. O percentual de pós-graduação entre as mães de alunos do ensino privado é de 30,43% enquanto, no ensino público, não há registros de pós-graduação entre as mães dos participantes da pesquisa. Os dados indicam que 39,13% das mães de alunos do ensino particular têm Ensino Superior completo; já no ensino público, são 21,05%. Entre as mães de alunos do ensino particular não há ocorrência nas faixas mais baixas de escolaridade. Entre as mães dos alunos do ensino público, 28,95% estão na faixa de 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental, 10,53% de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental e 2,63% indicaram que não estudaram.

Percebe-se que as mães de alunos em escola pública tiveram menos acesso à educação, pois mais de um terço delas não chegou ao Ensino Médio, e a penas um quinto frequentou um curso superior. Em contrapartida, entre as mães da escola particular, nenhuma tem formação abaixo do Ensino Médio, e a maior parte possui formação superior, sendo um terço delas com pós-graduação, inclusive. Corroborando com os dados apresentados anteriormente em relação

à escolaridade dos pais dos estudantes, a escolaridade das mães também reflete diretamente nas escolhas dos estudantes para seu projeto profissional.

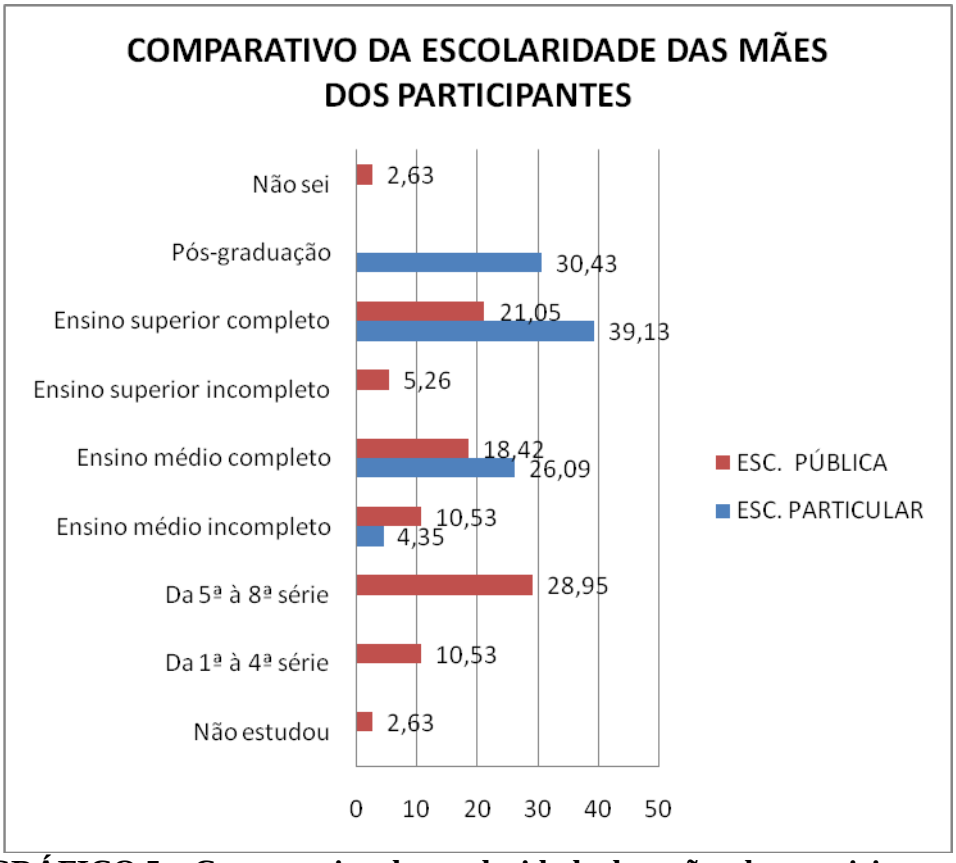

GRÁFICO 5 – Comparativo da escolaridade das mães dos participantes

Ao avaliar de forma estratificada a amostra, verifica-se que 40,54% das mães de alunos do ensino público e 17,39% das mães de alunos do ensino privado são donas-de-casa; 34,78 das mães da escola particular e 21,62% das de escola pública são professoras; 21,74% das mães do ensino privado e 2,70% das do ensino público atuam como comerciantes. Nas demais profissões constantes da lista de respostas, quando há ocorrência no ensino público não há no ensino privado, e vice-versa. Entre as profissões em que só as mães de alunos do ensino público atuam, verifica-se que 5,41% são auxiliares de serviços gerais, 2,70% são cozinheiras, 2,70% são diaristas, 8,11% são domésticas e 5,41% são vendedoras. Entre as profissões apresentadas apenas pelas mães dos alunos do ensino particular, verifica-se que 4,35% são auxiliares administrativos, 8,70% são bancárias, 8,70 são empresárias, 4,35 são funcionárias públicas e 4,35 são terapeutas ocupacionais.

No comparativo da profissão dessas mães, pode-se dizer que as da escola particular acrescentam à renda familiar, pois a maior parte delas trabalha e possui renda. No caso das

mães da escola pública, esse fato ocorre com menor frequência, e boa parte (2/5) delas não possui trabalho com renda, atuando somente em casa. Além disso, percebe-se que, dentre as mães da escola pública, ocorre o exercício de profissões com remuneração menor que quando comparada com as mães da escola particular.

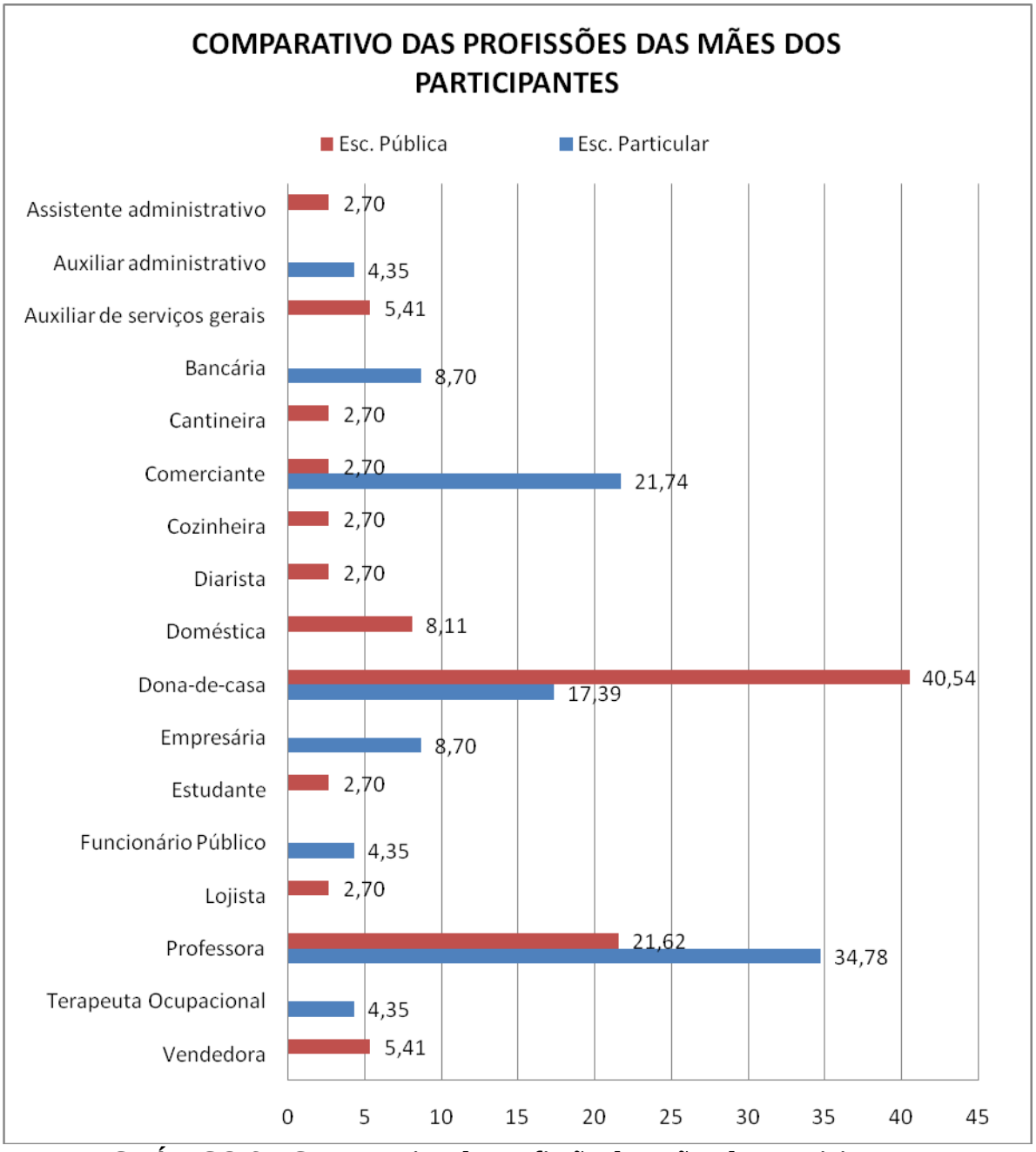

GRÁFICO 6 – Comparativo da profissão das mães dos participantes

A avaliação estratificada em relação à profissão dos pais dos participantes revela que 21,05% dos pais de alunos do ensino público e 8,70% dos pais de alunos do ensino privado compõem o grupo de agricultores e produtores rurais; 18,42% dos pais de alunos do ensino

público e 4,35% dos pais de alunos do ensino particular são comerciantes; 13,04% dos pais de alunos da escola particular e 5,26% dos pais de alunos da escola pública são empresários e/ou microempresários; 13,04% dos pais de escola particular e 5,26% dos pais de escola pública se declararam aposentados e/ou pensionistas; 5,26% dos pais de alunos de escola pública e 4,35% dos pais de alunos de escola particular são motoristas; 4,35% dos pais dos alunos da escola privada e 2,63% dos pais de alunos da escola pública são engenheiros agrônomos.

Dentre as profissões em que atuam somente os pais de alunos da escola particular, verifica-se que 4,35% são bancários, 4,35% são dentistas, 4,35% são fotógrafos, 4,35% são funcionários públicos, 4,35% são marceneiros, 4,35% são veterinários e 26,09% são professores. Dentre as profissões que ocorrem somente entre os pais de alunos de escola pública, verifica-se que 2,63% são analistas de sistemas, 2,63% são caminhoneiros, 2,63% são encarregados de empresas, 2,63% são encarregados de operador de rua, 2,63% são mecânicos, 7,89% são pedreiros, 2,63% são pintores, 2,63 são policiais, 5,26% são seguranças, 2,63% são serralheiros e 2,63% são técnicos agrícolas.

Diferentemente do que acontece com as mães, há uma maior distribuição quanto às profissões dos pais. Dentre os pais da escola particular, metade se enquadra como aposentado, empresário ou professor. Dentre os pais da escola pública, metade é comerciante ou produtor rural. Considerando a remuneração das profissões, destaco que, entre os pais da escola pública, há várias ocorrências de atividades que não demandam formação específica, mas que, pelo caráter de habilidade e conhecimento adquirido por experiência, faz com que a remuneração dessa atividade possa ser equivalente a de uma profissão de nível acadêmico. Exemplo seria a profissão de pedreiro, que alcança aproximadamente o valor de R$ 3.000,00 por mês, enquanto que outras profissões até mesmo de nível superior não conseguem alcançar esse patamar.

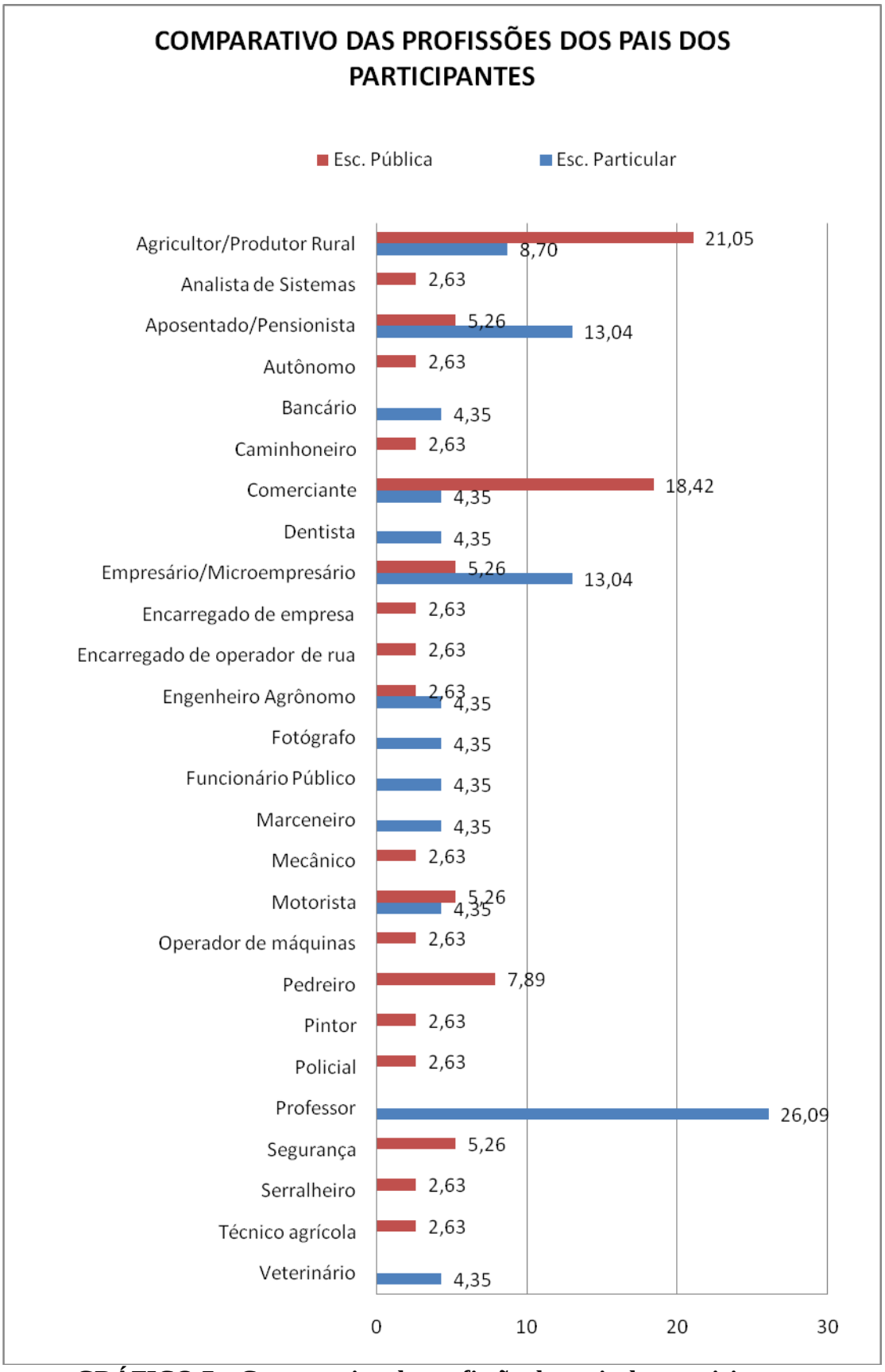

GRÁFICO 7 – Comparativo da profissão dos pais dos participantes

Com relação à atual condição de moradia, a maioria dos participantes (85,25%) indicou que mora com a mãe e o pai. Ao comparar as amostras estratificadas, verifica-se a mesma tendência em relação aos resultados da amostra total: 86,96% dos alunos de escola particular e 84,21% dos alunos de escola pública moram com mãe e pai.

A partir desse gráfico, podemos presumir que a maior influência recebida pelos adolescentes é do par parental, visto que a convivência geralmente é um dos fatores que promovem a intimidade, estreitamento das relações e reforça os parâmetros de identificação.

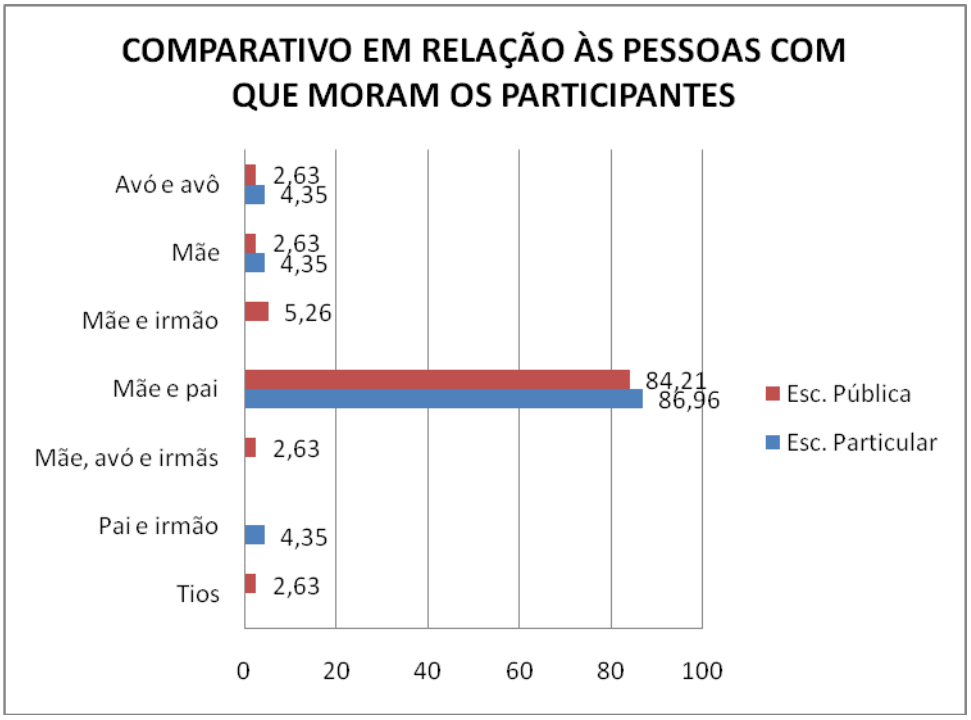

GRÁFICO 8 – Comparativo em relação às pessoas que moram com os participantes

Com relação ao número de irmãos, verifica-se que, entre os alunos de escola pública, há maior frequência de filhos únicos do que entre os de escola particular: 31,58% e 13,04%, respectivamente. Dos que têm dois irmãos, a frequência é maior entre os alunos da escola particular, com percentual de 30,43%, enquanto os de escola pública têm porcentagem de 15,79%. Dos que têm um irmão, a frequência entre os alunos de escola particular é de 56,52% e, entre os de escola pública, 50,00%. Enquanto os alunos de escola particular não indicaram ocorrência de quatro irmãos, entre os alunos do ensino público 2,63% possuem quatro irmãos.

Tanto nas famílias de escola pública quanto de escola particular há predominância de dois irmãos na família. Mas, pode-se perceber que, apesar da predominância de dois filhos por família, os dados apresentam uma realidade curiosa, contrariando o que diz o senso comum de que famílias mais abastadas têm menos filhos e famílias menos privilegiadas financeiramente

têm mais filhos, há maior ocorrência de filhos únicos entre os estudantes da escola pública, revelando uma nova realidade das famílias de baixa renda. Talvez, essa condição se deva ao fato de que, ao optar por ter um filho, essa família consiga condições de oferecer-lhe melhores recursos e, consequentemente, melhor qualidade de vida.

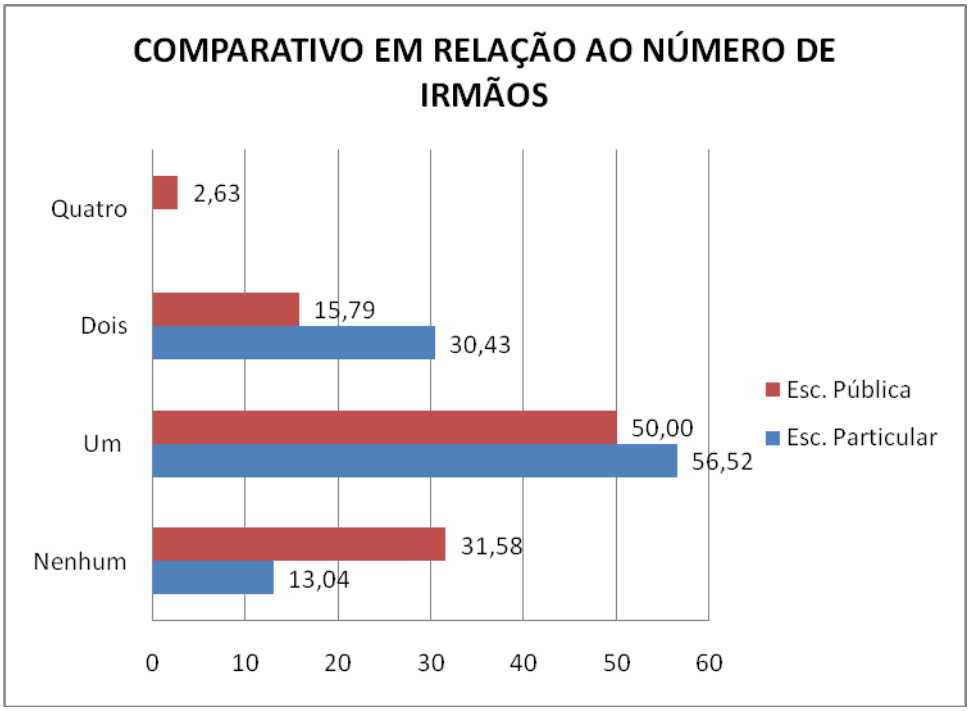

GRÁFICO 9 – Comparativo em relação ao número de irmãos

A estratificação das amostras indica que, em 56,52% das casas de alunos da escola particular, moram quatro pessoas; nessa mesma condição, encontram-se 34,21% dos alunos da escola pública. As casas em que há três moradores correspondem a 44,74% entre os alunos de escola pública e 26,09% entre os alunos de escola particular. Casas com cinco moradores são lar de 13,16% entre os alunos de ensino particular e de 13,04% entre os de ensino público. Famílias em que duas pessoas moram na mesma casa ocorrem em 5,26% dos alunos de escola pública e em 4,35% dos alunos de escola particular. Famílias em que mais de seis pessoas moram na mesma casa ocorrem com percentual de 2,63% entre os alunos do ensino público, enquanto, no ensino particular, não há ocorrência dessa composição familiar.

Esses dados reforçam o que foi apresentado anteriormente, quando tratamos do número de irmãos por família. Ou seja, a maior predominância com quatro pessoas entre os alunos da escola particular e de três pessoas entre os estudantes da escola pública.

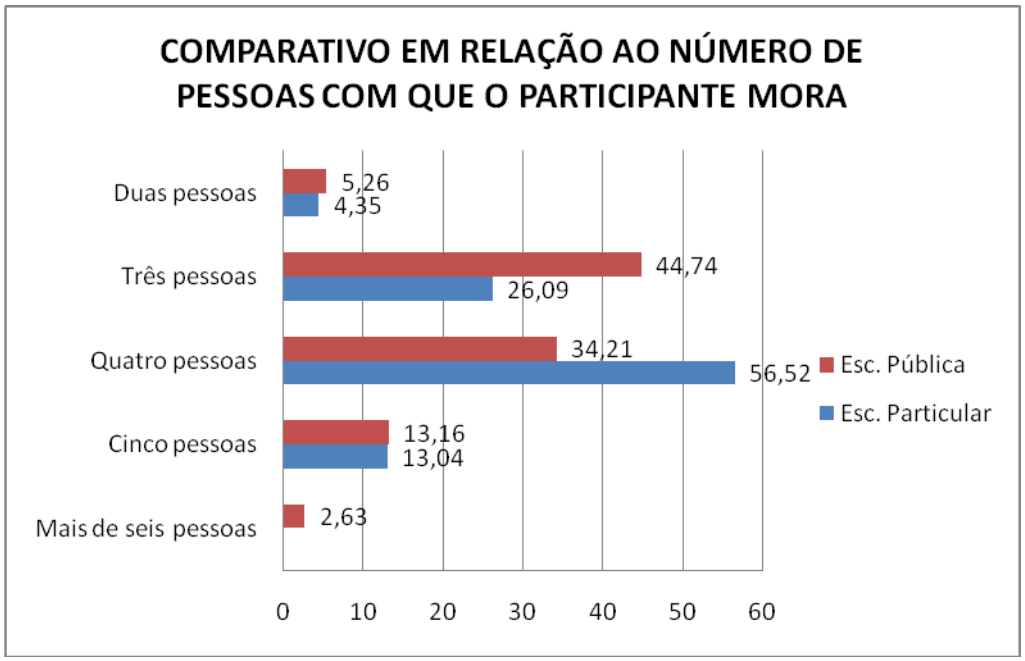

GRÁFICO 10 – Comparativo em relação ao número de pessoas com que o participante mora

Quanto à comparação relacionada ao número de pessoas que trabalham na casa em que mora o participante, entre os alunos do ensino público, 69,57% indicaram que duas pessoas trabalham e 47,37% dos alunos do ensino privado indicaram a mesma situação. Casas em que três pessoas trabalham ocorrem com frequência de 28,95% entre alunos da escola pública e 4,35% entre os da escola particular. Famílias em que uma pessoa trabalha ocorrem em 21,74% dos alunos do ensino privado e 18,42% dos alunos do ensino público. Famílias em que quatro pessoas trabalham ocorrem com frequência de 5,26% dos alunos da escola pública, e não há ocorrência dessa situação no ensino privado. O fato de nenhuma pessoa trabalhar ocorre em 4,35% dos lares dos alunos do ensino particular, e não incide entre os alunos do ensino público.

Esses dados demonstram que, entre as famílias de estudantes de escola particular, há predominância da situação em que duas pessoas trabalham, provavelmente o pai e a mãe do estudante (representado nos gráficos 6 e 7). Ou seja, o estudante não precisa trabalhar para ajudar a compor a renda familiar. Já entre as famílias da escola pública, há ocorrência de três pessoas trabalhando na residência. Esse dado indica que além do pai e da mãe, há outro membro que ajuda a completar a renda familiar, podendo ser o irmão ou o próprio estudante, conforme veremos a seguir no gráfico sobre a situação de trabalho durante o Ensino Médio.

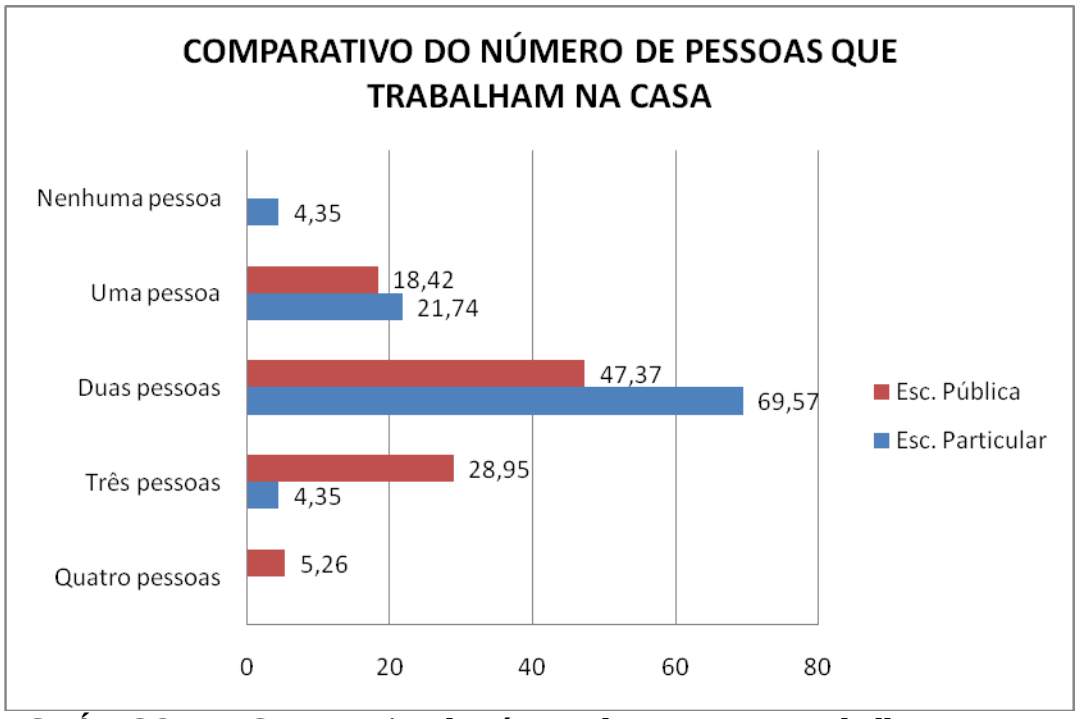

GRÁFICO 11 – Comparativo do número de pessoas que trabalham na casa

Quanto à indagação sobre se os participantes trabalharam ou exerceram atividade remunerada durante o Ensino Médio, a comparação das amostras estratificadas evidencia que 91,30% dos alunos do ensino particular não trabalharam enquanto, entre os alunos do ensino público, 50,00% não trabalharam. Entre os alunos do ensino público, 10,53% e 5,26%, respectivamente, trabalharam durante todo o tempo do Ensino Médio e de dois a três anos, sendo que não há ocorrência dessas condições entre os alunos do ensino particular. Trabalharam, por menos de um ano, 15,79% dos alunos da escola pública e 4,35% dos alunos da escola particular. De um a dois anos, trabalharam 15,79% dos alunos do ensino público e 4,35% dos alunos do ensino privado.

Praticamente todos os estudantes da escola particular não vivenciaram a experiência de ter que trabalhar durante o Ensino Médio, o que nos remete ao tempo disponível que os mesmos tiveram para se dedicar às atividades de estudo e até mesmo a outras atividades. Diferentemente dessa condição, metade dos alunos da escola pública tiveram que trabalhar durante o período em que cursaram o Ensino Médio. Acredito que a condição de trabalho não é um fator condicionante para o desempenho e rendimento escolar do aluno, pois mesmo alunos que não trabalham podem ter rendimentos abaixo da média, o que não justifica ou cria relação de causa e efeito entre trabalho e desempenho escolar. Mas, não podemos deixar de considerar o desgaste físico/mental que o trabalho causa nas pessoas.

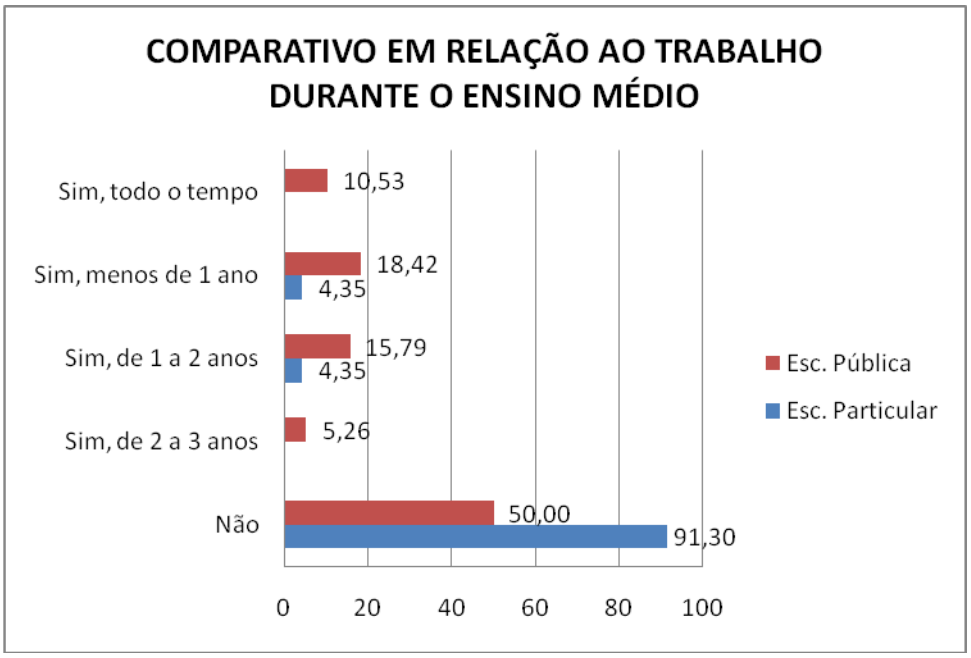

GRÁFICO 12 – Comparativo em relação ao trabalho durante o Ensino Médio

Comparando-se as amostras estratificadas em relação à questão sobre o que os alunos farão ao terminar o Ensino Médio, nota-se que 86,96% dos alunos da escola particular prestarão vestibular e continuarão os estudos para entrar no Ensino Superior; entre os alunos do ensino público, são 57,89%. Prestarão o vestibular e continuarão a trabalhar, 21,05% dos alunos da escola pública; na escola particular, não ocorre essa opção. Prestarão o vestibular e farão cursinho pré-vestibular, 4,35% dos alunos do ensino particular; essa opção não ocorre entre os alunos do ensino público. Procurar um emprego, com 2,63% entre os alunos do ensino público; prestar vestibular e fazer curso profissionalizante, com 2,63% entre os alunos do ensino público; e fazer curso profissionalizante, com 5,26% entre os alunos do ensino público, são opções que não ocorrem entre os alunos do ensino privado. Fazer cursinho pré-vestibular é a opção de 8,70% dos alunos do ensino particular e de 2,63% dos alunos do ensino público. Ainda não decidiram o que farão 7,89% dos alunos do ensino público; essa opção não ocorre entre os alunos do ensino privado.

Nesse contexto, o que os dados nos revelam é que os alunos da escola particular estão preparados para prestar vestibular e dar prosseguimento à sua formação. Nota-se que, dentre os alunos da escola particular, há uma perspectiva de que o vestibular é a porta de entrada para o seu projeto profissional, pois a maioria deles indica a opção por um curso superior (vide gráfico 17), diferentemente dos alunos da escola pública, que indicam que, após terminar o Ensino Médio, vão continuar a trabalhar, fazer curso profissionalizante ou procurar

emprego. Essa realidade indica que alguns estudantes da escola pública não terão acesso ao Ensino Superior, e vão procurar efetivar seu projeto profissional por outras vias como, por exemplo, o trabalho autônomo. Ressalto, aqui, que o ingresso ao Ensino Superior não provê garantias de sucesso no projeto profissional, tampouco o não ingresso pode ser considerado como fracasso. A maneira com que cada um desses estudantes delineará o seu projeto profissional através de suas escolhas é que fará com que os mesmos venham a ser considerados bem sucedidos.

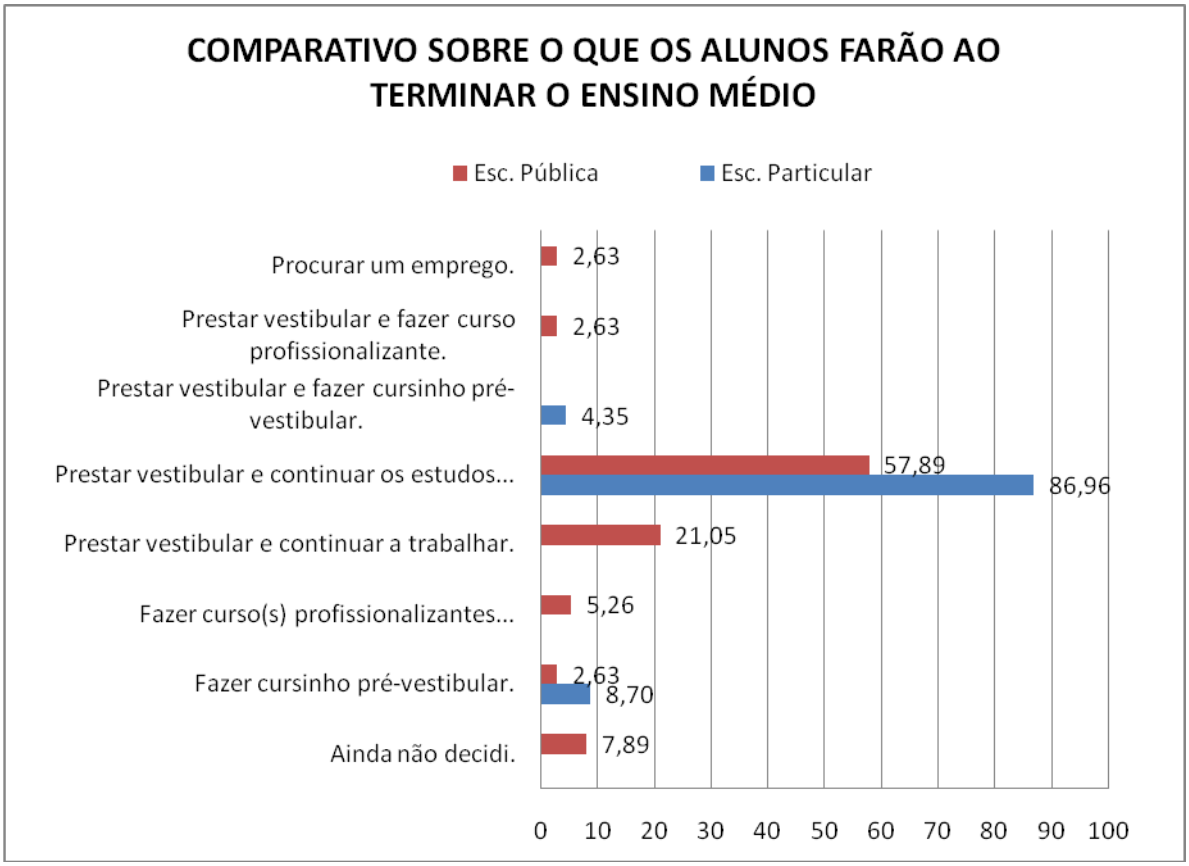

GRÁFICO 13 – Comparativo sobre o que os alunos farão ao terminar o Ensino Médio

Uma vez que a questão acerca dos elementos considerados importantes pelos estudantes na construção dos seus projetos de vida foi apresentada de forma que os mesmos pudessem responder abertamente, ou seja, sem a apresentação de opções para marcação, tornou-se necessário categorizar as respostas a fim de tornar possível que os resultados pudessem ser apresentados em gráficos como nas questões anteriores. As respostas foram agrupadas por igualdade e/ou semelhança de significados. Dessa forma, chegou-se a 10 principais categorias. Deve-se ressaltar que, por serem abertas as respostas, pode haver mais de uma categoria numa mesma resposta.

Comparando as amostras estratificadas, verificam-se diferenças em relação aos elementos mais importantes para as duas amostras. Para 86,96% dos estudantes do ensino privado, um elemento importante na construção do projeto de vida se refere aos recursos financeiros e/ou econômicos; esse mesmo elemento é apontado por 39,47% dos estudantes do ensino público como sendo importante para construções de seu projeto de vida. Entre os estudantes da escola pública, a maior frequência se refere à perseverança, apontada por 42,11% da amostra como elemento importante enquanto, entre os alunos da escola particular, esse elemento é apontado por 8,70%. A força de vontade ocorre com frequência de 39,47% entre os alunos do ensino público e 26,09% entre os do ensino particular. Outro elemento que ocorre com maior frequência entre alunos da escola pública é dedicação, com 28,95% enquanto, na escola privada, ocorre em 8,70% da amostra.

A determinação/esforço é um elemento apontado com maior frequência entre os alunos da escola particular, sendo 56,52% enquanto, entre os alunos da escola pública, o percentual é de 31,58%. O elemento família/apoio familiar também tem maior frequência entre os alunos da escola privada, com 52,17% enquanto, entre os alunos do ensino público, o percentual é de 34,21%. Outros valores que ocorreram com menor frequência entre as respostas são apresentados no gráfico.

Ao comparar as amostras estratificadas, verifica-se que o fator econômico ocorre como desafio com maior frequência entre os estudantes do ensino público, sendo apontado por 55,26% dos participantes enquanto, entre os estudantes do ensino privado, o percentual é de 26,09%. O fator afetivo também ocorre com maior frequência entre os estudantes do ensino público em relação aos do ensino privado, com percentuais de 42,11% e 30,43%, respectivamente. O fator intelectual é apontado como desafio para 60,87% dos alunos da escola particular, enquanto 13,16% dos alunos da escola pública apontaram esse fator como desafio. O fator social, como desafio, ocorre com maior frequência entre os alunos do ensino particular, sendo apontado por 13,04%, enquanto 7,89% dos alunos do ensino público apontaram esse fator como desafio para realizar o seu projeto de vida.

Esse gráfico nos apresenta dados muito importantes e um discurso apresentado pelos estudantes que podemos caracterizar como sendo liberal, pois os elementos considerados importantes entre os alunos da escola pública estão voltados para a questão da meritocracia, ou seja, o estudante encontra-se numa condição em que a responsabilidade pelo seu sucesso depende dele próprio. Dessa forma, tem-se que aquele que se esforçar mais alcançará melhores resultados. No entanto, o que se percebe, na realidade, é que as condições do

estudante refletem diretamente nas suas possibilidades, pois não se pode desconsiderar que mesmo aqueles muito esforçados ou mesmo muito inteligentes não terão as mesmas oportunidades daqueles que vêm de um meio com melhores condições socioeconômicas. Pode-se considerar que este é um método perverso, pois ele condiciona o sujeito que não obteve sucesso, não se esforçou o suficiente ou que não teve dedicação, força de vontade, determinação ou perseverança, excluindo de análise toda e qualquer intervenção de fatores sociais.

Da mesma forma, esperar-se-ia que os projetos profissionais dos estudantes de escola particular fossem todos bem sucedidos, uma vez que as condições sociais lhe são favoráveis. Assim, dependerá apenas do seu esforço e dedicação para que alcancem o sucesso em seus projetos.

Esse discurso liberal promove a segregação social, na medida em que restringe os projetos profissionais dos adolescentes da escola pública e privilegia aqueles que já são privilegiados. Para que os estudantes da escola pública alcancem o êxito em seus projetos, eles dependem muito mais do que de perseverança, dedicação ou força de vontade. Eles precisam, além do seu desejo, de recursos materiais para poder se dedicar aos estudos sem ter que se preocupar em ganhar primeiro o recurso para subsistência. Além disso, não podemos nos esquecer, também, do seu contexto familiar que, como já ressaltado, tem grandes influências no projeto profissional dos mesmos.

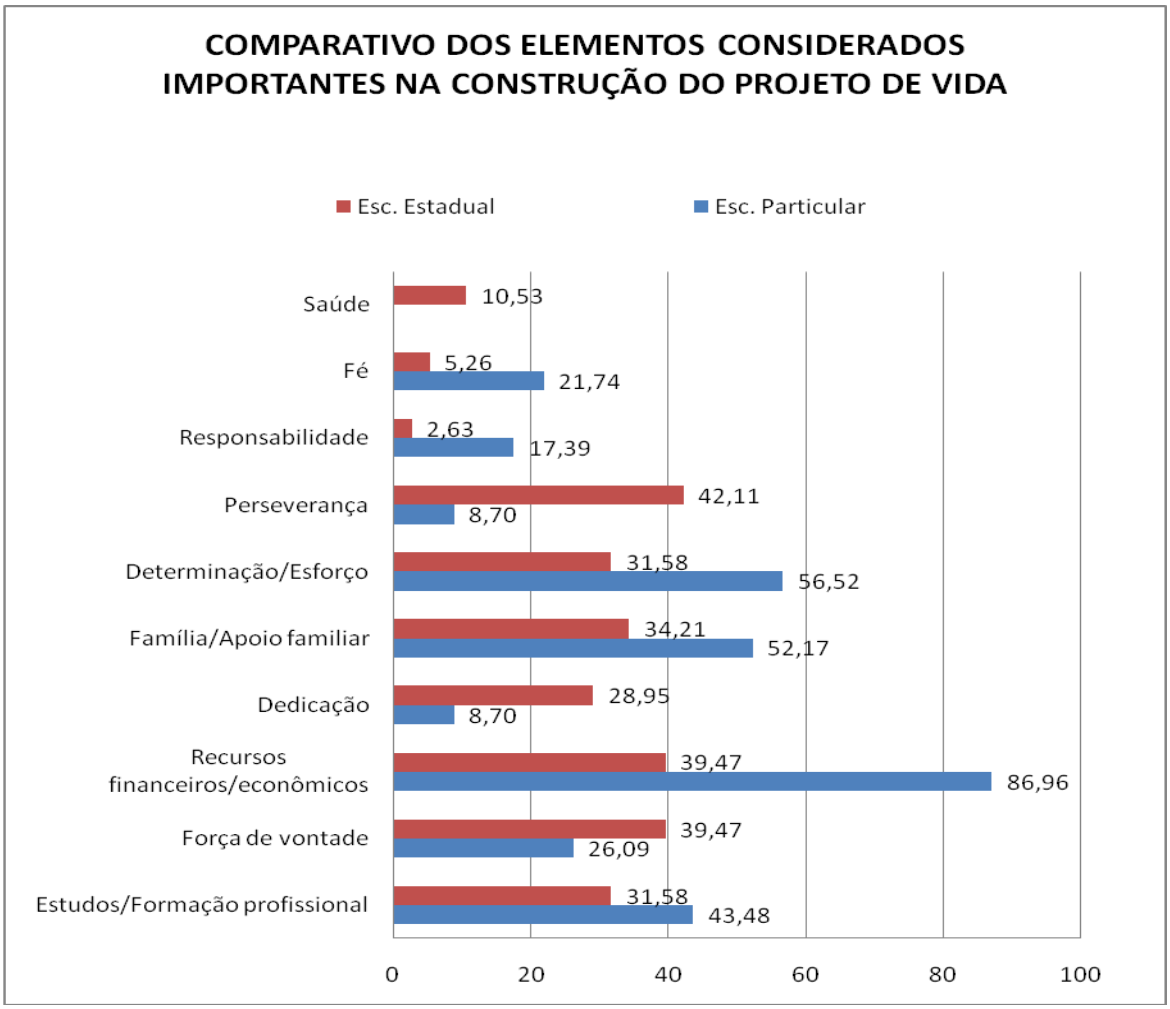

GRÁFICO 14 – Comparativo dos elementos considerados importantes para construção do projeto de vida

Os desafios enfrentados pelos estudantes para realizarem seus projetos de vida foram agrupados em quatro categorias: econômico (recurso financeiro), afetivo (família), social e intelectual (nível de estudo). Ao comparar as amostras estratificadas, verifica-se que o fator econômico ocorre como desafio com maior frequência entre os estudantes do ensino público, sendo apontado por 55,26% dos participantes enquanto, entre os estudantes do ensino privado, a frequência é de 26,09%. O fator afetivo também ocorre com maior frequência entre os estudantes do ensino público em relação aos do ensino privado, sendo 42,11% e 30,43%, respectivamente. O fator intelectual é apontado como desafio para 60,87% dos alunos da escola particular, enquanto 13,16% dos alunos da escola pública apontaram esse fator como desafio. O fator social como desafio ocorre com maior frequência entre os alunos do ensino particular, sendo apontado por 13,04%. Para esse mesmo fator, 7,89% dos alunos do ensino público o apontaram como desafio para realizar o seu projeto de vida.

Para os alunos da escola pública, o maior desafio é o econômico, seguido pelo afetivo.

O desafio econômico se refere aos recursos financeiros necessários para custear a faculdade, se manter em outra cidade com as despesas advindas dessa mudança, e alterações no padrão de vida da família para dar conta do processo. Quanto ao desafio afetivo, esses estudantes indicam que separar-se de suas famílias, indo morar em outra cidade, é uma dificuldade que os mesmos terão que superar. Já os estudantes da escola particular têm como maior desafio a questão intelectual. Ou seja, eles indicam que reconhecem a necessidade de se dedicarem muito aos estudos para serem aprovados na faculdade em que pretendem ingressar.

Comparativamente, podemos dizer apesar dos alunos da escola particular estar mais preparados para se afastarem da família, uma vez que, para alcançar o êxito em seu projeto profissional, terão, necessariamente, que enfrentar tal separação, não garante que isso será tranquilo.

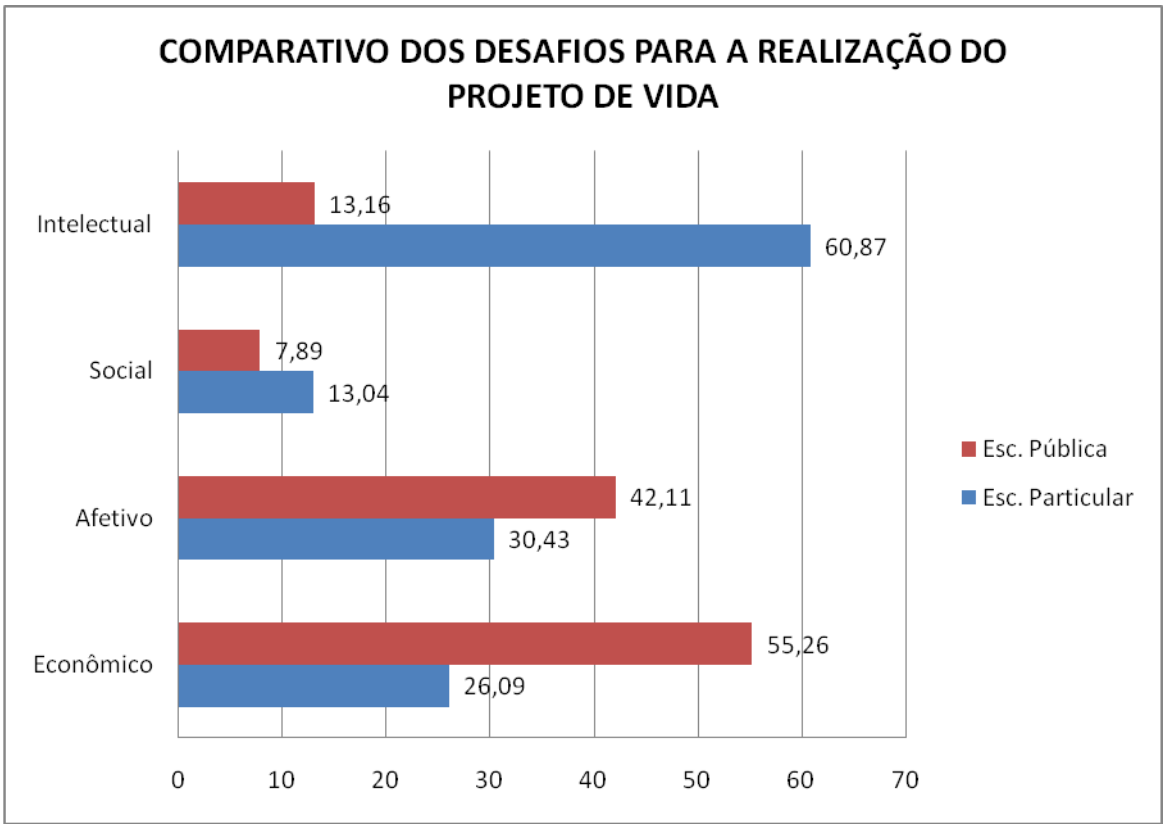

GRÁFICO 15 – Comparativo dos desafios para a realização do projeto de vida

Quanto às expectativas das famílias dos alunos em relação ao futuro, as respostas dos estudantes foram agrupadas em seis categorias: que o estudante seja bem sucedido, que seja bom profissional/bom emprego, que seja feliz, que estude, que a família apoia a decisão do estudante e que a família não tem ou não demonstra expectativas em relação ao futuro do

mesmo. Cabe ressaltar, novamente, que a expectativa das famílias e carreira que os pais gostariam que eles seguissem (Graf. 17) é na perspectiva do adolescente.

Ao avaliar as amostras estratificadas, verifica-se que, entre as famílias de estudantes de escola pública, a expectativa de que estes sejam bem sucedidos é maior do que entre os estudantes do ensino particular: 36,84% e 26,09%, respectivamente. As famílias de estudantes do ensino privado têm maior expectativa em relação a ser bom profissional e/ou ter bom emprego do que as famílias dos alunos do ensino público: 26,09% e 21,05% respectivamente. A expectativa de que seja feliz ocorre com maior frequência entre as famílias dos alunos da escola particular, 21,74%, enquanto na escola pública, para a mesma expectativa, o percentual é de 7,89%. Na escola pública, há maior frequência de famílias que apoiam os estudantes em suas decisões, 26,32%, enquanto na escola particular, a porcentagem é de 21,74%. As famílias que não têm ou não demonstram expectativas em relação ao futuro dos participantes da pesquisa ocorrem com maior frequência entre na escola pública, 10,53%, enquanto na escola particular, são 8,70%.

A expectativa dos pais da escola particular está mais ligada à questão do sucesso profissional, repercutindo nas categorias “bem sucedido e bom emprego”, que refletem uma condição socioeconômica mais privilegiada no futuro, corroborando também com a maior expectativa de que os filhos continuem a estudar. Diferentemente, os pais da escola pública esperam que os filhos sejam bem sucedidos e os apóiam, sem que, no entanto, esse sucesso tenha que passar pelos estudos. Considera-se, aqui, a possibilidade de que os estudantes da escola pública possam obter sucesso em carreiras ou profissões que não demandem formação específica, podendo ser adquirida pela experiência prática.

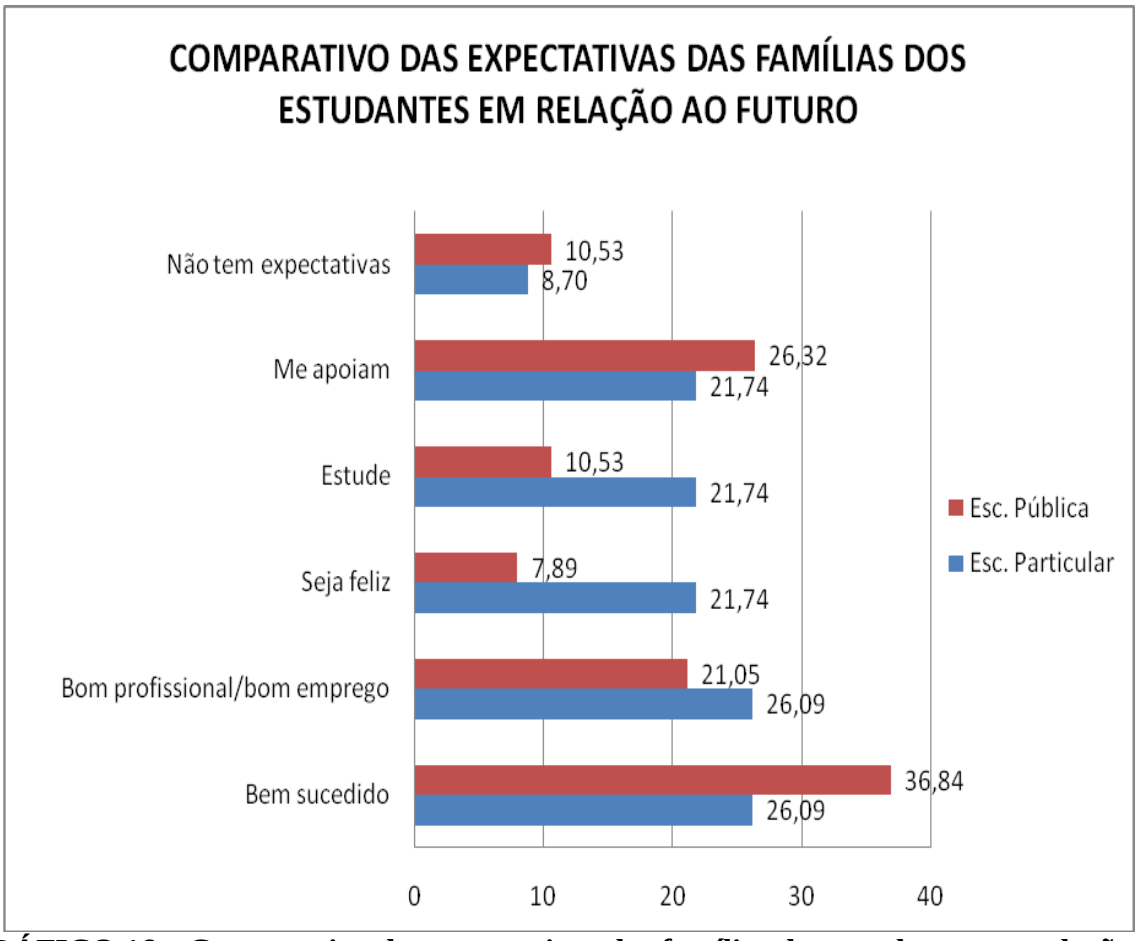

GRÁFICO 16 – Comparativo das expectativas das famílias dos estudantes em relação ao futuro

Considerando-se a amostra total, a opção de carreira que mais ocorre é pelo curso de Medicina com 13,24%, seguida pelo curso de Engenharia Civil com 7,35%, e Agronomia com 5,88%. Deve-se ressaltar que, somadas, as opções por cursos da área da Engenharia totalizam 29,41% das opções, demonstrando o grande interesse dos estudantes pela área. As demais opções de cursos ocorrem com menor frequência. Na análise das amostras estratificadas, verifica-se acentuada diferença entre a opção pelo curso de Medicina entre os alunos da escola particular e os da escola pública. Enquanto 34,78% dos alunos do ensino particular indicaram a opção pelo curso de Medicina, entre aqueles do ensino público, essa frequência é de 2,27%. Cursos como Administração e Agronomia aparecem como opção apenas para os alunos do ensino público, com 6,82% e 9,09%, respectivamente.

Nota-se claramente uma distinção entre as escolhas profissionais dos alunos da escola pública e particular. Entre os alunos da escola particular, destaca-se que pelo menos um terço deles fazem opção pelo curso de Medicina. Historicamente, o curso de Medicina recebeu elevado status social pela condição de formação, pela própria característica da profissão e pelo nível econômico alcançado pelos médicos. Ocorre que a formação em Medicina só está

nomeadamente disponível nas cidades com maior poder econômico e, principalmente, nos grandes centros, como as capitais. Além disso, percebe-se que as opções de cursos dos alunos da escola particular estão mais voltadas para os cursos ditos clássicos de formação superior, como Medicina, Engenharia, Odontologia e Arquitetura.

Já os alunos da escola pública fazem opções diversas, com destaque para o fato de que a maior parte dos cursos apontados é oferecida em instituições que estão sediadas no próprio município ou na região. Dessa forma, as opções de escolha profissional dos alunos da escola pública se encontram, de certa maneira, limitadas à oferta de cursos dessas instituições.

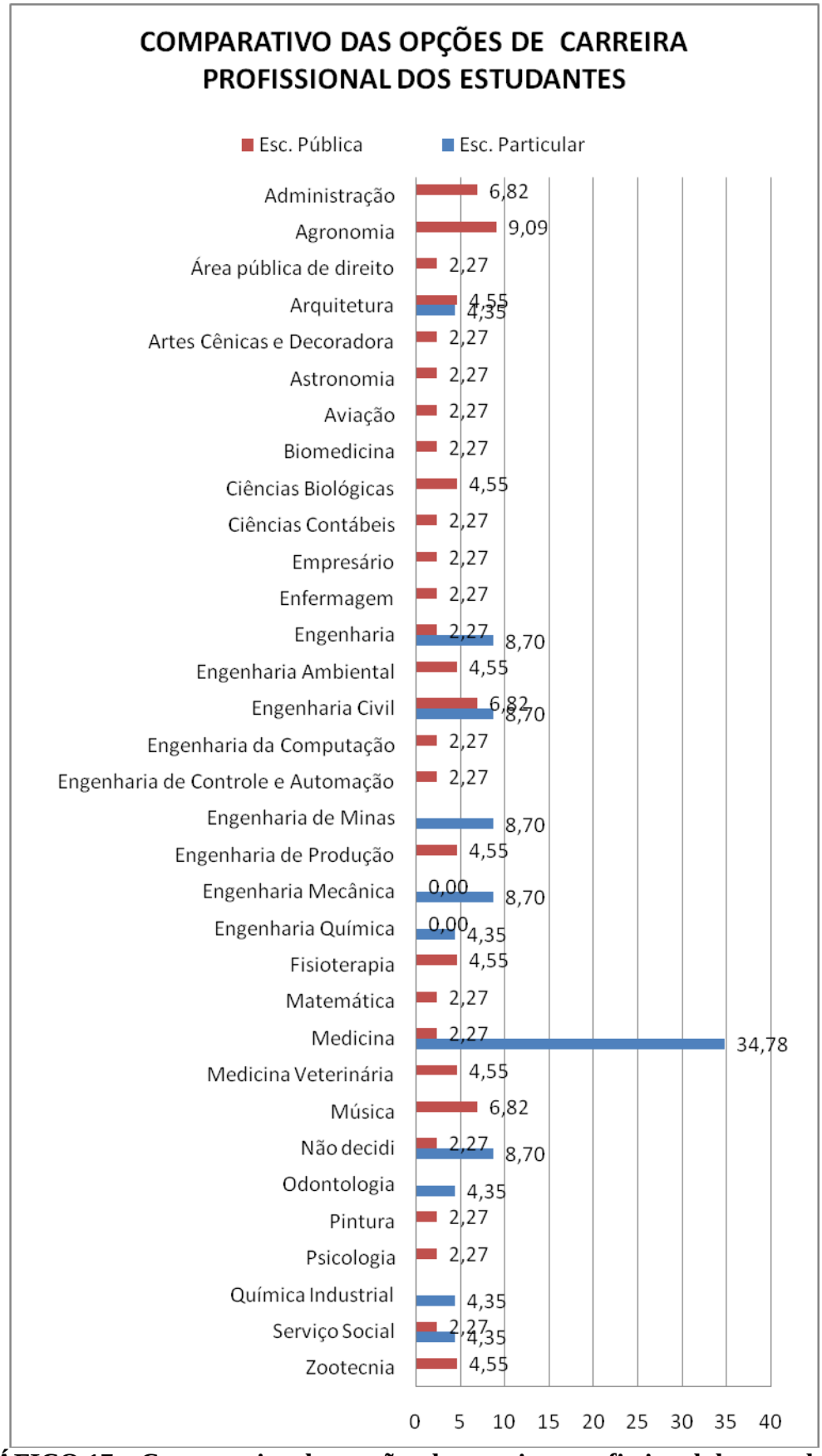

GRÁFICO 17 – Comparativo das opções de carreiras profissional dos estudantes

Ao comparar as amostras estratificadas sobre a carreira profissional que os pais dos estudantes gostariam que os mesmos seguissem, verifica-se que, entre os pais de alunos do ensino particular, 48,00% apoiam a escolha dos filhos em relação à carreira; já entre os pais de alunos do ensino público, 42,11% apoiam seus filhos nas suas escolhas. Os pais de 24% dos estudantes da escola particular gostariam que os filhos optassem pelo curso de Medicina, enquanto, entre os pais dos estudantes da escola pública, 10,53% gostariam que os filhos fizessem essa mesma escolha. A frequência de pais que gostariam que os filhos optassem pelo curso de Direito é muito próxima entre os pais dos alunos da escola particular e da escola pública: 8,00% e 7,89%, respectivamente. As demais opções ocorrem com menor frequência.

Em termos gerais, os pais dos alunos de ambas as escolas, na perspectiva dos filhos, apoiam suas escolhas profissionais. Essa noção é um pouco mais elevada entre os alunos da escola particular. As maiores diferenças notadas se referem à perspectiva pelo curso de Medicina, que os alunos da escola particular indicam com maior frequência do que seus pais gostariam que os mesmos fizessem. E os alunos da escola pública indicam com maior frequência não saber a expectativa de escolha profissional de seus pais. Esse dado nos indica que, possivelmente, o projeto profissional entre os alunos da escola pública não é uma questão muito discutida no âmbito familiar, corroborada pela afirmação de que os pais apóiam a escolha do aluno.

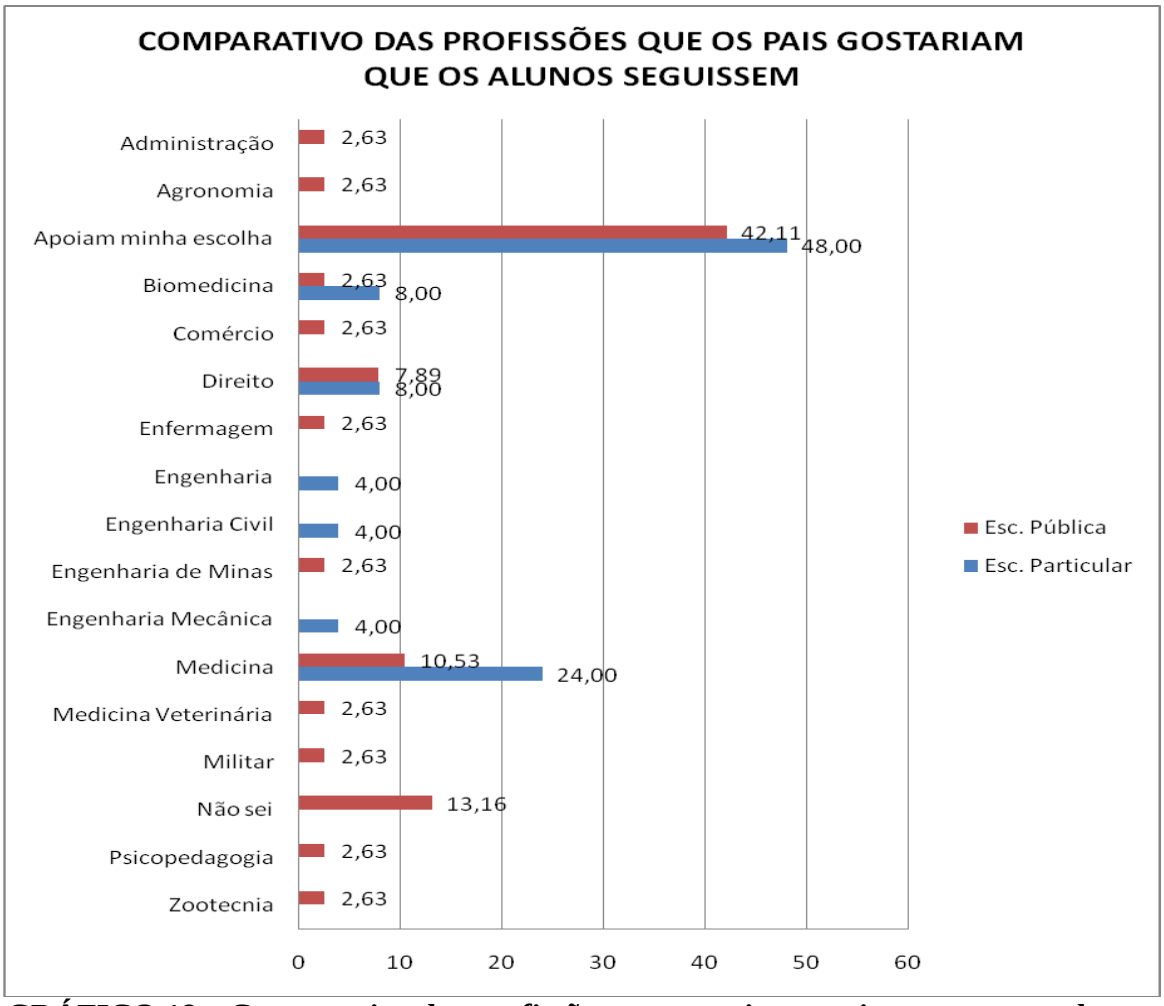

GRÁFICO 18 – Comparativo das profissões que os pais gostariam que os estudantes seguissem

Ao comparar as amostras estratificadas da universidade ou faculdade em que os estudantes gostariam de estudar, verifica-se que a opção por estudar na [2]UFMG ocorre em 33,33% dos alunos do ensino particular e em 12,77% dos alunos do ensino público. Estudar no IFMG é uma opção para 27,66% dos alunos da escola pública, enquanto para alunos do ensino particular essa opção não ocorre. Outra opção que não ocorre entre os alunos do ensino particular, mas que ocorre entre aqueles do ensino público, é o UNIFOR, com 19,15%. Estudar na UFTM é uma opção para 10,26% dos alunos da escola particular e para 6,38% dos

[2] Segue a distância (Km) entre a cidade de Bambuí/MG para algumas das cidades que estão instaladas universidades apontadas pelos alunos no gráfico acima: Bambuí e Uberlândia/MG - 335 km**;** Bambuí e Uberaba/MG - 275 km; Bambuí e São João Del Rei/MG - 302 km; Bambuí e Ouro Preto/MG - 371 km; Bambuí e Formiga/MG – 88 Km; Bambuí e Itaúna/MG - 195 km; Bambuí e Viçosa/MG - 501 km; Bambuí e Alfenas/MG - 265 km; Bambuí e Franca/MG - 319 km; Bambuí e Belo Horizonte/MG - 211.88 km; Bambuí e Itajubá/MG - 412 km. Disponível em: www.entrecidadesdistancia.com.br/.

alunos da escola pública. A UFSJ aparece como opção para 10,26% dos alunos da escola particular e para 2,13% dos alunos da escola pública. A UFU aparece como escolha de 7,69% dos alunos da escola particular e de 4,26% dos alunos da escola pública. Estudar na UFOP é uma opção que aparece apenas entre os alunos do ensino privado, sendo a opção de 7,69%. Para 6,38% dos alunos do ensino público, a opção é por uma universidade federal, sem especificar qual seria. Outras opções ocorrem com menor frequência e estão demonstradas no gráfico.

Os dados indicam que, entre os alunos da escola particular, há uma significativa predominância pela escolha por uma instituição federal, sendo mais destacada a opção pela UFMG, apontada por pelo menos um terço dos alunos da escola particular. Ressalto que 82,04% dos alunos da escola particular indicaram opções de universidades federais, sendo nove opções ao total. Os alunos da escola pública indicam, em quase metade deles, a opção por duas instituições da região, sendo uma delas o IFMG – Instituto Federal de Minas Gerais, localizado em Bambuí/MG e UNIFOR – Centro Universitário de Formiga/MG, localizado na cidade de Formiga/MG. Cabe apontar que, entre os alunos da escola pública, a resposta “não sei” ocorre com maior frequência, indicando que o projeto profissional ainda não foi decidido em relação à instituição em que o aluno irá estudar. Além disso, há, ainda, a informação de que o aluno pretende estudar “em uma federal”, ou seja, da mesma forma como apontado anteriormente, esses alunos ainda não decidiram a instituição em que vão estudar, podendo ser interpretado como falta de conhecimento da escolha quanto ao projeto profissional.

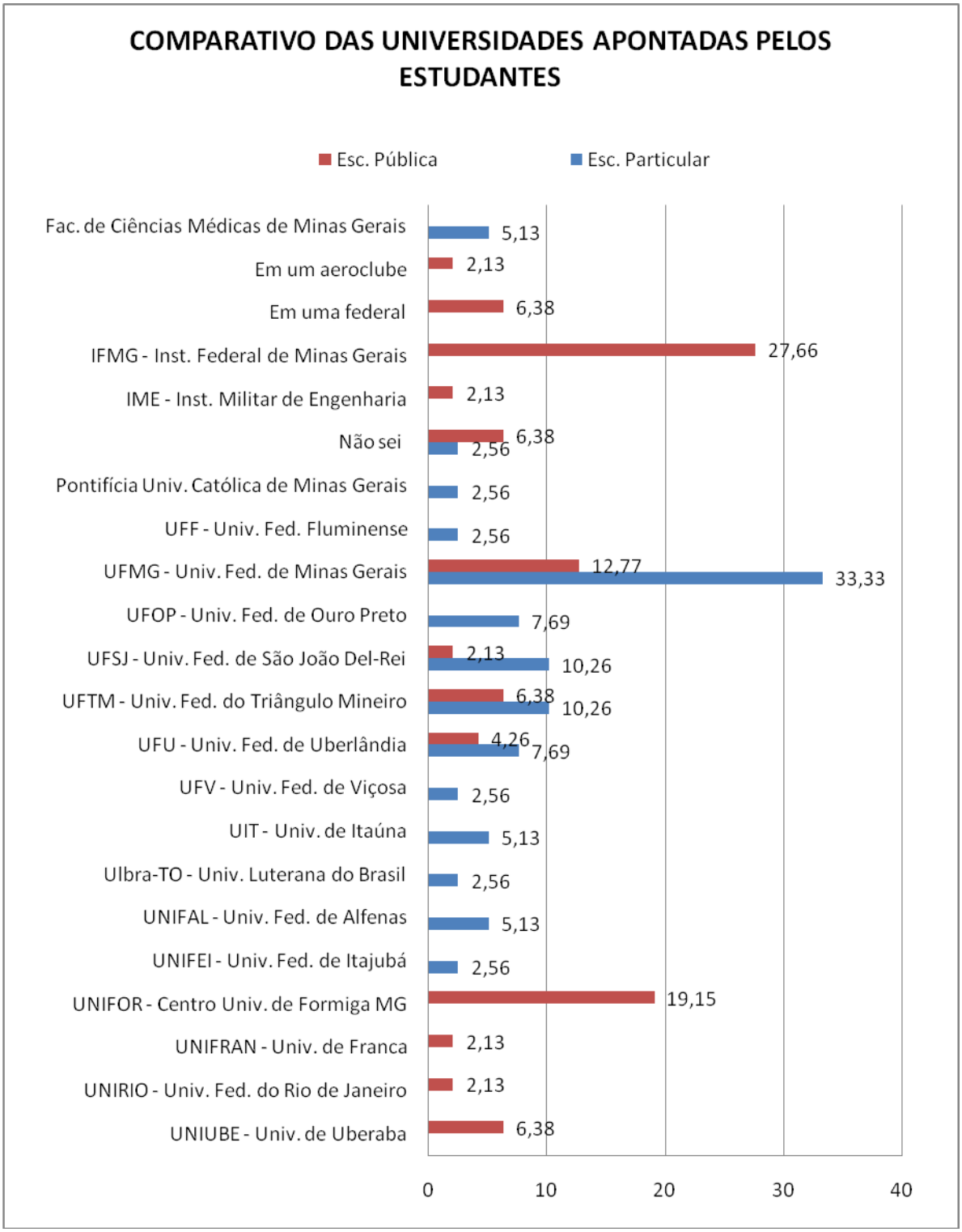

GRÁFICO 19 – Comparativo das universidades apontadas pelos estudantes

As respostas dos estudantes acerca do que pretendem conquistar e que ainda não conseguiram foram categorizadas e agrupadas em três categorias: conquistar um bom emprego e/ou carreira, conquistar recursos financeiros e/ou econômicos, e estudos e/ou formação profissional. Comparando as amostras estratificadas, constata-se que 46,15% dos

estudantes do ensino privado pretendem estudar e se formar no Ensino Superior enquanto, entre os estudantes do ensino público, essa porcentagem é de 34,21%. Conquistar recursos financeiros e/ou econômicos é um objetivo para 30,77% dos alunos da escola particular e para 23,68% dos alunos da escola pública. Ter um bom emprego e/ou carreira profissional é um objetivo a ser alcançado para 42,11% dos alunos do ensino público enquanto, para aqueles do ensino particular, esse mesmo objetivo ocorre em 23,08% das respostas.

Os dados apontam que, para os alunos da escola pública, os objetivos a alcançar passam por conseguir um bom emprego, em seguida conseguirem estudar ou se formar e, por último, atingir os recursos financeiros, que viriam como consequência de já ter conseguido um bom emprego e dos estudos. Para os alunos da escola particular, o caminho é diferente. O mais importante objetivo a conseguir é finalizar os estudos e obter a formação, seguidos por atingir os recursos financeiros para, finalmente, obter um bom emprego. Dessa forma, a carreira vem como consequência da formação profissional aliada aos recursos econômicos.

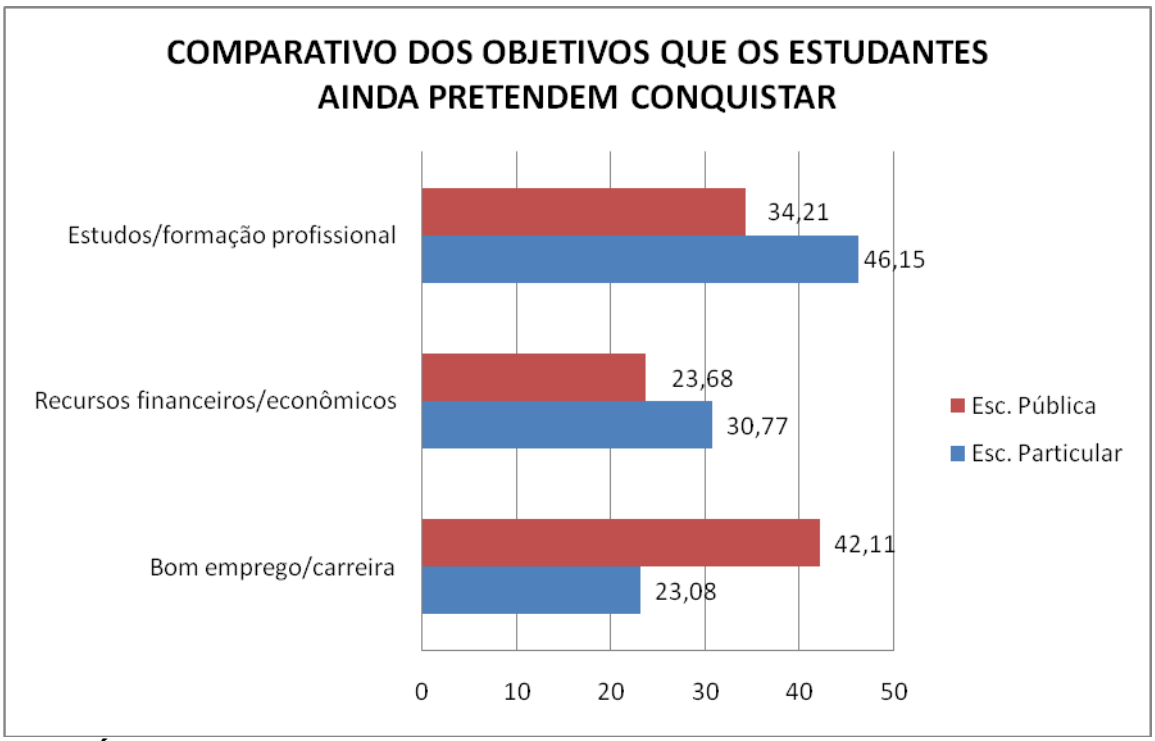

GRÁFICO 20– Comparativo dos objetivos que os estudantes ainda pretendem conquistar

Comparando-se as amostras estratificadas sobre a trajetória escolar desses estudantes, verifica-se que 44,74% dos alunos do ensino público e 34,78% dos alunos do ensino particular indicaram que teriam estudado mais em suas trajetórias escolares; 39,13% dos alunos do ensino privado e 36,84% dos alunos do ensino público teriam sido mais dedicados;

18,42% dos estudantes da escola pública e 8,70% dos estudantes da escola particular seriam mais esforçados; e 17,39% dos alunos da escola privada e 5,26 dos alunos da escola pública não indicaram que devessem fazer qualquer mudança.

Considerando as mudanças da trajetória escolar, nota-se claramente que os alunos de ambas as escolas consideram que deveriam ter estudado, se dedicado e se esforçado mais do que fizeram. Os alunos da escola pública relatam com maior frequência que deveriam ter se esforçado e estudado mais. Já os alunos da escola particular consideram que precisariam ter estudado e dedicado com maior afinco. Essa diferença entre se dedicar e se esforçar pode ser percebida como: se dedicar compreende a representação de que o aluno tem a capacidade necessária, mas precisa se implicar mais, dar-se mais ao próprio estudo. Já se esforçar-se faz referência à noção do próprio aluno de que ele precisa buscar mais recursos para alcançar o seu objetivo, ter coragem e se animar.

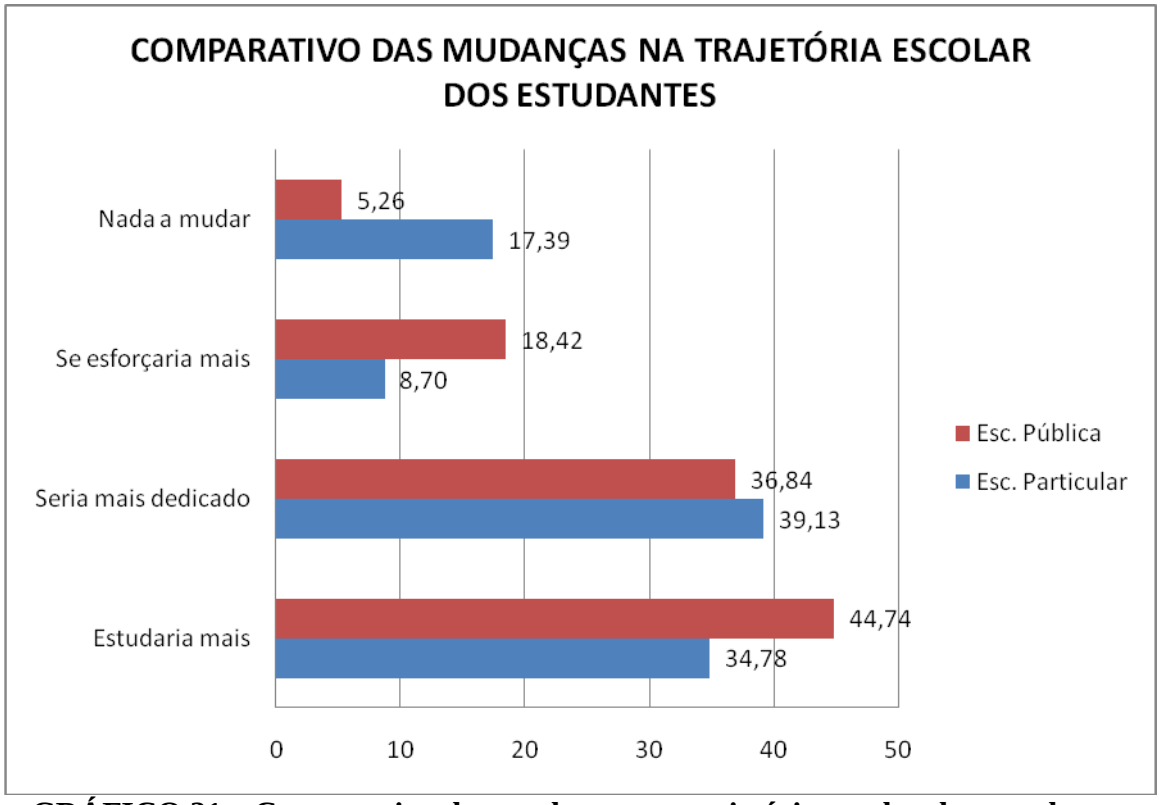

GRÁFICO 21 – Comparativo das mudanças na trajetória escolar dos estudantes

As respostas dos estudantes para a questão: "como você se imagina daqui a 10 anos?" foram categorizadas e agrupadas em seis categorias: bem sucedido e/ou realizado; com boa condição financeira; casado e/ou com família; empregado; feliz; formado. Ao comparar as amostras estratificadas, verifica-se que 68,42% dos estudantes do ensino público e 56,52% daqueles do ensino particular imaginam que estarão empregados em 10 anos. Além disso,

31,58 dos alunos da escola pública e 56,52% dos alunos da escola particular acreditam que estarão com boa condição financeira. Já 43,48% dos estudantes da escola particular e 34,21% dos estudantes da escola pública imaginam que daqui a 10 anos estarão formados. Os que se imaginam casados ou com família num prazo de 10 anos adiante são 47,83% da escola privada e 26,32% da escola pública. Ser feliz no futuro é uma condição imaginada por 26,09% dos alunos da escola particular e 15,79% daqueles da escola pública. Estar bem sucedido e/ou realizado é projetado por 21,05% dos alunos da escola pública e 13,04% da escola particular.

De acordo com as respostas dos alunos da escola pública, a maior parte deles projeta estarem empregados num período daqui a dez anos, o que comprova o valor que o trabalho e o emprego têm no projeto profissional desses estudantes. Geralmente, para classes menos favorecidas financeiramente, o emprego é a garantia de acesso aos recursos necessários a sobrevivência. Para os alunos da escola particular, as respostas indicam que os mesmos projetam para o futuro em dez anos que estarão empregados e/ou com boa condição financeira. Essa condição reflete a expectativa de que os mesmos possam manter ou superar o padrão de vida que têm atualmente.

Com relação à categoria “feliz”, os alunos da escola particular apontam essa condição com mais frequência do que os alunos da escola pública. Podemos perceber essa distinção como sendo fruto da representação de um ideal de felicidade que perpassa por alcançar alguns objetivos como formação profissional, boa condição financeira, emprego e família.

A categoria “casamento” também ocorre em maior frequência entre os alunos da escola particular, podendo ser entendida como sendo a representação de estabilidade financeira alcançada, estando, por isso, mais incluída na perspectiva dos adolescentes da escola particular.

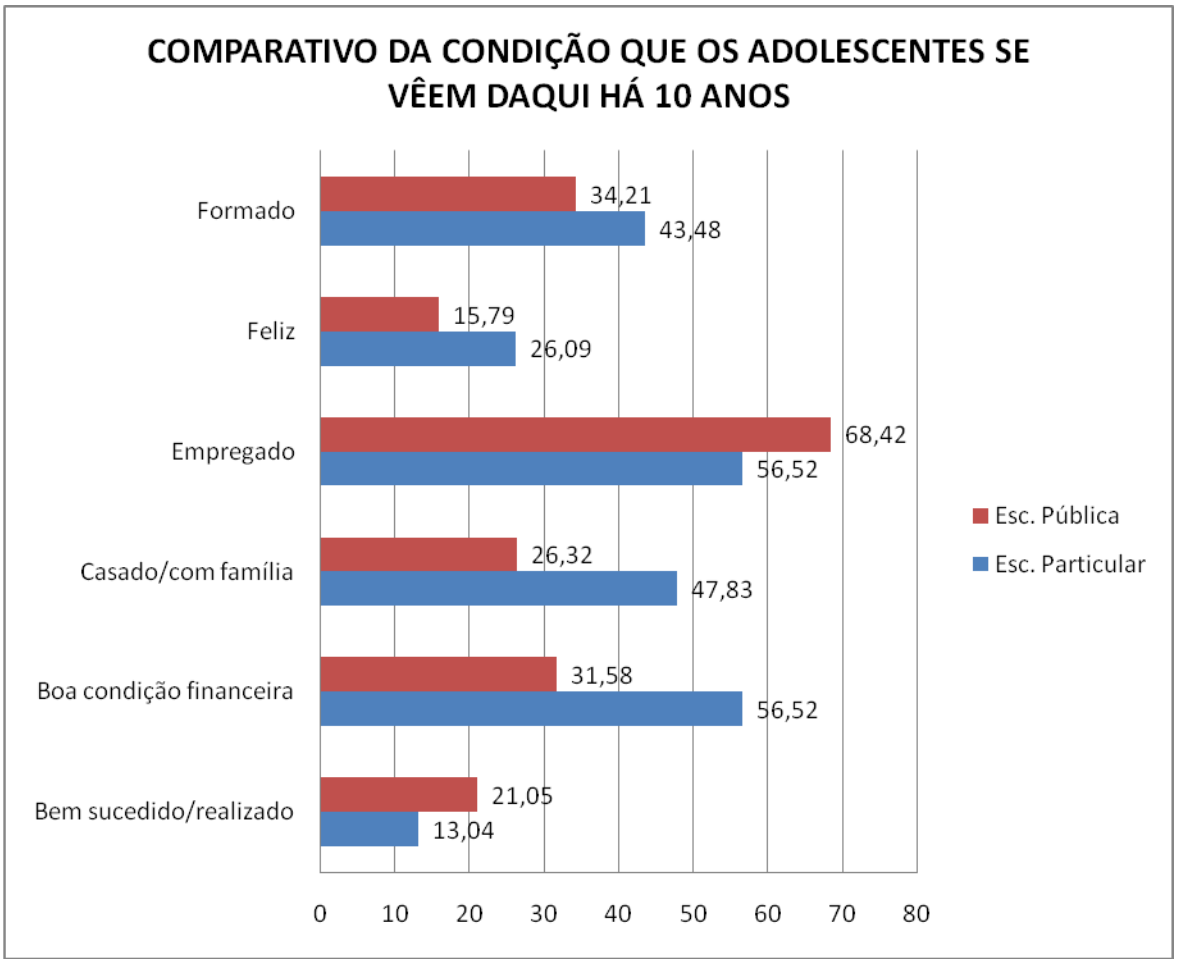

GRÁFICO 22 – Comparativo das condições que os adolescentes se veem daqui a 10 anos

Com relação ao projeto de vida dos adolescentes participantes da pesquisa, foram encontradas seis categorias que englobam os seus elementos componentes. São elas: ter boa qualidade de vida; ser feliz e/ou bem sucedido; ter família e/ou filhos; estudar e/ou obter formação profissional; conseguir um emprego e/ou ter sucesso profissional; e alcançar boa condição financeira e/ou econômica. Ao comparar as amostras estratificadas, verifica-se que estudar e/ou obter formação profissional é o elemento mais prevalente dos projetos de vida dos adolescentes da escola privada e da escola pública, com percentual de 69,57% e 68,42%, respectivamente. Conseguir um emprego e/ou obter sucesso profissional ocorre em 60,53% dos projetos de vida dos alunos da escola pública e em 39,13% dos projetos de vida dos alunos da escola particular. Alcançar boa condição financeira e/ou econômica está presente nos projetos de vida de 52,17% dos alunos da escola particular e em 21,05% dos projetos de vida dos alunos da escola pública. Ter família e/ou filhos é um objetivo presente em 43,48% das respostas dos alunos da escola particular e em 31,58% das respostas daqueles da escola pública. Ser feliz e/ou bem sucedido ocorre em 28,95% dos projetos de vida dos estudantes do

ensino público e em 17,39% dos projetos de vida daqueles do ensino privado. Ter boa qualidade de vida é apontado em 30,43% dos projetos de vida dos alunos da escola particular e em 13,16% dos da escola pública.

Ambos os grupos de alunos consideram o estudo/formação profissional como elemento mais importante para alcançarem seu projeto de vida. Nesse sentido, percebe-se que dão valor aos estudos mas, para os alunos da escola pública, é mais importante e necessário ter o emprego/sucesso profissional enquanto os alunos da escola particular almejam boa condição financeiro-econômica. Essa realidade reforça a hipótese de que os alunos da escola pública dependem primordialmente de alcançar o sucesso profissional por meio do emprego, enquanto, para os alunos da escola particular, os estudos vão possibilitar que eles tenham boa condição financeira. Para esses mesmos alunos, ter família e boa qualidade de vida também são aspectos importantes, pois a família traduz uma condição de estabilidade e a qualidade de vida se refere ao que os alunos vivenciam atualmente e que almejam manter ou superar. Ressalto que os alunos da escola pública também indicam como elementos do seu projeto de vida ter boa qualidade de vida e família. No entanto, ocorre com menor frequência do que com os alunos da escola particular.

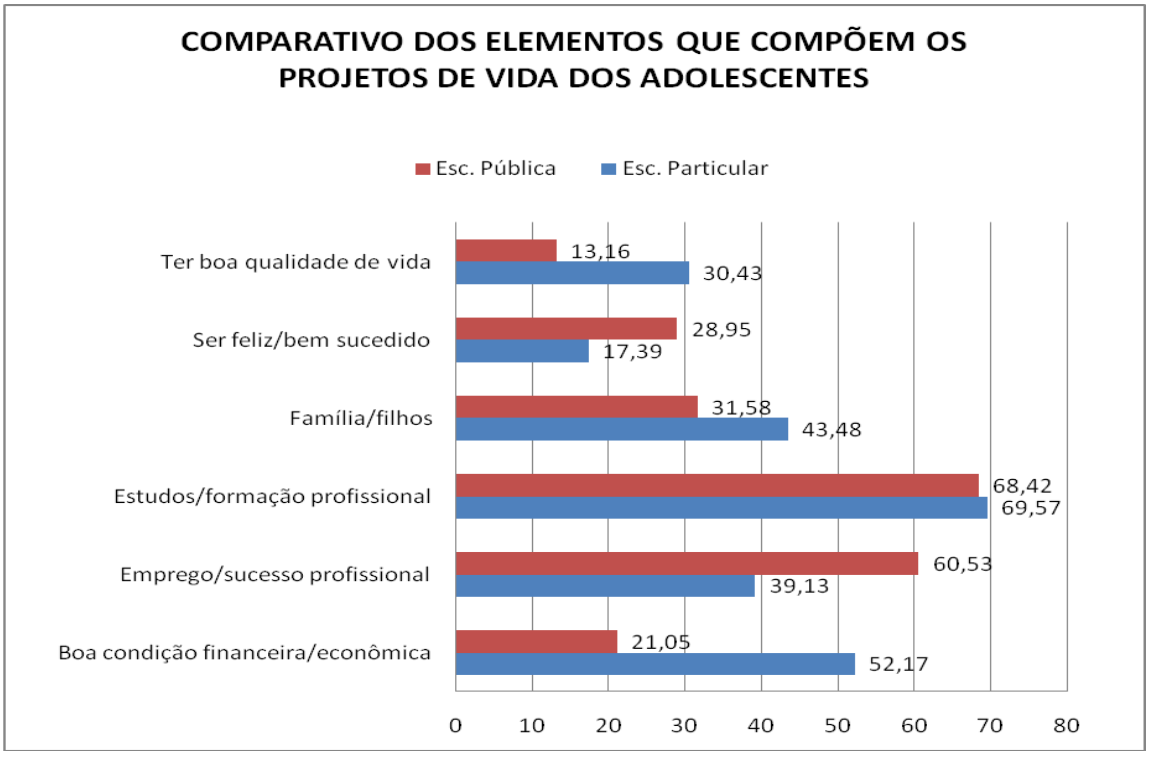

GRÁFICO 23 – Comparativo dos elementos que compões o projeto de vida dos adolescentes

Considerando quais pessoas e/ou fatores motivam os adolescentes na construção do seu projeto de vida, foram encontradas quatro categorias: amigos e/ou exemplos de terceiros que viveram as mesmas condições de vida do adolescente; familiares; professores e o próprio estudante. Ao comparar as amostras estratificadas, verifica-se que a motivação dos familiares para a construção do projeto de vida ocorre em 73,91% dos alunos da escola particular e em 65,79% dos da escola pública. A motivação vinda do próprio estudante é apontada por 47,83% dos estudantes do ensino privado e por 31,58% daqueles do ensino público. Ser motivado pelos amigos ou por terceiros na construção dos seus projetos de vida ocorre em 30,43% dos alunos da escola particular e em 13,16% dos da escola pública. A motivação vinda dos professores é indicada por 13,04% dos alunos da escola particular e por 2,63% daqueles da escola pública.

Os motivadores para a construção do projeto de vida entre os alunos das duas escolas são, em maior frequência, os seus familiares, o que reforça o peso que a influência e a expectativa da família têm sobre o projeto de vida desses adolescentes. Chama a atenção o fato de que o próprio estudante atue como motivador para o projeto, ocorrendo com maior índice entre os alunos da escola particular. Podemos considerar, aqui, que esses estudantes estão mais esclarecidos em relação ao seu projeto de vida, logo, cientes dos desafios e do percurso que precisarão percorrer para alcançar o objetivo que pretendem.

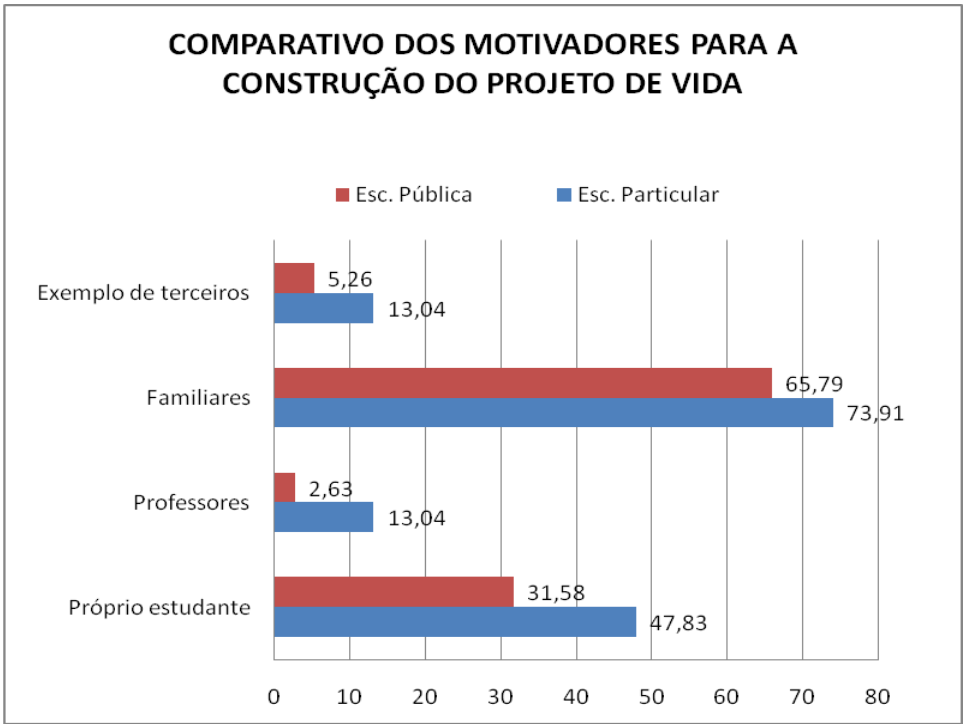

GRÁFICO 24 – Comparativo dos motivadores para a construção do projeto de vida

Considerando as respostas dos estudantes acerca da importância de se construir um projeto de vida, essas foram agrupadas em quatro categorias: para ter um foco e/ou objetivo; para ter melhor condição financeira; para planejar o futuro; para realizar sonhos e/ou se realizar. Ao comparar as amostras estratificadas, verifica-se que, para 56,52% dos estudantes da escola particular e para 23,68% dos estudantes da escola pública, a construção do projeto de vida é importante para ter um foco e/ou objetivo; para 36,84% dos alunos da escola pública e 21,74% dos da escola particular, construir um projeto de vida é importante para planejar o futuro; de acordo com 21,05% dos estudantes do ensino público e 8,70% daqueles do ensino privado, construir um projeto de vida é importante para ter melhor condição financeira; para 15,79% dos estudantes da escola pública e 8,70 % dos estudantes da escola particular, a construção do projeto de vida é importante para realizar sonhos e/ou se realizar.

Podemos considerar, aqui, que os estudantes da escola particular entendem que é preciso estabelecer um objetivo para secundariamente formular um planejamento para alcançá-lo. Desta forma, eles vão dispor os recursos disponíveis de acordo com sua necessidade. Já para os alunos da escola pública, é importante planejar o futuro, sem necessariamente ter um objetivo ou um foco específico. Podemos entender que esses alunos, assim como os da escola particular, estão preocupados em alcançar algo, no entanto, não indicam a necessidade prévia de estabelecer um objetivo. Trata-se de um planejamento que abrange mais fatores do que apenas o aspecto profissional, como anteriormente demonstrado pelos alunos da escola particular.

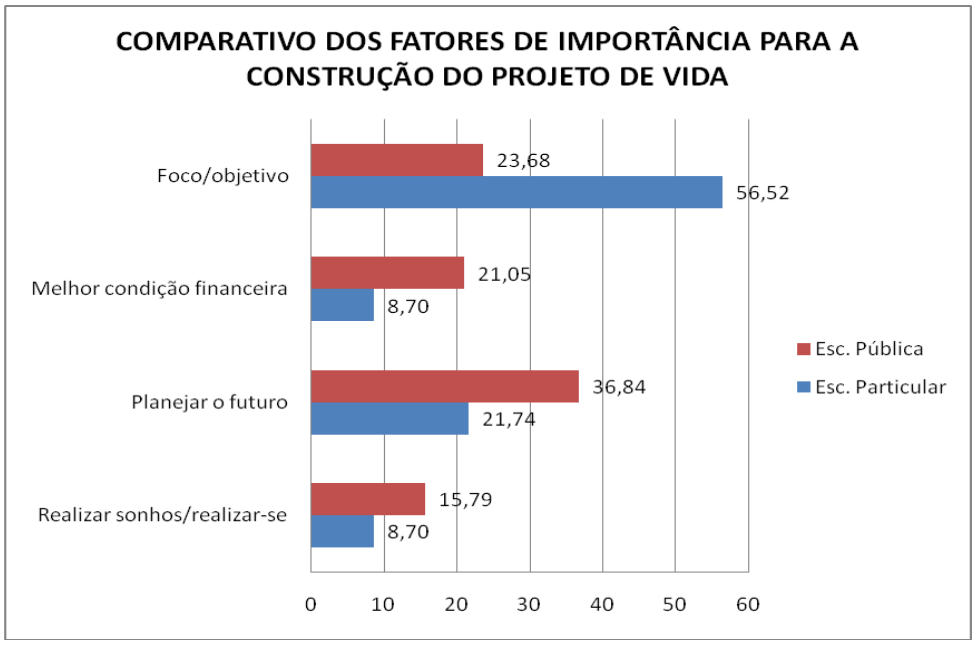

GRÁFICO 25 – Comparativo dos fatores de importância para a construção do projeto de vida

Considerando a amostra total para as respostas dos estudantes sobre como as escolas contribuem na construção de seus projetos de vida, é possível agrupá-las em quatro categorias: aconselhamento; formação educacional; formação social; palestras. Ao comparar as amostras estratificadas, verifica-se que, para 60,53% dos alunos da escola pública e 8,70% dos alunos da escola privada, a contribuição da escola na construção de seu projeto de vida ocorre por meio de palestras; para 52,17% dos alunos da escola particular e 13,16% daqueles da escola pública, a escola participa da construção de seu projeto de vida por meio da formação educacional; para 30,43% dos alunos do ensino particular e 10,53% daqueles do ensino público, a escola ajuda na construção de seu projeto de vida pela formação social oferecida; para 23,68% dos estudantes da escola pública e 13,04% dos da escola particular, a contribuição da escola em seus projetos de vida se dá por meio de aconselhamentos.

Os dados apontam que a escola privada contribui na construção dos projetos de vida dos adolescentes no aspecto da formação educacional e social. As respostas dos alunos dessa escola indicam claramente a percepção dos mesmos sobre a importância que a educação tem em seus projetos de vida, uma vez que eles dependem dessa formação para o possível ingresso no Ensino Superior. Devo ressaltar, ainda, que a escola privada tem como política principal preparar o aluno para o processo seletivo de um curso superior. Essas escolas frequentemente adotam como recurso de propaganda os resultados obtidos por seus alunos em vestibulares e exames de seleção, ou seja, há um evidente direcionamento ao nível superior.

No caso da escola pública, não há essa mesma política. Os alunos apontaram, com maior frequência, como contribuição da escola para seus projetos de vida, a oferta de palestras e aconselhamento. Essas palestras servem como orientação para aqueles alunos que desejarem ingressar no Ensino Superior, no entanto, não têm um caráter de continuidade. Dessa forma, os alunos têm acesso a um pequeno volume de informação de modo esporádico, que não é capaz de contemplar todos os requisitos necessários para uma orientação suficiente no sentido de preparar os estudantes para os exames de seleção. Cabe salientar que os alunos da escola pública apontam, com menor frequência que os da escola particular, a contribuição da escola em sua formação social.

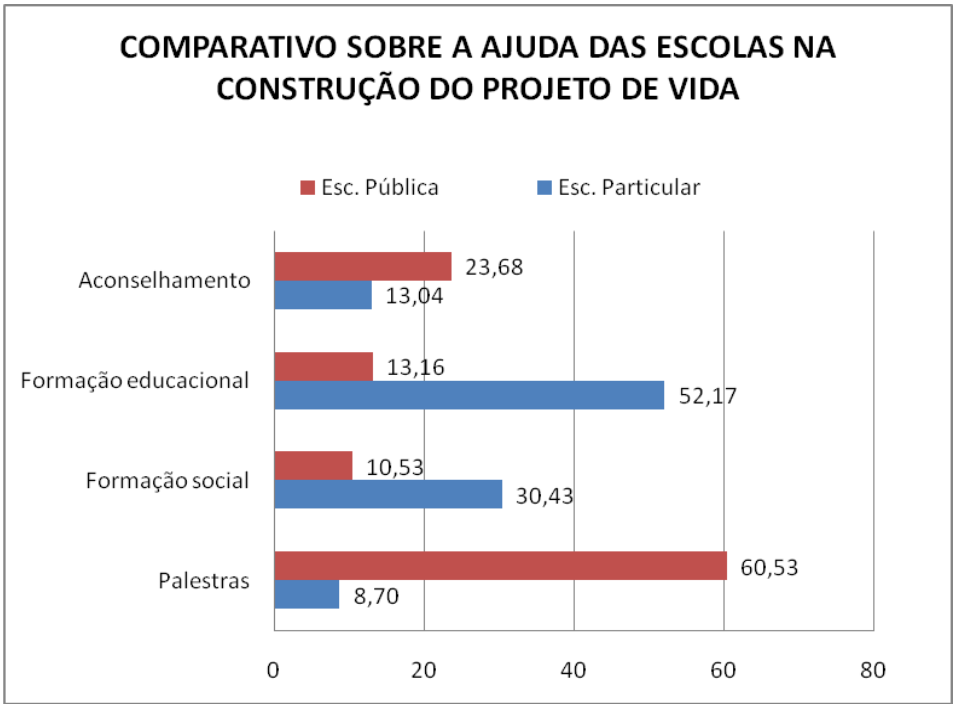

GRÁFICO 26 – Comparativo sobre a ajuda das escolas na construção do projeto de vida

3.2 Apreciação dos dados: cruzamentos e análise interpretativa

1) Alguns dos estudantes que participaram da pesquisa declararam ter trabalhado durante o período em que estiveram cursando o Ensino Médio. Tal informação foi cruzada com as respostas dos mesmos quanto ao que pretendem fazer ao terminarem o Ensino Médio. Dentre os alunos do ensino particular, 78,26% não trabalharam durante o período em que cursavam o Ensino Médio e tinham como planejamento prestar vestibular e continuar os estudos; a mesma resposta foi apontada por 36,84% dos estudantes do ensino público. 2,63% dos alunos da escola pública que não trabalharam iriam procurar um emprego ao término do Ensino Médio; 5,26% dos alunos da escola pública ainda não tinham decidido o que fariam ao encerrar essa etapa acadêmica, e 8,70% dos alunos da escola particular que não trabalharam fariam cursinho pré-vestibular.

Daqueles alunos que trabalharam menos de um ano, 4,35% da escola particular e 13,16% da escola pública pretendiam prestar vestibular e continuar os estudos; 2,63% dos alunos do ensino público fariam cursos profissionalizantes e outros 2,63% da escola pública iriam prestar vestibular e continuar trabalhando, como apresentado no Gráfico 27.

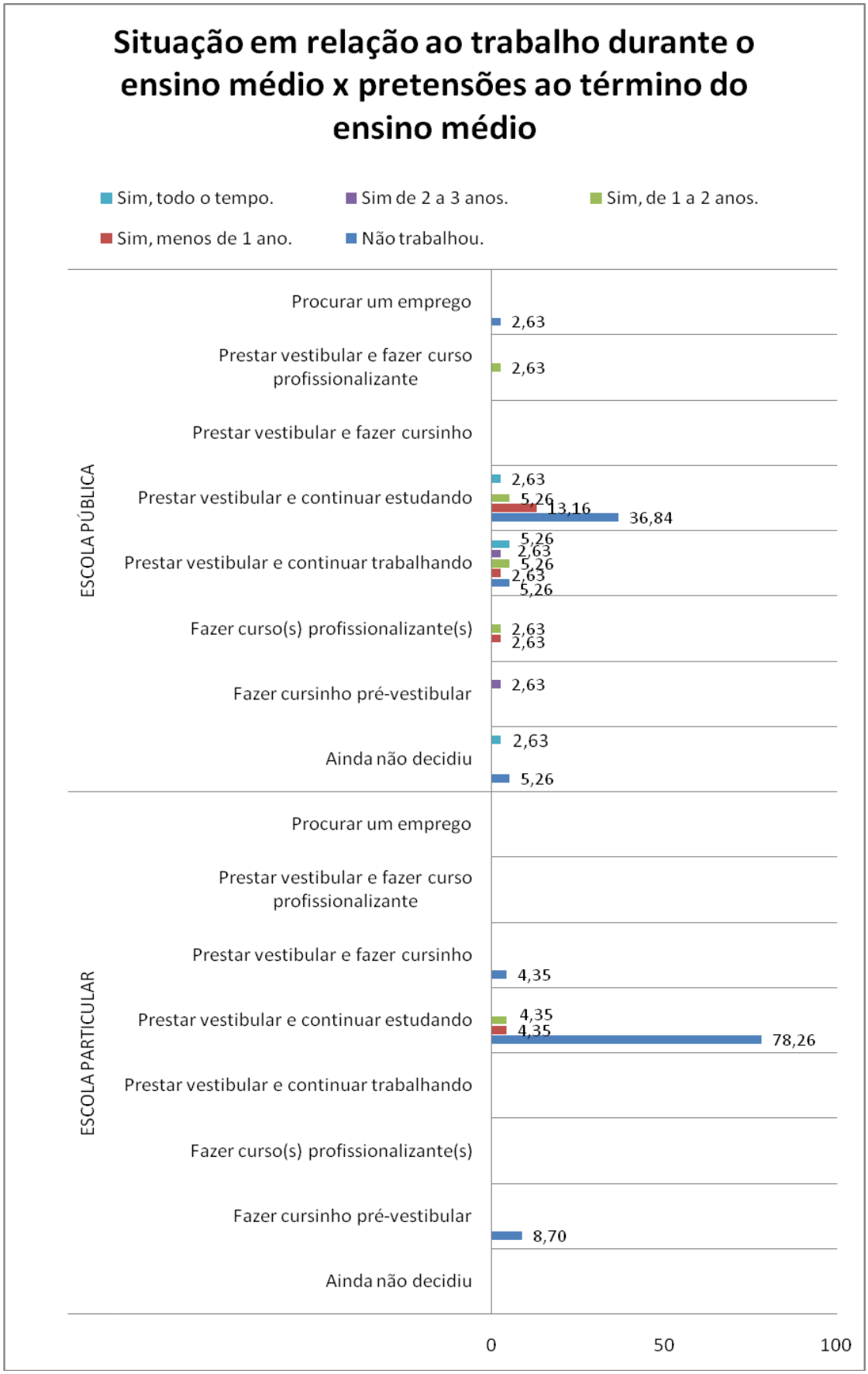

Gráfico 27 – Comparativo sobre situação em relação ao trabalho durante o Ensino Médio X pretensões ao término do Ensino Médio

Ainda no Gráfico 27, percebe-se que, dentre os estudantes que declararam ter trabalhado de um a dois anos durante o Ensino Médio, 5,26% da escola pública e 4,35% da escola particular iriam prestar vestibular e continuar os estudos. Para 2,63% dos alunos da escola pública, a opção seria fazer cursos profissionalizantes, 5,26% responderam que prestariam vestibular e continuariam trabalhando, e 2,63%, também da escola pública, teriam como opção prestar vestibular e fazer cursos profissionalizantes.

Alunos que trabalharam de dois a três anos durante o Ensino Médio ocorrem apenas entre os estudantes do ensino público, sendo que 2,63% optaram por fazer cursinho pré-vestibular e 2,63% por prestar vestibular e continuar trabalhando.

Alunos que trabalharam durante todo o período em que estiveram cursando o Ensino Médio também só ocorrem entre os estudantes da escola pública, sendo que 2,63% revelaram ainda não ter decidido o que fariam ao terminar a etapa acadêmica, e 2,63% iriam prestar vestibular e continuar trabalhando.

2) Ao cruzar os dados da pesquisa, verifica-se que, nas maiores faixas de renda familiar, de cinco a seis salários mínimos e maior que sete salários mínimos mensais, encontram-se os pais com maior nível de escolaridade. O maior nível de escolaridade verificado na pesquisa, pós-graduação, é verificado apenas nas duas maiores faixas de renda familiar, sendo 4,92% entre os pais com renda familiar de cinco a seis salários mínimos mensais e 9,84% entre os pais com renda familiar maior que sete salários mínimos. Pais com curso superior completo estão presentes nas três maiores faixas de renda, sendo 9,84% entre os pais com renda familiar maior que sete salários mínimos; 1,64% entre os que têm renda familiar de cinco a seis salários mínimos, e 8,20% entre os que apresentam renda familiar de três a quatro salários mínimos.

Na faixa de renda de um a dois salários mínimos, nota-se que 8,20% dos pais têm nível escolar de 1ª a 4ª série; 1,64% estudaram da 5ª à 8ª série; 1,64% têm o Ensino Médio incompleto e 6,56% o Ensino Médio completo. Nas duas menores faixas de renda, até um salário mínimo e de um a dois salários mínimos, não há pais com nível superior de ensino. O gráfico a seguir ilustra a distribuição dos pais de acordo com sua escolaridade e faixa de renda familiar mensal:

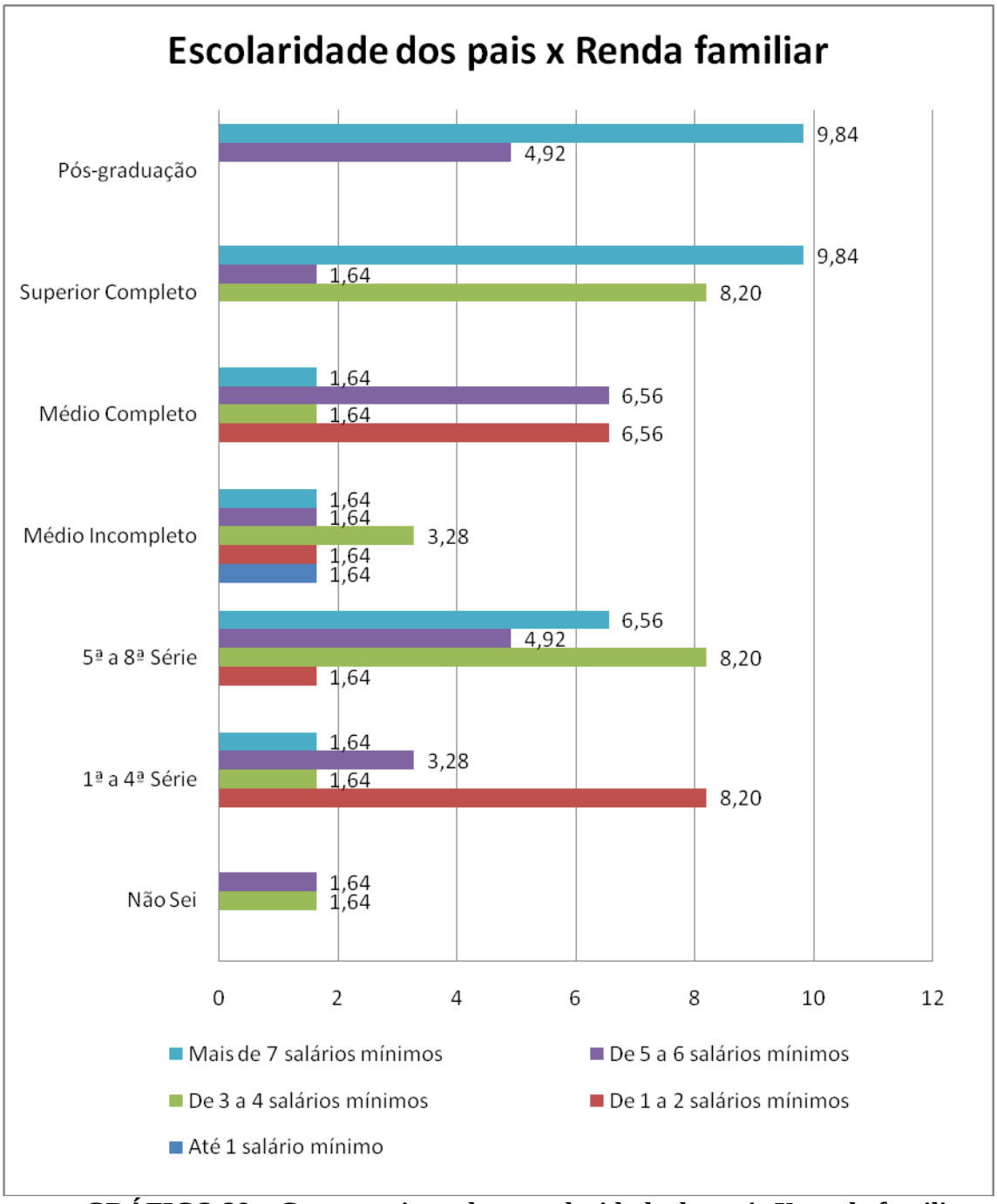

GRÁFICO 28 – Comparativo sobre escolaridade dos pais X renda familiar

A escolaridade das mães, assim como verificado com os pais, também é mais elevada entre as maiores faixas de renda familiar. Na faixa de renda de maior que sete salários mínimos, 8,20% das mães têm pós-graduação e 9,84% possuem curso superior completo. Na faixa de cinco a seis salários mínimos, 3,28% das mães são pós-graduadas e 9,84% têm diploma de curso superior. Dentre as mães, assim como ocorre com os pais, verifica-se que apenas aquelas com renda familiar maior que sete salários mínimos são pós-graduadas.

Na faixa de um a dois salários mínimos, verifica-se que 1,64% das mães têm curso superior incompleto; 6,56% concluíram o Ensino Médio; 1,64% têm o Ensino Médio incompleto; 3,28% estudaram de 5ª a 8ª série; 1,64% de 1ª a 4ª série; 1,64% não estudaram e 1,64% dos alunos não souberam responder o nível de escolaridade das mães. O gráfico a seguir ilustra a distribuição das mães em função da escolaridade e da renda familiar:

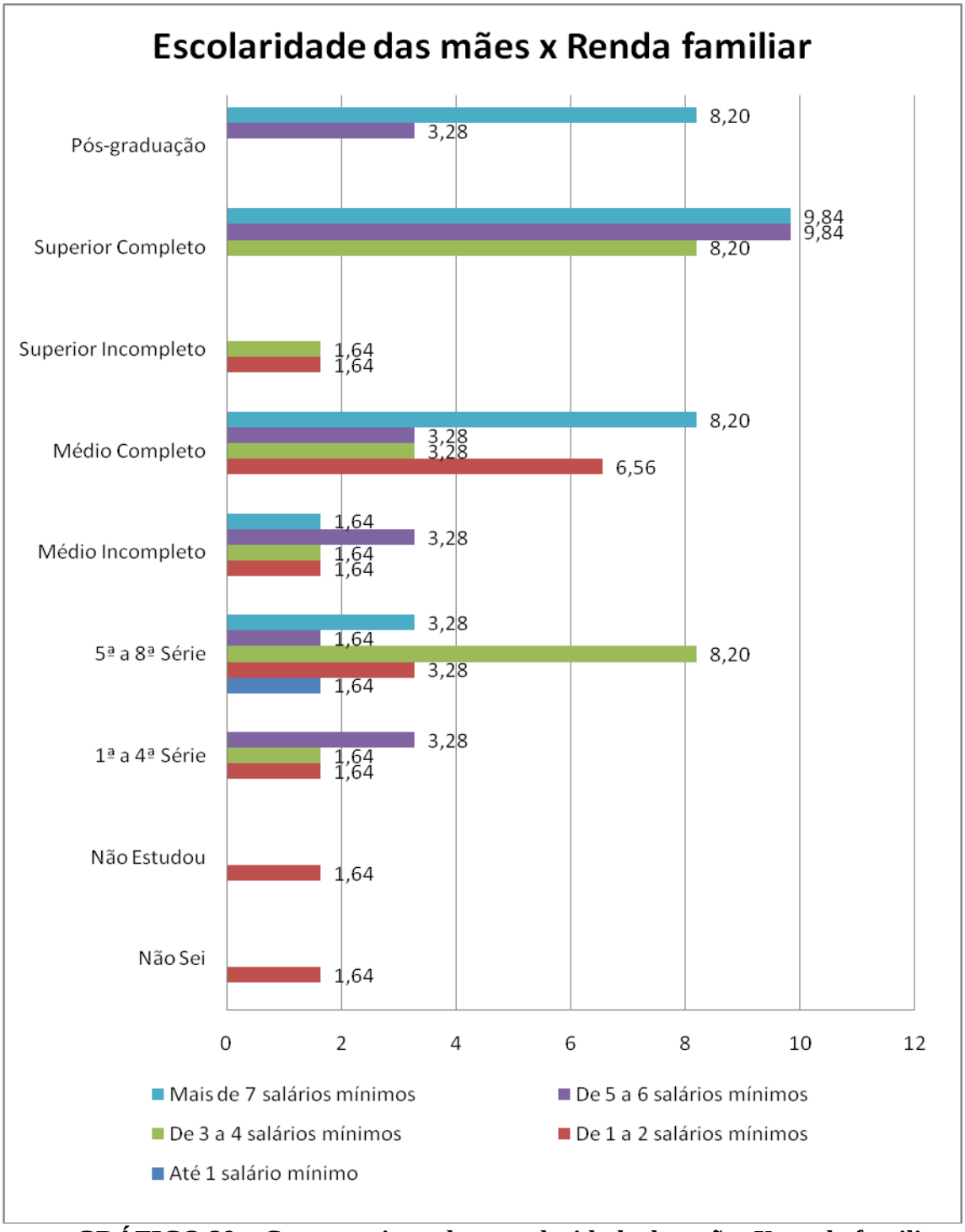

GRÁFICO 29 – Comparativo sobre escolaridade das mães X renda familiar

Os gráficos apresentados acima apontam que, nas maiores faixas de renda familiar se encontram, necessariamente, os pais com maior nível de escolaridade, com cursos superiores e pós-graduações. Esse fator indica que o investimento em estudo pode ser um determinante fundamental na condição social dos envolvidos na pesquisa, uma vez que profissionais com maior nível de escolaridade são mais bem remunerados em comparação àqueles com menor escolaridade.

Vale, ainda, destacar que, conforme apontado anteriormente nesta pesquisa, pais e mães com pós-graduação estão presentes somente entre os alunos da escola particular participante da pesquisa.

3) Ao avaliar a composição da renda familiar dos envolvidos na pesquisa, verifica-se que há diferenças entre o número de pessoas responsáveis por compor a renda das famílias. Entre as famílias de estudantes do ensino público, 5,26% das famílias são compostas por quatro pessoas que trabalham para compor a renda familiar, ou seja, todos os moradores, inclusive o estudante. O mesmo ocorre com famílias com três pessoas, 2,63% do total, e, também, com famílias com duas pessoas, 5,26% do total de famílias do ensino público. Somados, esses percentuais totalizam 13,15% de casas em que todos os moradores trabalham para garantir a renda familiar. Ressalte-se o fato de que, enquanto está trabalhando, o estudante não tem tempo para se dedicar aos estudos, o que corrobora para que seu rendimento seja prejudicado em relação aos demais, que dispõem desse tempo.

Com relação às famílias dos estudantes do ensino privado, não ocorrem casos em que todos os moradores de uma mesma casa tenham que contribuir para a renda familiar. Mais da metade das famílias, 52,17%, é composta por quatro pessoas, sendo que, dessas, duas são responsáveis pelo sustento. O gráfico a seguir representa o exposto:

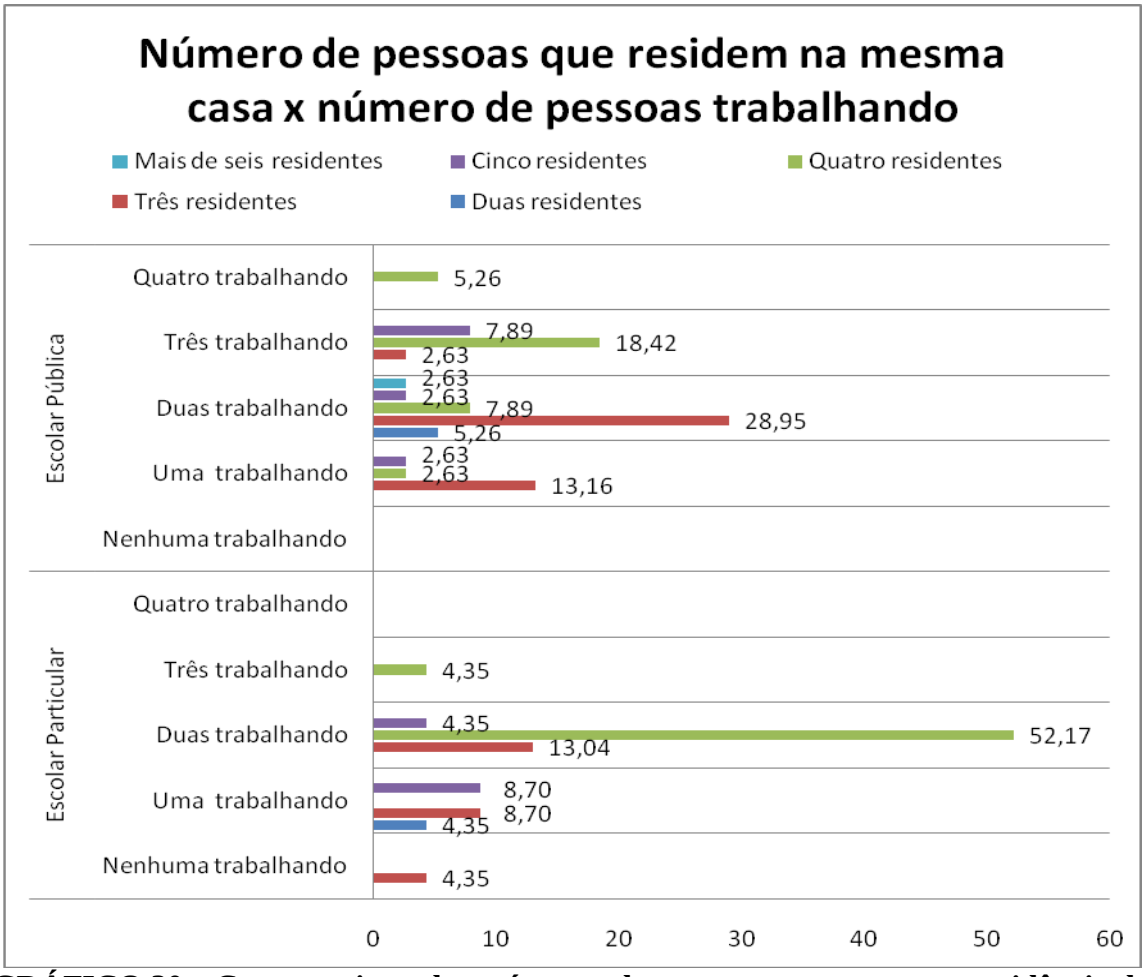

GRÁFICO 30 – Comparativo sobre números de pessoas que moram na residência do estudante X número de pessoas que trabalham

4) Ao decidir por um curso superior, o estudante é levado, também, a escolher a faculdade ou universidade onde fará o curso. Dentre as diversas opções de cursos e instituições de Ensino Superior apontadas pelos estudantes, em suas respostas quando questionados acerca de cursos e de universidades, um cruzamento permite facilmente perceber as preferências da maioria.

Entre os alunos da escola particular, 30,77% apontaram a UFMG como sua opção de universidade, para cursar Arquitetura, Engenharia Civil, Engenharia de Minas, Engenharia Mecânica, Medicina e Serviço Social.

Em seguida, aparece a UFU, com 12,82% da preferência dos estudantes da escola particular, que pretendem lá cursar Engenharia Civil, Engenharia Química, Medicina e Química Industrial.

Em terceiro, com 10,26%, encontram-se UFSJ, onde os a alunos pretendem cursar Engenharia Mecânica, Medicina e Serviço, e também a UFTM, com os cursos de Engenharia Ambiental e Medicina.

Somadas, essas quatro opções de universidades totalizam 64,10% das opções dos alunos da escola particular, demonstrando claramente a predileção dos mesmos pelas universidades federais e seus cursos.

Dentre os alunos da escola pública, 30,61% indicaram a opção por estudar no IFMG, para cursar Administração, Agronomia, Ciências Biológicas, algum curso da área da Engenharia, Engenharia da Computação, Engenharia de Produção, Matemática e Zootecnia. Ressalte-se, ainda, que estudantes que indicaram cursos que não existem no IFMG, como Astronomia, e que indicaram profissão como empresário, indicaram a opção pelo instituto.

Em segundo lugar na preferência dos alunos da escola pública, aparece o centro universitário UNIFOR, com os cursos de Arquitetura, Ciências Contábeis, Engenharia Civil, Fisioterapia, Matemática, Medicina Veterinária e Serviço Social. Nesse caso, também ocorre de alunos indicarem o centro universitário como sua opção, apesar de o curso pretendido não ser oferecido, a exemplo de Música e Psicologia.

A terceira opção mais citada pelos alunos do ensino público foi a UFMG, com seus cursos de Astronomia, Biomedicina, Ciências Biológicas, Engenharia de Controle e Automação, Engenharia de Produção e Medicina.

Somadas, essas três opções de instituição de Ensino Superior totalizam 69,39.

Nota-se uma clara distinção entre as opções de cursos/instituições de nível superior entre os alunos da escola particular e os alunos da escola pública. Enquanto os alunos do ensino privado preferem as grandes universidades federais, os alunos da escola pública optam pelo Instituto Federal e por um centro universitário que fica em uma cidade vizinha.

Nota-se, ainda, que, entre os alunos da escola particular, a opção pelo curso de Medicina é dominante, sendo a escolha de 46,15%. A segunda opção com mais escolhas é o curso de Engenharia Civil, com 12,82% de opções. Na terceira opção de curso com mais escolhas, temos Engenharia de Minas e Engenharia Mecânica, empatadas com 7,69% das escolhas.

Já entre os alunos da escola pública, o curso com o maior número de indicações de escolha é Agronomia, com 10,20% das opções. Em segundo lugar, empatados com 8,16% das escolhas, temos Ciências Biológicas e Engenharia de Produção. Na terceira opção de escolha dos alunos da escola pública, empatados com 6,12%, temos Administração e Engenharia Civil.

As tabelas a seguir ilustram a distribuição das opções de cursos dos alunos em função da opção de instituição de Ensino Superior:

TABELA 1 – Distribuição das opções de cursos dos alunos de escola particular em função da opção de instituição de Ensino Superior

ESCOLA PARTICULAR												
Profissão/Universidade	**Ciências Médicas**	**PUC-BH**	**UFF**	**UFMG**	**UFSJ**	**UFTM**	**UFU**	**UFV**	**UIT**	**Ulbra-TO**	**UNIFAL**	**UNIFEI**
Arquitetura				2,56								
Engenharia		2,56										
Engenharia Ambiental						2,56						
Engenharia Civil				5,13			2,56	2,56			2,56	
Engenharia de Minas				2,56				2,56		2,56		
Engenharia Mecânica				2,56	2,56							2,56
Engenharia Química			2,56				2,56					
Medicina	5,13			15,38	5,13	7,69	5,13		5,13		2,56	
Odontologia											2,56	
Química Industrial			2,56				2,56					
Serviço Social				2,56	2,56							

TABELA 2 – Distribuição das opções de cursos dos alunos de escola pública em função da opção de instituição de Ensino Superior

ESCOLA PÚBLICA											
Profissão/Universidade	**Não sei**	**IFMG**	**IME**	**UFMG**	**UFSJ**	**UFTM**	**UFU**	**UNIFOR**	**UNIFRAN**	**UNIRIO**	**UNIUBE**
Administração	2,04	4,08									
Agronomia		6,12				2,04	2,04				
Arquitetura								2,04			2,04
Artes Cênicas e Decoradora										2,04	
Astronomia		2,04		2,04							
Biomedicina				2,04							2,04
Ciências Biológicas		4,08		4,08							
Ciências Contábeis								2,04			
Empresário		2,04									
Enfermagem									2,04		
Engenharia		2,04									
Engenharia Ambiental						4,08					
Engenharia Civil			2,04					4,08			
Engenharia da Computação		2,04									
Eng. de Controle e Automação				2,04			2,04				
Engenharia de Produção		2,04		2,04		2,04	2,04				

Fisioterapia								4,08			
Matemática		2,04						2,04			
Medicina				2,04							
Medicina Veterinária								4,08			
Música					2,04			2,04			
Psicologia								2,04			
Serviço Social								2,04			
Zootecnia		4,08									

5) Ao serem questionados acerca das expectativas que tinham as suas famílias em relação ao futuro, os estudantes deram respostas que foram categorizadas e representadas de acordo com as seguintes categorias: bem sucedido, bom profissional/bom emprego, estude, seja feliz, me apóiam, e não tem expectativas. Essas expectativas da família, ao serem confrontadas com as expectativas que os próprios estudantes têm para o seu futuro daqui a 10 anos, revelam discrepâncias.

Dentre os alunos da escola particular, considerando aqueles que responderam que suas famílias esperam que os mesmos sejam bem sucedidos, apenas 16,67% projetaram serem bem sucedidos/realizados num prazo de 10 anos. Entre os estudantes da escola pública, esse número é ligeiramente maior, representando 28,57% de alunos que têm como expectativa da família ser bem sucedido e também projetar para si uma condição de bem sucedido/realizado em 10 anos.

Com relação à expectativa da família de que o estudante seja um bom profissional e/ou tenha um bom emprego, 57,14% dos alunos da escola particular que têm essa expectativa da família projetaram estar empregados em 10 anos. Entre os alunos da escola pública, esse índice é bem maior. 87,50% dos que têm como expectativa familiar ser bom profissional e/ou ter um bom emprego se imaginam empregados em 10 anos.

Segundo os estudantes, suas famílias têm como expectativa para o futuro que eles sejam felizes. 40,00% dos alunos da escola particular que declararam que sua família tem como expectativa que o mesmo seja feliz projetaram essa condição em 10 anos. Dentre os alunos da escola pública, o número é menor, e 33,33% dos estudantes que têm a felicidade como expectativa familiar se imaginam felizes daqui a 10 anos.

Outra expectativa das famílias é de que o aluno estude. Entre os alunos da escola privada, 60,00% dos que têm essa expectativa familiar projetam que em 10 anos estarão formados. Entre os alunos da escola pública, o índice é menor, e 25,00% dos que têm como expectativa familiar o estudo projetam estarem formados em 10 anos.

As respostas dos estudantes indicam que muitas famílias os apoiam em suas escolhas, demonstrando confiança nas decisões tomadas por eles. Dentre os alunos da escola particular que declararam ser apoiados em suas decisões, 80,00% projetam estar empregados, 80% imaginam ter boa condição financeira, 60,00% projetam estar formados e 60,00% acreditam que estarão casados/com família em 10 anos. Entre os alunos da escola pública que apontaram que suas famílias apoiam as suas decisões, 70,00% projetam estar formados, 40,00% planejam estar empregados, 10,00% se imaginam com boa condição financeira e 10,00% acreditam que estarão casados/com família.

Para alguns dos estudantes participantes da pesquisa, suas famílias não têm qualquer expectativa em relação ao seu futuro. Dentre os alunos da escola privada que consideram que suas famílias não têm expectativas para os mesmos, 50,00% projetam que estarão felizes, 50,00% imaginam que terão boa condição financeira e 50,00% acreditam que estarão casados/com família. Entre os alunos da escola pública que também entendem que suas famílias não têm expectativas em relação ao seu futuro, 50,00% projetam que estarão bem sucedidos/realizados, 50,00% imaginam que terão boa condição financeira e 50,00% acreditam que estarão empregados.

O gráfico a seguir ilustra o exposto acima:

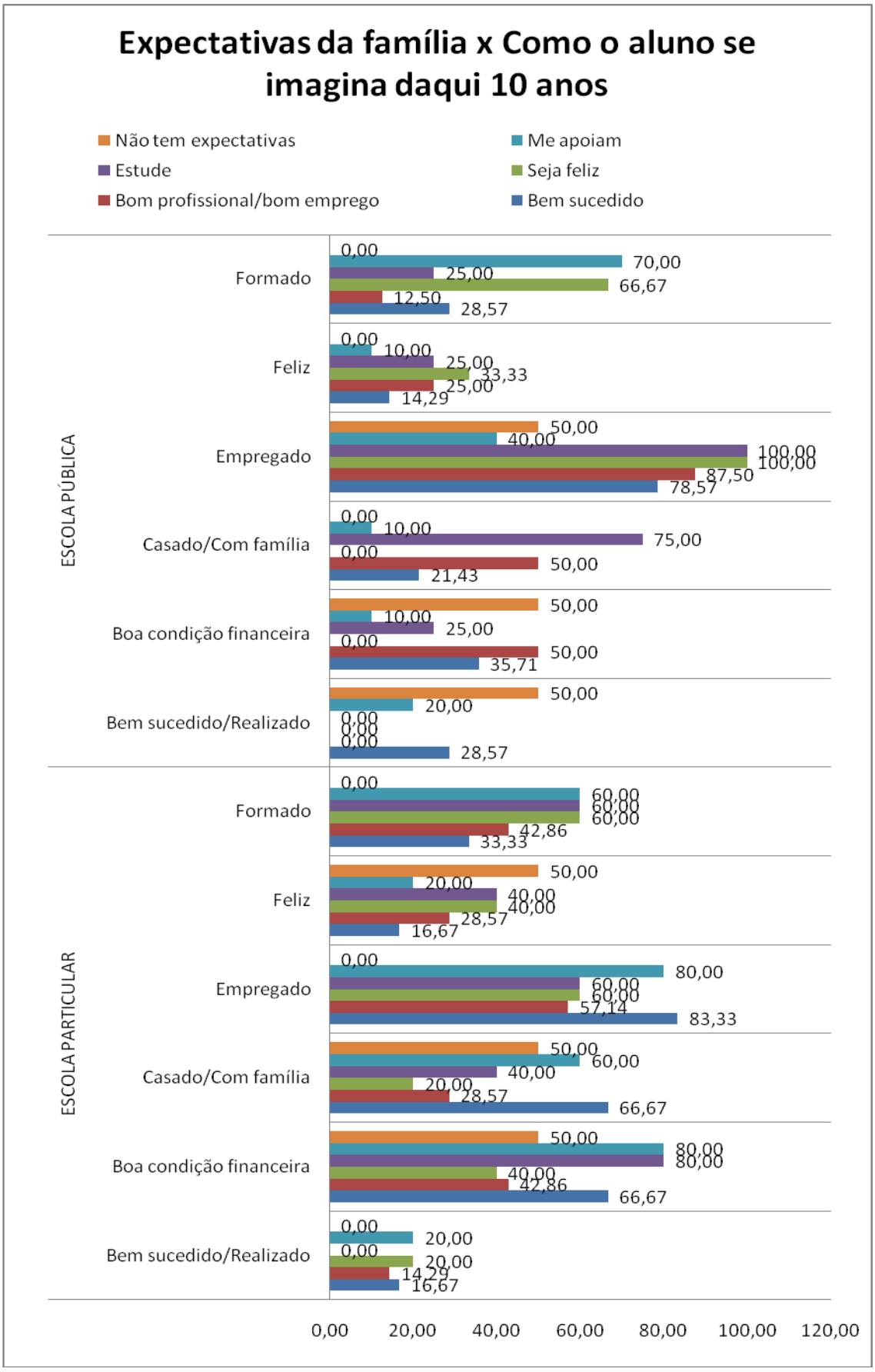

Gráfico 31 – Comparativo sobre as expectativas da família X como o aluno se imagina daqui 10 anos

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estimulada pela questão: “Quais são os projetos profissionais dos adolescentes do terceiro ano do Ensino Médio de Bambuí-MG”, procurei me esforçar ao máximo nesse percurso de dois anos para conseguir amenizar esse incômodo que teve início na graduação em Psicologia, especificamente, quando participei do projeto de Orientação Profissional Itinerante.

Procurei abordar essa problemática da forma que mais me identificava e sentia segura. Os autores, a escrita, a estrutura dissertativa, o questionário, os documentos, as análises, os gráficos e outros elementos foram construídos nessa base. Isso foi possível, pois tive uma grande liberdade, dada pelo meu orientador, e até mesmo pelas professoras da banca, para fazer minhas escolhas dentro daquilo que era possível e fidedigno. No final do processo, posso dizer que fiquei honrada e muito à vontade em estudar os elementos para a pesquisa e elaborar esse texto dissertativo. Foi um processo que não me gerou grandes medos e frustrações, a ponto de ficar paralisada diante do mestrado em si.

Na pesquisa de campo, também fiquei muito à vontade e agradecida, pois fui muito bem recebida pelas duas escolas. Os adolescentes também foram receptivos, não demonstraram contrariedade ou má vontade em responder o questionário, pelo contrário, apresentaram disponibilidade e curiosidade.

Enfim, durante esse percurso de estudo e do que foi elaborado no corpo teórico dessa dissertação, foi possível compreender que a adolescência geralmente é nomeada como sendo um período de vida em que o sujeito atravessa um processo marcado por transições, mudanças, encontros, desencontros que repercutem no próprio adolescente e naqueles que estão próximos, em especial sua família.

Uma das marcas mais significativas dessa fase é o início da escolha profissional. Essa escolha tem um peso para o sujeito, para a família e também para a escola. Pois é, por meio dela que o adolescente vai formar sua identidade ocupacional e revelar o que vai ser e como contribuirá para a sociedade. Nesse período, o adolescente vivencia, também, muitas perdas, sendo uma delas o término do Ensino Médio, perspectiva rumo a uma faculdade ou ao trabalho, ou, ainda a , um curso profissionalizante. Enfim, buscar o que fazer nesse período se torna, muitas vezes, uma “necessidade” tanto para o adolescente quanto para a família.

Ficou claro, para mim, que, mesmo que o adolescer tenha características comuns, há também uma pluralidade de formas, modos, jeitos, comportamentos, expressões, etc., que vão

ser únicos, vividos subjetivamente por cada adolescente. Acredito ser o sujeito adolescente um “guerreiro”, pois há muitas coisas que ele precisa enfrentar, pelo que lutar, trabalhar e “abrir mão”. Uma delas é a sua identidade infantil, juntamente com seu corpo e pais da infância. A busca pela autonomia, o confronto que, muitas vezes, gera dentro do sistema familiar por não ser considerado nem criança e nem adulto, também são obstáculos a serem vencidos. Essa trajetória, pela qual o adolescente precisa passar, é árdua e, muitas vezes, frustrante, principalmente quando não se tem o apoio dos familiares e pessoas queridas.

Não posso deixar de mencionar sobre a estruturação da identidade. Sabemos que a identidade é formada desde a nossa infância, ou melhor, no início da nossa vida, mas é na adolescência que ela se organiza. As identificações são de suma importância. O par parental, membros da família, amigos, mestres, ídolos e outros, serão a base dessas identificações, podendo assumir um lugar positivo ou não na vida do adolescente. Portanto, a identidade vai ser formada a partir das relações que estabelecemos entre nós e as pessoas que, de alguma forma, provocam sentidos e significados em nossas vidas.

Além da busca pela identidade adulta, o adolescente vai estabelecer sua identidade ocupacional, que é considerada um elemento da identidade do sujeito, associada à relação de personalidade. A formação da identidade ocupacional é um processo que se inicia cedo, quando os pais ou cuidadores já demonstram a relação que possuem com o trabalho e o modo como valorizam esse contexto. A identidade ocupacional tem como suporte a história de vida, as influências e os sentidos e significados que cada pessoa atribui às relações.

Como já dito, a escolha profissional é um momento marcante na vida do adolescente e, nos dias de hoje, um dificultador na hora de fazer essa escolha é a multiplicidade de carreiras pelas quais os adolescentes podem optar, o que os confunde mais ainda. O ato de escolher é sempre difícil pelas características da própria escolha: “quando digo sim a alguma coisa, digo não a várias outras”. Esse fato implica em um processo de luto pelas escolhas não feitas, nas possibilidades que poderiam acontecer e não serão efetivadas.

Além disso, a escolha está preenchida por uma mistura de valores, vontades, disposições, perfis socioeconômicos, desejos, modos de agir, perspectivas de vida, etc. O ato de escolher é importante na vida do adolescente, pois é por meio desse ato que se define, em parte, o futuro ocupacional do sujeito, suas possíveis conquistas, campo de trabalho, perspectiva financeira e o contexto social no qual o mesmo estará inserido.

Nesse momento, o adolescente não vai escolher só uma ocupação, mas também quem ele vai se tornar ao exercer tal profissão, o estilo de vida que terá e várias outras opções relacionadas a essa escolha. Pode-se dizer que a escolha da profissão é o modo pelo qual o

sujeito vai se inserir, ser e estar no mundo por meio do trabalho. Esse momento é atravessado por diferentes conflitos, que podem ou não gerar ansiedade, insegurança, medo, frustração e mudança de comportamento.

Outro fator que o adolescente precisa enfrentar é a influência da família, que pode ocorrer de diversas formas. Os pais, muitas vezes até sem perceber, transferem para seus filhos seus desejos em relação ao futuro, criando expectativas sobre os mesmos, cuja necessidade de atender vai depender do adolescente e do modo como essa expectativa está sendo vivenciada.

Acredito que a escolha da profissão tem que ter um significado, algo que vai fazer com que o adolescente se comprometa com sua escolha e acredite que ela será a melhor. Sei que não se trata de uma mera habilidade ou vocação, mas é compreender o porquê de tal escolha e o que ela representará na sua vida. Aí, sim, essa seria uma das formas mais saudáveis de se pensar no lugar social que ocupamos e que ainda vamos ocupar.

A família é a referência principal do adolescente. Portanto, a profissão, o mercado de trabalho, bem como a satisfação ou a frustração diante da profissão demonstrada pelos pais ou de pessoas próximas, influenciarão, de alguma forma, o modo de ver e perceber o contexto profissional pelo adolescente. Isso pode ser vivenciado de dois modos por ele: positivamente ou negativamente.

Luchiari (1996) também concorda com a afirmação supra, quando ressalta que:

> A escolha de uma profissão é o resultado de um processo que se desenvolve na medida em que o jovem cresce no seio da família, da escola e da sociedade. A escolha coloca em jogo a história de vida do jovem, sua posição dentro da família e desta dentro da sociedade. A profissão dos pais, dos avós e dos familiares mais próximos pode influenciar de maneira decisiva (p. 2).

A autora acrescenta, ainda, que:

> Nossas motivações e atitudes, por mais pessoais que possam parecer, revelam sempre ser a consequência e a expressão de uma vivência familiar correspondente a muitas gerações. A história vivida pela família é tão importante quanto a história genealógica. Tudo que acontece à família atinge cada um, e a atividade social de cada um influencia a imagem social do grupo (LUCHIARI, 1996, p. 3).

Para que o adolescente entenda melhor como a família interfere em sua vida, faz-se importante que o mesmo considere essas influências, sejam elas explícitas ou implícitas. O reconhecimento vai ajudar na separação do desejo dos pais do seu próprio desejo. Dessa

forma, o processo se torna mais positivo e construtivo do que quando o jovem nega tais influências ou até mesmo nem as percebe.

Quero deixar claro que a influência e as expectativas da família são importantes. Acredito ser fundamental que a família tenha expectativas sobre o futuro de seus filhos. Até mesmo porque, quando isso não acontece, corre-se o risco de os filhos não se sentirem importantes e nem amados pelos seus familiares. Quando ocorre essa indiferença, o filho pode ter seu desenvolvimento comprometido. O ideal é que haja um espaço para que o adolescente consiga elaborar seus desejos e vontades, com determinada autonomia e independência.

De acordo com as análises feitas a partir dos gráficos e diante de todo o recheio teórico da dissertação, os indícios revelam que o nível socioeconômico e educacional dos pais contribui para pretensão escolar e profissional dos filhos.

Luchiari (1996) menciona o quanto é marcante a expectativa dos pais nos projetos profissionais dos filhos quando afirma que os pais geralmente desejam que os filhos alcancem um nível superior ao seu. Eles fazem todos os esforços possíveis para que seus filhos estudem e obtenham um "diploma".

Por meio do elucidado pela autora, podemos concluir que os pais desejam e investem em seus filhos para que consigam uma vida melhor do que a suas. Então, a diferença dos "investimentos" irá se refletir nas escolhas desses meninos. Isso nos é revelado claramente na quantidade de alunos da escola particular que escolheram faculdades federais e cursos de maior prestígio e *status* social. Outro fator que pesa na escolha dos alunos da escola particular é a própria política da escola, que forma seus alunos não para cursos técnicos e para o trabalho em si, e, sim, para cursos superiores.

Para Luchiari (1996), a escolha dos filhos está dentro da linha familiar onde o que foi vivido pela família é parte fundamental nas representações que os jovens fazem de si mesmos, de suas aptidões para vencer numa determinada profissão e dos valores que são atribuídos às profissões.

É importante destacar, também, que a escolha de uma profissão e a possível entrada na universidade, aos que escolherem, vai ser um dos modos pelos quais os adolescentes vão concretizar seu projeto profissional e formar sua identidade ocupacional. Esse trajeto tem suas particularidades, dentre elas o modo como esses adolescentes vão elaborar e enfrentar as aflições, ansiedades, dúvidas, frustrações, conflitos durante o percurso universitário, decorrentes de inúmeros fatores, o que pode ocasionar mudanças significativas na vida dos mesmos. Mas, pensando na realidade apresentada pelo questionário, como ficará a

oportunidade referente ao projeto profissional apresentada pelos alunos da escola pública e dos alunos da escola particular?

Castanho (1988) nos ajuda a refletir sobre essa questão da oportunidade, ou melhor, da diferença de oportunidades quando diz que:

> Hoje pode-se preocupar com a possibilidade de escolher. Mas, dependendo das condições socioeconômicas, o jovem terá determinadas oportunidades de trabalho e não terá outras. Terá também que enfrentar alguns preconceitos enquanto jovens de outras classes enfrentarão outros preconceitos. As oportunidades não são as mesmas para todos, pois a estratificação social não permite uma mobilidade social absoluta. [...] É importante ressaltar que os aspectos psicológicos de uma escolha de profissão são apenas parte dos aspectos envolvidos. O status social é considerado um dos mais fortes determinantes da escolha. Outros aspectos importantes são a estrutura de oportunidades locais e as condições do mercado de trabalho (p. 67).

Soares (2002) também aponta essa diferença de oportunidades, porém de forma exemplificada:

> Para alguns, os fatores sociais, a questão do status da profissão, as melhores possibilidades do mercado de trabalho, podem ser os verdadeiros determinantes naquele momento da escolha. Para outros, querer agradar aos pais, seguindo aquela profissão esperada por eles, e muitas vezes com possibilidades de trabalho na empresa familiar, é o que se impõe como prioritário em sua decisão. Uma jovem pode querer, de forma autônoma fazer medicina, mas, por ser filha de família pobre, não tem condições de se sustentar num cursinho e depois numa faculdade. Nesse caso, são os fatores econômicos, sociais e culturais que impedem a sua realização profissional. Outras vezes, ainda é a falta de informação e esclarecimento dos pais e da escola, e o filho acaba escolhendo qualquer coisa só para poder inscrever-se no vestibular e não se excluir dessa etapa de sua vida escolar (p. 95).

Também posso dizer que não acredito que as oportunidades sejam iguais para ambos os estudantes – escola pública e privada. A realidade de vida deles é diferente e, consequentemente, o modo como pensam, elaboram e efetivam seu projeto profissional também será.

Portanto, não se pode acreditar que o acesso à escola levará à igualdade social, que todos terão o mesmo ensino e que aqueles alunos que se destacarem prosseguirão com sucesso. Entendo que esse sucesso não depende somente do desenvolvimento individual do aluno para alcançar o êxito escolar, mas de todo um conjunto macro – origem social, cultural, familiar e econômica. Diante desse fato, o que mais me incomoda é a limitação que cada um desses estudantes terá que enfrentar, pois, na pesquisa, os mesmos delimitaram seu projeto profissional de acordo com a realidade que os cerca. No caso dos alunos da escola privada,

eles contam com ajuda financeira de seus pais, e os da pública não. O fator econômico, quando não é um "problema", minimiza a limitação dos estudantes, que não precisam se preocupar com esse recurso, onde estudar, onde morar, como vão se sustentar, etc.

Não posso deixar de mencionar, também, o papel da escola na vida desses estudantes, principalmente como motivadora para o projeto profissional. Acredito que, da mesma forma que a expectativa familiar faz diferença na escolha profissional do adolescente, a expectativa da escola em relação aos seus alunos e aos seus projetos profissionais também é um dispositivo de peso e pode fazer toda a diferença, como já dito anteriormente.

É comum ouvir ou ler em jornais e em outros meios de comunicação sobre a qualidade do atual ensino público no Brasil, sendo que a maior parte das escolas privadas é considerada "melhor". Enfatizando as escolas selecionadas para a pesquisa, me marcou muito o gráfico que menciona a ajuda da escola em relação ao projeto de vida/projeto profissional dos seus estudantes. O resultado diz que a escola particular ajuda principalmente na formação escolar, e essa formação não aparece entre os alunos da escola pública.

Podemos refletir, através desses dados, o quanto a escola pode exercer diferente função na vida do adolescente, mesmo sendo regida por uma mesma Lei – LDB. A cultura que a escola pode oferecer vai fazer diferença na vida dos seus alunos, pois essa mesma cultura, que pode ter sido construída inicialmente no meio familiar, vai favorecer e facilitar na aprendizagem dos conteúdos e códigos escolares.

É importante destacar que, quando essa cultura é uma continuação da bagagem transmitida pela família, o estudante terá que continuar esse processo no decorrer do período escolar. Mas, quando essa transmissão não ocorre, a cultura terá um significado estranho e até mesmo distante para o aluno.

Uma das diferenças entre as escolas pode ser demonstrada pelo nível de investimento que cada uma delas deposita em seu grupo de alunos. Podemos associar esse investimento escolar ao investimento oferecido pela família. Se o grupo familiar não exige da escola grandes expectativas e ofertam investimentos em seus filhos, a escola, por si só, não fará isso sozinha. Por exemplo: em uma família com uma condição socioeconômica menor, que não tem como suportar financeiramente um futuro "prolongado" do filho e potencializar seus estudos, não vai exigir ou questionar a escola caso ela também não seja produtora de uma formação escolar de qualidade. Com isso, a escola vai perceber esse aluno como detentor de poucas chances para alcançar o sucesso escolar e ascensão profissional.

Dentro desse mesmo contexto, a família e a escola formam um elo, de tal modo, que seguem uma mesma ou parecida estrutura de objetivos que desejam atingir para filhos/alunos.

Aquelas família que esperam e investem no sucesso de seus filhos, consequentemente, vão "cobrar e andar de mãos dadas" com a escola para atingir suas expectativas e tentar garantir um futuro melhor. Então, a relação entre família e estudos influencia parcialmente nos resultados da formação do adolescente e no seu desenvolvimento escolar.

Considero que nem sempre esse elo com a escola seja possível para algumas famílias, por infinitos motivos. Destacando um deles, quando os pais ou responsáveis não têm tempo e nem condições de ajudar seus filhos no meio escolar, muito menos na sua formação profissional.

Nogueira e Nogueira (2002) contextualizam essa limitação familiar:

> No caso dessas famílias, nas quais esses recursos são reduzidos, tender-se-ia, naturalmente, a obter um retorno mínimo com os títulos escolares conquistados. Em resumo, no caso das classes populares, o investimento no mercado escolar tenderia a oferecer um retorno baixo, incerto e a longo prazo. [...] A vida escolar dos filhos não seria acompanhada de modo muito sistemático e nem haveria uma cobrança intensiva em relação ao sucesso escolar. As aspirações escolares desse grupo seriam moderadas. Esperar-se-ia dos filhos que eles estudassem apenas o suficiente para se manter (o que normalmente, dada a inflação de títulos, já significa, de qualquer forma, alcançar uma escolarização superior à dos pais). Essas famílias tenderiam, assim, a privilegiar as carreiras escolares mais curtas, que dão acesso mais rapidamente à inserção profissional. Um investimento numa carreira mais longa só seria feito nos casos em que a criança apresentasse, precocemente, resultados escolares excepcionalmente positivos, capazes de justificar a aposta arriscada no investimento escolar. Contrapondo-se às classes populares, as classes médias, ou pequena-burguesia, tenderiam a investir pesada e sistematicamente na escolarização dos filhos. Esse comportamento se explicaria, em primeiro lugar, pelas chances objetivamente superiores (em comparação as classes populares) dos filhos das classes médias alcançarem o sucesso escolar. As famílias desse grupo social já possuiriam um volume razoável de capitais que lhes permitiriam apostar no mercado escolar sem correr tantos riscos (p. 24).

Dessa forma, em se tratando da escolha profissional, podemos concluir que ela não é totalmente "livre e espontânea" pois, quando o adolescente fizer suas escolhas, ele vai se deparar com os aspectos psicosocioeconômicos que o cercam, a influência e a expectativa da sua família, a estrutura escolar/educacional que obteve, dos grupos que convive e dos valores e princípios interiorizados. Portanto, as diferenças culturais, socioeconômicas, subjetivas, entre outras, são elementos importantes para a composição da margem de possibilidades para cada um que escolhe.

A escolha profissional não é uma tomada de decisão simples. Pelo contrário, complexa pelo teor da essência do ato de escolher e dos aspectos que cercam esse ato e, também, por

acontecer normalmente no momento da adolescência. A necessidade de pensar sobre o futuro profissional e estabelecer um projeto profissional é praticamente uma “necessidade” demarcada pelo próprio adolescente, pela sociedade e pela família, ou seja, é o momento em que o adolescente deve se separar de sua família para demarcar seu próprio caminho.

Finalizando, reconheço o quanto esta pesquisa aponta novos questionamentos, reflexões e lacunas. Mas, em nenhum momento, tive a pretensão de esgotar o tema, fazer afirmações gerais ou mesmo confirmações inflexíveis de hipóteses que nunca poderiam ser saciadas. Portanto, espero que o resultado alcançado possa promover novas problemáticas de pesquisa, o que poderá ampliar ainda mais o arcabouço teórico sobre o projeto profissional do adolescente, bem como outros aspectos íntimos do tema, além de poder apontar novas perspectivas sobre o mundo adolescente.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Mauríco. **Adolescência normal:** um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artmed, 1991.

ALMEIDA, Maria Elisa Grijó Guahyba de; PINHO, Luíz Ventura de. Adolescência, família e escolhas: implicações na orientação profissional. **Psicologia clínica**. v. 20, n.2, p. 173-184, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-56652008000200013&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 15. out. 2012

BRASIL. **Constituição da república federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal, 1988. 292 p.

BOHOSLAVSKY, Rodolfo. **Orientação vocacional**: a estratégia clínica. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CARVAJAL, Guillermo. **Tornar-se adolescente:** a aventura de uma metamorfose: uma visão psicanalítica da adolescência. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

CASTANHO, Gisela M. Pires. **O adolescente e a escolha da profissão**. 5. ed. São Paulo: Paulus, 1988.

CIAMPA, Antônio da Costa. **A estória do Severino e a história da Severina**: um ensaio de psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1987.

DIAS, Maria Luiza. **Vivendo em família**: relações de afeto e conflito. São Paulo: Moderna, 1992.

DIAS, Maria Luiza. Família e escolha profissional. Em A. M. B. Bock (Org.), **A escolha profissional em questão**. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 1995

DAYRELL, Juarez. **O jovem como sujeito social.** Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n°24, Set/Dez, 2003.. http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782003000300004&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 10 out 2013

MARTINS, Gilberto de Andrade. **Manual para elaboração de monografias e dissertações**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

NOGUEIRA, C. M. M.; NOGUEIRA, M. A. Longevidade escolar em famílias de camadas populares – algumas condições de possibilidade. In: NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. **Família e escola**: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. Petrópolis: Vozes, 2002.

OSÓRIO, Luiz Carlos. **Adolescente hoje**. Porto Alegre: Artmed, 1992.

ROESCH, Sylvia Maria Azevedo. **Projetos de estágio do curso de administração**: Guia para pesquisas, projetos, estágios e trabalho de conclusão de curso. São Paulo: Atlas, 1996.

SOARES, Dulce Helena Penna. **O Jovem e a escolha profissional**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

SOARES, Dulce Helena Penna**.** A Escolha Profissional: **Do Jovem ao Adulto.** S.P: Summus, 2002.

SOARES-LUCHIARI, Dulce Helena. Os desejos familiares e a escolha profissional dos filhos. **Revista de Ciências Humanas.** Florianópolis: 1996. v. 14, n. 20, p.81-92. Disponível em: <https://journal.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/viewFile/23487/21155>. Acesso em : 15 out 2013.

STENGEL, Márcia. **Obsceno é falar de amor?** As relações afetivas dos adolescentes**.** Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2003.

STENGEL, Márcia. O exercício da autoridade em famílias com filhos adolescentes. **Psicologia em Revista.** Belo Horizonte: 2011. v. 17 n° 3. Disponível em http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/P.1678-9563.2011v17n3p502/3773 Acesso em: 15 out 2013.

APÊNDICES

APÊNDICE A - PROJETO DE VIDA DOS ADOLESCENTES

QUESTIONÁRIO

INSTRUÇÕES:

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa sobre o projeto de vida dos adolescentes. Sua participação é voluntária e você não precisa se identificar. O objetivo desta pesquisa é compreender quais são os projetos de vida dos adolescentes do terceiro ano do Ensino Médio.

1) Identificação:_____Sexo: ( )feminino( )masculino
Idade_____

2) Somando a renda das pessoas que moram com você, quanto é,aproximadamente, a renda mensal familiar?
( ) Até 1 salário mínimo (622,00 reais) ( ) De 1 a 2 salários mínimos ( ) De 3 a 4 salários mínimos ( ) De 5 a 6 salários mínimos ( ) Mais de 7 salários mínimos

3) Até quando seu **pai** estudou?

( ) Não estudou.
( ) Da 1ª à 4ª série do ensino fundamental
( ) Da 5ª à 8ª série do ensino fundamental
( ) Ensino médio incompleto.
( ) Ensino médio completo.
( ) Ensino superior incompleto.
( ) Ensino superior completo.
( ) Pós-graduação.
( ) Não sei.
Até quando sua **mãe** estudou?

( ) Não estudou.
( ) Da 1ª à 4ª série do ensino fundamental.
( ) Da 5ª à 8ª série do ensino fundamental.
( ) Ensino médio incompleto.
( ) Ensino médio completo.
( ) Ensino superior incompleto.
( ) Ensino superior completo.
( ) Pós-graduação.
( ) Não sei.

4) Profissão da mãe:_____Profissão do pai:_____

5) Com quem você mora
( )Mãe e Pai ( )Avó e Avô ( )Tios(as) ( ) Outro (quem)_____

6) Você tem irmãos? ( ) Não ( ) Sim, quantos? _____

7) Qual o lugar, entre os filhos, você ocupa (por exemplo: 1º, 2º):_____

8) Quantas pessoas moram em sua casa? (Contando com seus pais, irmãos ou outras pessoas)
( )Duas pessoas ( )Três ( )Quatro ( )Cinco ( )Mais de seis ( )Moro sozinho(a).

9) Das pessoas que moram na sua casa, quantas trabalham.
( )Uma ( )Duas ( )Três ( )Quatro ( )Cinco ( )Todas .

10) Você trabalhou ou teve alguma atividade remunerada durante o Ensino Médio?
( )Sim, todo o tempo ( )Sim, menos de 1 ano. ( )Sim, de 1 a 2 anos. ( )Sim, de 2 a 3 anos. (...)Não.
De que trabalhou ou trabalha_____

11) O que vai fazer quando concluir o Ensino Médio?
( ) Prestar vestibular e continuar os estudos para entrar no Ensino Superior
( ) Procurar um emprego.
( ) Prestar vestibular e continuar a trabalhar.
( ) Fazer curso(s) profissionalizante(s) e me preparar para o trabalho.
( ) Trabalhar por conta própria / trabalhar em negócio da família.
( ) Fazer cursinho pré-vestibular.
( ) Ainda não decidi

12) Qual é a nota que você se da enquanto aluno de Ensino Médio (1 a 5), sabendo que 5 é a maior nota.

( )Um ( )Dois ( )Três ( )Quatro ( )Cinco

13) Quais os elementos que você acha importante para construir seu futuro (projeto de vida)?

_____

_____

_____

14) Quais são os desafios (econômico, afetivo, social, intelectual e outros) que você enfrenta para realizar seu projeto de vida?

_____

_____

_____

15) Qual a expectativa que sua família tem sobre seu futuro?

_____

_____

_____

16) Qual a carreira profissional que você quer seguir?_____

17) Qual a carreira que seus pais gostariam que você seguisse?_____

18) Em qual universidade você se vê estudando?_____

19) O que você pretende conquistar que ainda não conseguiu (pensando no seu projeto de vida)?

_____

_____

_____

20) Se você pudesse mudar alguma coisa na sua trajetória escolar o que faria diferente?

_____

_____

_____

21) Como você se imagina daqui a 10 anos?

_____

_____

_____

22) Qual é o seu projeto de vida?

_____

_____

_____

23) O que e/ou quem motivou você a construir/planejar seu projeto de vida?

_____

_____

_____

24) Por que você acha importante construir/planejar seu projeto de vida?

_____

_____

_____

25) Como sua escola ajuda você a pensar/construir/planejar seu projeto de vida?

_____

_____

_____

APÊNDICE B - TERMO DE COMPROMISSO

Declaro, para os devidos fins, estar ciente da realização da pesquisa ENTRE A OPORTUNIDADE E A SEGREGAÇÃO: estudo sobre o projeto de vida dos adolescentes do terceiro ano do Ensino Médio de Bambuí/MG sob a responsabilidade do orientador Dr. Gilberto Aparecido Damiano (CPF 045.017.388-71) e da orientanda/pesquisadora Mayra Fernanda Silva de Souza (CPF 088.028.636-95).

A pesquisa tem como propósito de pesquisar quais são os projetos de vida dos adolescentes do terceiro ano do Ensino Médio do município de Bambuí sob dois eixos: oportunidade e segregação.

Declaro, ainda, que conheço e cumprirei com os preceitos éticos, garantindo tempo necessário para o desenvolvimento da referida pesquisa e autorizando sua execução.

BAMBUÍ, _____ ,_____,_____

_____

Cooperativa de Ensino – Rede Pitágoras/Escola Estadual João Batista de Carvalho

APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, Carteira de Identidade ou CPF_____, Telefone _____ responsável pelo aluno(a)_____ da Escola Cooperativa de Ensino – Rede Pitágoras, declaro que concordo que meu filho participe do projeto de pesquisa do Departamento de Ciências da Educação da Universidade Federal de São João Del-Rei chamado ENTRE A OPORTUNIDADE E A SEGREGASÃO: estudo sobre o projeto de vida dos adolescentes do terceiro ano do Ensino Médio de Bambuí/MG sob a responsabilidade do orientador Dr. Gilberto Aparecido Damiano (CPF 045.017.388-71) e da orientanda/pesquisadora Mayra Fernanda Silva de Souza (CPF 088.028.636-95).

Sinto-me esclarecido(a) para participar voluntariamente da pesquisa, sentindo-me livre para, a qualquer momento, retirar meu consentimento de participação, sabendo também que me é garantido o anonimato. Participo, por tanto, com meu consentimento livre e esclarecido, e por isso firmo o presente Termo.

_____

Assinatura pai, mãe e/ou responsável

Bambuí, ____ / _____ / _____.

APENDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto: ENTRE A OPORTUNIDADE E SEGREGAÇÃO: estudo sobre projeto de vida dos adolescentes do terceiro ano do Ensino Médio de Bambuí/MG.

Prezado(a) aluno(a): você está sendo convidado a participar de uma pesquisa sobre Projeto de Vida de Adolescente de Bambuí/MG sob a orientação do prof. Dr. Gilberto Aparecido Damiano (CPF 045017388-71; damiano@ufsj.edu.br). A sua identidade será mantida em sigilo em todo o processo de pesquisa.

Você foi selecionado(a) porque pode ajudar a fornecer informações para a pesquisa. A sua participação é voluntária, você não terá nenhum gasto e também não receberá nenhum pagamento por participar desse estudo.

Você pode se recusar a responder perguntas ou se retirar do estudo em qualquer momento, sem qualquer prejuízo ou obrigação.

A sua participação nesse estudo consiste em responder questionários semi-estruturados, ser entrevistado ou participar de reuniões sobre o tema. Esse material será guardado pela pesquisadora por cinco anos, ao final dos quais serão destruídos.

Os resultados ou qualquer outro esclarecimento relacionado a esse estudo poderão ser fornecidos para você ou para sua família pela pesquisadora:

Ao assinar esse documento você declara estar de acordo em participar do estudo e declara estar esclarecido(a) sobre o mesmo.

Bambuí,____/___/____

_____

Assinatura do(a) aluno(a)

_____

Assinatura do(a) RESPONSÁVEL/CPF

_____

Assinatura da pesquisadora/orientanda.

Mayra Fernanda Silva de Souza - CPF 088028636-95
Olo Torres, 435 – Sion – Bambuí/MG – mayrafs@bol.com.br – (37) 99381289